CRB

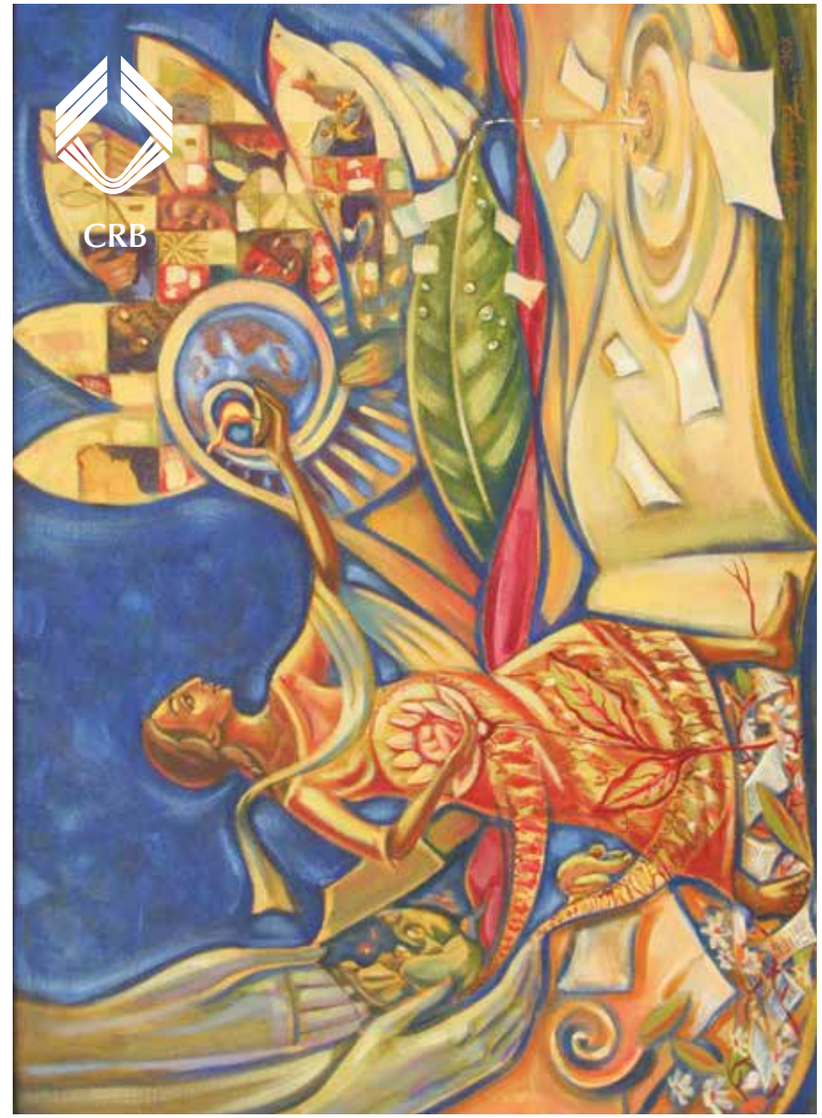
Quadro Programático da CRB 2007-2010

HORIZONTE

Em meio às profundas transformações e grandes desafios que envolvem a humanidade hoje, ouvimos a Palavra de Deus que nos interpela: avancem (Ex 14,15). Acolhemos esta Palavra como discípulas e discípulos de Jesus Cristo, na mística da encarnação e no testemunho profético a serviço da vida, especialmente a dos pobres e excluídos, partilhando, com espírito missionário, a razão da nossa esperança (1Pd 3,15).

PRIORIDADES

1. Reafirmar o compromisso da VRC no serviço à vida, diante das grandes questões sociais e ambientais; e fortalecer a inserção nos meios populares e em novos espaços de solidariedade e cidadania.
2. Cultivar uma espiritualidade encarnada e profética, centrada na Palavra de Deus e na mística do discipulado, aberta à diversidade cultural, religiosa e de gênero.
3. Dinamizar a formação inicial e continuada diante da mudança de época, de forma integral, humanizante e geradora de novas relações.
4. Ampliar as alianças intercongregacionais, as redes e parcerias, na formação e na missão, e intensificar a partilha dos carismas com leigos e leigas.
5. Buscar novas formas de aproximação e presença junto às juventudes.



JANEIRO/FEVEREIRO 2010 • XLV • nº 428

CONVERGÊNCIA

- Por uma Vida Religiosa místico-profética a serviço da vida
- Diante da densidade do futuro
- Vida Consagrada e teologia latino-americana. Celebração da CLAR
- Uma dracma perdida foi reencontrada. Celebramos a festa do reencontro com a Palavra de Deus
- As contribuições da Vida Religiosa à Teologia da Libertação para o futuro

Sumário

Editorial

Júbilo que fortalece a esperança. "*Este é o meu filho amado*; nele está o meu agrado" (Mt 3,17) 1

Artigos

Por uma Vida Religiosa místico-profética a servico da vida
Pedro Ricardo Barreto Jimeno 5

Diante da densidade do futuro
Ignacio Madera Vargas 22

Vida Consagrada e teologia latino-americana. Celebração da CLAR
J. B. Libanio 38

Uma dracma perdida foi reencontrada. Celebramos a festa do reencontro com a Palavra de Deus – Lucia Weiler 64

As contribuições da Vida Religiosa à Teologia da Libertação para o futuro
Bárbara P. Bucker 97

CONVERGÊNCIA
Revista mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil – CRB
ISSN 0010-8162

DIRETORA RESPONSÁVEL
Ir. Márian Ambrosio, dp

REDATORA RESPONSÁVEL
Ir. Maria Juçara dos Santos, fdz
MTb 8105

EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO
Coordenadora:
Ir. Vera Ivanise Bombonatto, fsp

Conselho editorial:
Ir. Helena Teresinha Rech, sst
Ir. Maria Freire, icm
Pe. Cleto Caliman, sdb
Pe. Jaldemir Vitório, sj
Pe. Roberto Duarte Rosalino, cmf

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
SDS, Bloco H, n. 26, sala 507
Ed. Venâncio II
70393-900 - Brasília - DF
Tels.: (61) 3226-5540
Fax: (61) 3225-3409
E-mail: crb@crbnacional.org.br
www.crbnacional.org.br
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do PDF sob o n. P. 209/73

Tradução:
Ir. Paulo Lari Dullius, fsc – artigos das pp. 5, 22 e 97

Projeto gráfico:
Manuel Rebelato Miramontes

Revisão:
Cirano Dias Pelin e Sandra Sinzato

Impressão:
Gráfica de Paulinas Editora

Os artigos assinados são de responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Assinatura anual para 2010: Brasil: R$ 84,00
Exterior: US$ 84,00 ou correspondente em R$ (reais)
Números avulsos: R$ 8,40 ou US$ 8,40

Das mãos da Trindade... O caminho do discipulado...

A ilustração da capa, de Anderson S. Pereira, traz como ponto de partida as mãos da Trindade, de onde surge o modelo humano de seguimento de Jesus em comunidade, expresso na tenda que recorda a dimensão itinerante da comunidade cristã – tenda como lugar onde acolhemos o Peregrino Ressuscitado, assim como o acolheram os discípulos de Emaús (Lc 24,13-35).

Ao longo da caminhada histórica dessa comunidade de discípulos que é a Igreja, surgem várias propostas de seguimento de Jesus, vivenciadas na diversidade das congregações e espiritualidades aqui representadas nas vestes da mulher.

A CRB Nacional é representada pela figura da mulher em marcha. Ela caminha tendo um dos pés na memória de um passado construído com a vida e o testemunho de tantas pessoas e comunidades que a constituem, e escrito em várias páginas entre flores e espinhos; enquanto o outro pé avança rumo ao "novo", em que páginas em branco simbolizam a história que ainda será escrita e construída a partir dos desafios do futuro.

Com uma das mãos a mulher sustenta a vida expressa na flor/útero, gestada no chão da história entre alegrias e dores, que ela carrega em seu seio como projeto para construção do Reino de vida que se concretiza. Com a outra mão ela segura a lâmpada que ilumina a realidade e expressa a ação de anúncio/denúncia e ação solidária.

Além da tenda, vemos, junto à caminhada dos religiosos/as presentes na veste da mulher, uma pessoa debruçada, atitude que evoca a Leitura Orante da Palavra de Deus. Já o pingo d'água presente no desenho brota da folha da esperança como orvalho sobre o deserto e gera ondas. Da flor do ventre, expressa na vida de uma criança, a pessoa, o microespaço, surge a grande flor que tem como centro o mundo, as estruturas, o meio ambiente a dimensão macro da realidade.

A flor apresenta alguns elementos, rostos que compõem a diversidade de realidade na qual a Vida Religiosa se faz presente. Perpassando todo o desenho, uma faixa vermelha simboliza o projeto do Reino que como sangue sustenta a vida e é presença do Espírito Criador e Salvador que impulsiona e sustenta a caminhada da vida religiosa no Brasil e no mundo.

Ir. Anderson Augusto de Souza Pereira, msc

Júbilo que fortalece a esperança. "*Este é o meu Filho amado*; nele está o meu agrado" (Mt 3,17)

A atual etapa da humanidade, na qual se insere a VRC, é caracterizada pelas mudanças culturais, políticas, econômicas, sociais, eclesiais e religiosas, mesmo que isto possa por vezes passar meio que desapercebido para alguns. Contudo, para continuar sendo significativa em nosso país, no continente e no mundo, a VRC precisa saber situar-se nesta nova sociedade do conhecimento e da comunicação, e aí responder aos anseios, inquietudes e aspirações do ser humano em geral e, de modo especial, aos apelos e clamores dos sujeitos emergentes destes novos cenários.

No contexto atual, a VRC místico-profética da América Latina e do Caribe está aberta ao diálogo com o passado, como o fez durante o Congresso de Vida Religiosa e Teologia Latino-Americana por ocasião da comemoração dos 50 anos da CLAR. Neste mesmo contexto, a VRC místico-profética se abre também ao diálogo com o presente e o futuro em fidelidade criativa ao Reino, amando até o martírio (cf. Jo 13,1).

Somos sempre de novo convocadas(os) a empreender o caminho da justiça, da verdade, da paz, da bondade e do amor, o caminho do Reino, caminho que se faz passo a passo, "junto com", "lado a lado", solidariamente, em comunidade. Somos chamados a embarcar rumo à santidade. Este chamado do Deus da Vida nós o recebemos dentro da Igreja Católica. Esta, por natureza sendo católica, portanto universal, acolhe sem distinção nem exclusão de sua parte. Já do lado de quem deseja embarcar nesta viagem, naturalmente é preciso observar o desejo de se integrar, e a vontade

de buscar os meios para ser de fato alguém que persegue a santidade.

Recordamos as palavras de João Batista Libanio durante o Congresso Teológico da VRC da América Latina e do Caribe, publicadas na íntegra nesta edição de *Convergência*:

> Tanto a teologia como a VC vivem a fé pensada, refletida, rezada, vivida na Igreja. Daí a mútua relação entre ambas. A fé cristã se faz a mediação, o lugar de encontro entre ambas ou a ponte que as interliga. Assim, a VC, como fé vivida, influencia a teologia, fé pensada, e esta, por sua vez, marca a VC.

Para pertencer de fato à VRC dentro da Igreja Católica, a(o) "candidata(o) à santidade" deve, portanto, aprender a reconhecer os valores proclamados e vividos pela Instituição e, em seguida, proclamá-los por palavras e com a própria vida. A(o) religiosa(o) vive a fé não de forma ingênua. Alimenta-a, fortalece-a, reflete-a e a faz presente em sua oração e em sua jornada rumo à santidade, no dia a dia da sua missão.

Se fomos fundados em época distinta da atual, certamente cabe rever, atualizar e criativamente projetar nossa inserção no mundo. Tal inserção é exigente, necessária e urgente. Temos de fazer uma leitura atualizada dos elementos constitutivos do nosso estilo de vida: dos votos, da fé, da teologia da Vida Consagrada e do seguimento de Jesus.

Irmã Lucia Weiler, idp, em sua palestra durante o Congresso supracitado, expressou maravilhosamente a alegria do jubileu, uma caminhada de busca da santidade de tantos Religiosos e Religiosas durante meio século na América Latina e no Caribe. Diz ela que

> celebrar cinquenta anos de caminhada da CLAR é colocar-se na esteira dessas pessoas, fazendo memória dos acontecimentos marcantes do passado, acolhendo-os no presente, para assumir com alegria e responsabilidade o nosso futuro, religiosas e religiosos na América Latina e no Caribe. Aliás, muito para além de nosso continente temos irmãs e irmãos inseridos neste vasto mundo, nossa casa comum como missionárias e missionários do Reino de Deus.

E conclui Irmã Lucia entrelaçando a celebração alegre dos cinquenta anos da CLAR com a parábola da dracma perdida e reencontrada, narrada no Evangelho de Lucas (Lc 15,8-10). "Portanto nada de triunfalismo, mas a humilde atitude do reencontro promove a convocação, a reunião, a festa, a celebração com um simples motivo: 'Alegrai-vos comigo! Encontrei a moeda que tinha perdido'."

Ao apresentar, nesta edição de *Convergência*, algumas das palestras do Congresso, a CRB une-se às Religiosas e aos Religiosos do continente que ajudaram a fazer do Congresso teológico um momento de revisão, celebração e projeção. Irmã Bárbara P. Bucker, mc, em sua palestra, destacou "As contribuições da Vida Religiosa à Teologia da Libertação, para o futuro", observando consequentemente que a VRC é feita de partilha, de reciprocidade, de um dar e receber constante. Ainda nas palavras de Irmã Bárbara, secundando João Paulo II, "a VR se realiza dentro da vida laical, mas tem, por sua vez, como identidade definida, a vocação à santidade, que é comum a todo o Povo de Deus, porém confere à VR seu sinal característico".

Celebramos o Jubileu dos 50 anos da CLAR com um belíssimo, importante e significativo Congresso teológico. Recordamos uma vez mais, com imensa alegria, este Congresso teológico realizado em Bogotá ao transcrever nesta edição de *Convergência* o encanto das palestras de Ignacio Madera Vargas, sds, que nos situa "Diante da densidade do futuro", e de monsenhor Pedro Ricardo Barreto Jimeno, sj, que nos desafia para "Uma Vida Religiosa místico-profética a serviço da vida".

Celebramos meio século de vida da CLAR, um tempo de júbilo. Júbilo pelo encontro e reencontro. Júbilo pelo Encontro/Revelação com o Deus da Vida, durante cinquenta anos, em sua Igreja presente na América Latina e no Caribe, e que tem nas Religiosas e nos Religiosos operárias(os) fiéis, missionárias(os) dedicadas(os) e místicas(os) empenhadas(os)

em fazer o Reino acontecer. Júbilo pelo reencontro constante com a Palavra, que foi iluminando a caminhada e que esperamos ilumine nossos passos sempre. Júbilo pela presença constante do Deus Uno e Trino que se revela nas Escrituras, em nossa realidade e na vida da Igreja – Povo de Deus. Júbilo pela leitura e pela escuta que a CLAR pôde promover nestes cinquenta anos, leitura e escuta tanto da realidade quanto da Palavra. Diversos instrumentos da CLAR facilitaram esses processos de aproximação entre realidade e Sagrada Escritura, e desses destacamos apenas o mais recente projeto da Leitura Orante da Palavra.

Nosso júbilo, finalmente, se transforma em esperança. Esperança de que nos próximos cinquenta anos as Religiosas e os Religiosos da América Latina e do Caribe continuem trilhando os caminhos da santidade e revelando ao mundo a santa presença de Deus. E isto concretizaremos ao fazer ressoar em todo o continente, por palavras, atitudes e testemunho pessoal e comunitário, a Verdade eterna do Pai: "Este é o meu Filho amado; nele está o meu agrado" (Mt 3,17).

Irmão Paulo Petry, fsc
Presidente da CLAR –
Confederação Latino-Americana e Caribenha de Religiosos e Religiosas

Por uma Vida Religiosa místico-profética a serviço da vida

Pedro Ricardo Barreto Jimeno, sj*

Ao encerrar este Congresso da Vida Religiosa e Teologia Latino-Americana da CLAR, desejo oferecer algumas reflexões que fortaleçam a graça e a decisão de caminhar juntos "por uma vida religiosa místico-profética a serviço da vida".

Vou iniciar com alguns textos do Magistério da Igreja que fundamentam minha exposição: "A vida consagrada, arraigada desde muito tempo nos povos da América Latina, é um dom que o Espírito concede cem cessar a sua Igreja como 'meio privilegiado de Evangelização eficaz'" (*EN*, n. 69)" (*Documento de Puebla* [*DP*], n. 739) e "constitui elemento decisivo para sua missão" (*Documento de Aparecida*[*DAp*], n. 216). Por isso, "comprometemo-nos a trabalhar para que nossa Igreja Latino-americana e Caribenha continue sendo, com maior afinco, companheira de caminho de nossos irmãos mais pobres, inclusive até o martírio" (*DAp*, n. 396).

Mística e profecia

A experiência de Deus na pessoa humana é essencialmente profética. O verdadeiro profeta é um místico, e a mística autêntica deve derivar em profecia. Isaías escuta Deus e fala em seu nome em favor de seu povo, anunciando-lhe sua libertação: "Consolai, consolai o meu povo!", diz o vosso Deus. Falai ao coração de Jerusalém, anunciai-lhe: seu cativeiro terminou, sua culpa está paga,..." (Is 40,1-2).

Os profetas do Antigo Testamento anunciam e denunciam porque partem de uma profunda e familiar experiên-

* **Pedro Ricardo Barreto Jimeno** é jesuíta, Arcebispo Metropolitano de Huancayo (Peru). Ingressou na Companhia de Jesus em 31 de maio de 1961 e realizou seus estudos de Filosofia na Faculdade da Companhia de Jesus de Alcalá de Henares, Espanha, 1965-1967, e de Teologia no Seminário "Santo Antonio Abade", de Cusco, e na Faculdade Pontifícia e Civil de Lima, 1969-1972. Possui, também, o título de Educador pelo Instituto Pedagógico Champagnat, de Lima. Sua ordenação episcopal foi em 1º de janeiro de 2002. Em 17 de julho de 2004, o Papa João

cia de Deus em suas vidas. O escolhido se sente tocado por Deus, surpreendentemente próximo, que confia nele para que seja "sinal de contradição e de esperança" num mundo conflitivo e desanimado.

A mística profética é o rosto sempre atual do seguimento de Cristo de todo discípulo-missionário: em sua pessoa e em sua inserção numa comunidade de referência e na missão evangelizadora da Igreja.

A Igreja, e especialmente a Vida Religiosa, desde a centralidade da pessoa de Cristo, tem como missão os seguintes aspectos, que, de per si, se implicam mutuamente:

1. ANUNCIAR a comunhão de Deus com a humanidade e das pessoas entre si em Jesus Cristo, que "é o rosto humano de Deus e o rosto divino do homem". Este anúncio inclui abrir horizontes no tempo e no espaço. "O povo que andava na escuridão viu uma grande luz, para os que habitavam as sombras da morte uma luz resplandeceu"(Is 9,1). Isaías antecipa a alegria do Reino de Deus, personificado em Jesus, que está presente e atuante no meio de nós: "[...] 'Eu sou a luz do mundo. Quem me segue não caminha nas trevas, mas terá a luz da vida'" (Jo 8,12). E um sinal inequívoco de sua presença é: "os pobres são evangelizados". Esta é nossa missão: oferecer a Boa-Nova aos pobres e excluídos da sociedade, porque, "se não há esperança para os pobres, tampouco haverá para aqueles chamados ricos" (João Paulo II, *Pastores do Rebanho*, p. 57).
2. DENUNCIAR as injustiças, produto do pecado pessoal e social. A partir da experiência pessoal de Deus indicam-se com clareza os sinais da maldade incrustados no coração da pessoa, de todas as pessoas, e nas estruturas de pecado que afetam a sociedade, especialmente os pobres. Deus diz a Ezequiel, e hoje a nós: "[...] Eles dizem entre si: 'Vinde, vamos escutar qual é a palavra que vem da parte do SENHOR!'. Acorrem a ti e se assentam em tua frente como o povo costuma fazer. Escutam tuas palavras mas não as põem em prática. Na boca deles estão as lisonjas que fazem, mas é em busca de rapina que vai o coração" (Ez 33,30-33).
3. DISCERNIR os "sinais dos tempos". O cristão deve viver a mística dos "olhos abertos" e "ouvidos atentos" para contemplar a realidade e escutar a voz do Senhor, que nos fala por meio da sua Palavra e dos acontecimentos quotidianos da humanidade e, de uma maneira especial, dos que nos rodeiam. Trata-se de descobrir o querer de Deus e levá-lo à ação. "Se observardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor, assim como eu observei o que mandou meu Pai e permaneço no seu amor" (Jo 15,10). É, em suma, colocar em prática a Palavra de Deus, que é Jesus Cristo, no *hoje* da história da salvação.
4. ACOMPANHAR as desesperanças e os desalentos. "Só a proximidade que nos faz amigos nos permite apreciar profundamente os valores dos pobres de hoje, seus legítimos desejos e seu modo próprio de viver a fé. A opção pelos pobres deve conduzir-nos à amizade com os pobres" (*DAp*, n. 398). Por isso, "solicita-se dedicarmos tempo aos pobres, prestar a eles amável atenção, escutá-los com interesse, acompanhá-los nos momentos difíceis, escolhê-los para compartilhar horas, semanas ou anos de nossa vida, e procurando, a partir deles, a transformação de sua situação. Não podemos esquecer que o próprio Jesus propôs isso com seu modo de agir e com suas palavras: 'Quando deres um banquete, convida os pobres, os inválidos, os coxos e os cegos' (Lc 14,13)" (*DAp*, n. 397).

Mística profética de Jesus: o Reino de Deus

Para Jesus, só o Reino é absoluto, tudo mais é relativo (*Evangelii Nuntiandi*, n. 8). Ele mesmo nos indica em que consiste a missão da Igreja: "Buscai o Reino de Deus e a sua justiça e tudo mais vos será dado por acréscimo". Jesus foi um apaixonado do Reino de Deus porque tem em seu coração e em sua vontade colocar em prática a vontade do

Paulo II nomeou-o Arcebispo Metropolitano de Huancayo. **Endereço do autor:** Arzobispado de Huancayo, no Peru. E-mail: arzohyo@hotmail.com.

Pai: "Como meu Pai me ama, assim também eu vos amo. Permanecei no meu amor" (Jo 15,9).

> "O prazo se cumpriu. O Reino de Deus está chegando. Convertam-se e creiam no Evangelho" (Mc 1,15). A voz do Senhor continua a nos chamar como discípulos missionários e nos interpela a orientar toda a nossa vida a partir da realidade transformadora do Reino de Deus que se faz presente em Jesus (*DAp*, n. 382).

Somos chamados a ser "discípulos-missionários" de Jesus colocando em prática sua espiritualidade a partir do anúncio do Reino de Deus. Esta é a essência da mística profética de Jesus, de todo cristão e, em especial, da Vida Religiosa, "para que nele nossos povos tenham vida".

Vida Religiosa: transparência de Deus

A característica fundamental da Vida Religiosa precisa continuar sendo esta: o encontro pessoal com Jesus Cristo e a plena consagração ao Deus da vida e da esperança, oferecendo-lhe tudo o que somos e fazemos em nossa vida quotidiana, inseridos numa comunidade para a missão.

A experiência de Deus é a chave para a Vida Religiosa e para a vida cristã em geral. Como dizia Karl Rahner há mais de quarenta anos: "O cristão do futuro será místico ou não será cristão". A experiência da fé já não se sustenta a partir de uma cultura e de Tradições reconhecidas como cristãs. Sustenta-se na busca constante de Deus a partir de um encontro muito pessoal com Jesus Cristo. "Aqueles que serão seus discípulos já o buscam (cf. Jo 1,38), mas é o Senhor quem os chama: 'Segue-me' (Mc 1,14; Mt 9,9)" (*DAp*, n. 278a). A partir desta experiência fundante o seguimento de Jesus tem sentido especialmente na Vida Religiosa.

As pessoas que nos rodeiam devem ver em nós "homens e mulheres que transparecem Deus no mundo de hoje" (cf. P. Van Bremen). Em síntese, trata-se de viver uma espiritualidade místico-profética, uma "mística de olhos abertos" (Metz) e de "ouvidos atentos" à humanidade de hoje para discernir o chamado de Deus a partir da realidade que nos cerca.

Para a Vida Religiosa esta "mística profética" a serviço da vida é urgente. Para isso é necessário ter formado os sentidos na escuta atenta da Palavra de Deus. Ela nos leva a escutar o grito dos sofredores. Como o Senhor disse a Moisés: "Eu vi a opressão de meu povo no Egito, ouvi o grito de aflição diante dos opressores e tomei conhecimento de seus sofrimentos" (Ex 3,7).

Ambas as palavras, a de Deus e a dos sofredores, estão presentes em nossa oração. A mística dos "olhos fechados" e "ouvidos surdos" leva a pessoa a um espiritualismo que a fecha sobre si mesma. Ao passo que, se for uma espiritualidade autêntica, alimenta-se da mística dos "olhos abertos" e dos "ouvidos atentos" de Jesus, Bom Pastor, que se abre à solidariedade como caminho evangelizador.

Experiência de Deus e solidariedade

A oração místico-profética não nos separa de nosso mundo circundante. Pelo contrário, permite-nos ser mais precisos na hora da ação apostólica. Somos chamados a ser contemplativos na ação. Esta tensão dinâmica nos permite crescer. Na contemplação da Encarnação de Jesus Cristo, Santo Inácio, nos *Exercícios espirituais*, nos convida a contemplar, junto à Santíssima Trindade, a realidade das pessoas: uns nascendo, outros morrendo, uns em paz, outros em guerra... E Deus se determina, isto é, opta pela salvação da humanidade enviando seu Filho Jesus, "que é o Reino de Deus que procura demonstrar toda a sua força transformadora em nossa Igreja e em nossas sociedades" (*DAp*, n. 382).

A ação místico-profética transforma a vida e a missão da Igreja. A autêntica experiência cristã é aquela que assume o sonho de Deus para a humanidade: a dignidade da pessoa humana por ter sido criada "à imagem e semelhança de Deus" e que entrega a natureza como "casa comum" da humanidade de todos os tempos. Somos suas criaturas mui-

to queridas, formamos seu povo eleito, tal como o narram os profetas (eles são os sonhadores, os visionários, os que olham longe, para além das próprias vidas, de suas próprias fronteiras). O profeta é um apaixonado do "sonho" de Deus para a humanidade.

Os membros da Vida Religiosa devem viver sempre "apaixonados por Deus e pela humanidade". Na realidade, Deus é o primeiro sonhador, e o seguem seus profetas. Eles anunciam, denunciam, transformam e, em consequência, são perseguidos, e muitos deles são eliminados. Um exemplo não cristão: Gandhi, o grande libertador da Índia, dividia seu dia em três tempos (dormir, trabalhar e orar). Homem em contato com Deus, admirador das bem-aventuranças. Profeta da não violência.

Jesus vivia a "mística profética". Para os judeus (sacerdotes, escribas e fariseus), Jesus era o "mestre da suspeita": ninguém mais crítico que ele de uma religião falsa, farisaica, que colocava fardos pesados nos ombros da gente pobre. Para Jesus, a religião de seu tempo – tal como foi pregada e praticada – era inumana. Diversamente, Jesus nos diz: "Vós sois o sal da terra [...] Vós sois a luz do mundo" (Mt 5,13-14). Isto é, convida-nos a viver de maneira radical o seguimento de Jesus como alternativa à lógica atual de uma sociedade de consumo, violenta e individualista. Isaías o disse com clareza: "Devem fundir suas espadas, para fazer bicos de arado, [...] e nunca mais se treinarão para a guerra" (Is 2,4).

O comportamento de Jesus e sua espiritualidade expressam seu profundo enraizamento no único Absoluto – Deus Pai, seu *Abbá* e sua única missão: anunciar que o Reino de Deus chegou a nós. A Vida Religiosa deve dar conta desse *Abbá* que olha com compaixão e misericórdia salvífica a humanidade de hoje. A *com*-paixão é o traço identificador da vida e missão de Jesus. À diferença da pregação do Batista, dura e austera, Jesus é o noivo que está no banquete do Reino de Deus e chama todos a participar dele, especialmente os excluídos, aqueles que estão fora das cidades, os pobres. Este amor ao pobre é o traço cristológico que expressa em profundidade a atitude compassiva de Jesus e

"é uma das peculiaridades que marca a fisionomia da Igreja latino-americana e caribenha" (*DAp*, n. 391).

A Vida Religiosa assume a opção de Cristo pelos pobres

A VR místico-profética é chamada a testemunhar com sua vida e missão na Igreja que "a opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para nos enriquecer com sua pobreza" (*DAp*, n. 392) e que "todo processo evangelizador envolve a promoção humana e a autêntica libertação 'sem a qual não é possível uma ordem justa na sociedade'" (*DAp*, n. 399).

Por isso a VR, com gestos e palavras, assume com valentia o seguimento de Jesus, expressando sua mística profética em Aparecida: "Comprometemo-nos a trabalhar para que a nossa Igreja Latino-americana e Caribenha continue sendo, com maior afinco, companheira de caminho de nossos irmãos mais pobres, inclusive até o martírio" (*DAp*, n. 396).

Um dos campos em que se evidencia o sofrimento e a desesperança dos pobres está na deterioração da natureza. Indira Gandhi dizia: "O maior desastre ecológico é a pobreza". Defender a criação de Deus, a vida humana, a natureza como "casa comum", e atacar as causas que a degradam e contaminam precisa estar indefectivelmente unido à missão da VR, para oferecer esperança aos pobres, que são os que mais sofrem os efeitos nocivos da degradação ecológica.

Da visão à missão místico-profética

Da "visão" (contemplação), isto é, a partir de nosso ser discípulos, surge a "missão" (ação). Toda a VR é "missionária" e está orientada à missão. Não só a VR apostólica, mas também a contemplativa. Podemos nos perguntar: que é a missão? É sentir-se partícipe da Encarnação do Filho de Deus, Jesus, o discípulo-missionário do Pai, para salvar a humanidade de todos os tempos, libertando-a da opressão

da injustiça, fruto do pecado, e fazendo-a partícipe da sua própria vida, que é comunhão e solidariedade.

A VR, toda ela, continua essa missão, que é a reconciliação, com o restabelecimento de relações justas com Deus, com os demais, com a criação. São as três dimensões fundamentais de nossa "mística profética". A missão é restaurar essas relações rompidas com Deus num mundo fragmentado.

Em primeiro lugar, de modo pessoal. Os religiosos devemos viver de modo coerente nossa vocação. Uma vida pessoal, sem ambiguidades, manifestada em nossos votos de pobreza, castidade e obediência, assumidos a partir do seguimento de Jesus. Tal é o fundamento da missão que realizamos com liberdade evangélica para que possamos "em tudo amar e servir ao Senhor e à sua Igreja" (Santo Inácio de Loyola, *Exercícios espirituais*, n. 233).

Os votos, assumidos livremente, devem ser expressão transparente desse "sonho" que pretendemos viver, consagrando-nos totalmente a Deus e a seu Reino. Isso nos faz críveis e evangelizadores.

Em segundo lugar, a vocação é sempre uma *com*-vocação. Somos convocados a fazer parte de uma Congregação, de um Instituto, de um corpo apostólico que nos antecede com um carisma e uma tradição próprios. O modo como vivemos, os estilos de vida de nossas comunidades, as relações interpessoais são hoje mais significativos do que nossos discursos.

Há comunidades – e o dizem os mesmos membros religiosos – que mais parecem ser integradas por "hóspedes", ilustres e amáveis em muitos casos, com uma vida espiritual mais individual que comunitária, e que cada qual tem uma "parcela apostólica", sem inter-relacionar-se entre si. Assim, seu "estilo de vida" lhes impede integrar-se na missão evangelizadora de sua Igreja particular. Por isso se afirma que a comunidade não só prepara o(a) religioso(a) para a missão: ela mesma é um espaço privilegiado da missão apostólica, a partir do carisma congregacional.

Unidade na diversidade

Uma graça que enriqueceu a VR da América Latina é a diversidade de procedências sociais, culturais, geográficas. Hoje somos menos em número, mas crescemos em diversidade. Nossas comunidades são o espaço de encontro de unidade a partir da diversidade cultural. Se formos capazes de encontrar-nos todos no carisma e na tradição corporativa que nos une, então cresceremos. A comunidade poderá ajudar-nos a ampliar nossos próprios horizontes e fazer-nos universais, sem perder o específico.

Num continente fragmentado, incapaz de alcançar metas comuns e dividido por tensões fratricidas, nossas comunidades religiosas, de diferentes procedências e culturas, podem ser sinal místico-profético de uma comunhão total, sem fixar-nos nas diferenças, em nossos países.

Se podemos consegui-lo, damos uma mensagem positiva de integração que pode inspirar outros. A exigência de unidade deve brotar da diversidade de nossos carismas, convocados pelo mesmo Senhor.

Pobres, obedientes, castos... para "ir às fronteiras". Uma liberdade que seja permanente disponibilidade. Ir onde outros não querem ou não podem estar: os pobres de todas as pobrezas, os refugiados, os solitários, os carentes de tudo.

A Vida Religiosa é sinal de uma cultura de vida

Estar nas encruzilhadas da história sempre foi uma nota significativa da VR. Um testemunho claro do que afirmo é precisamente a graça do carisma de nossos Fundadores e Fundadoras, em seu contexto social e eclesial. Não lhes foi fácil, até mesmo sofreram críticas e perseguições de altos representantes da Igreja. Ser fiéis ao carisma fundacional nos torna "contraculturais" da cultura dominante do bem-estar, do consumo, do individualismo, da rejeição de Deus e da Igreja na vida cotidiana que os meios de comunicação social transmitem.

A VR deve enfrentar abertamente a xenofobia das culturas e dos governos que se aproveitam dos migrantes em tempos de tranquilidade e os expulsam em tempos de crise.

A Igreja, e dentro dela como "elemento decisivo" a VR, é, sem dúvida, "pró-cultural". Oferece uma cultura de paz, baseada no respeito à vida "desde o princípio até seu final natural", na dignidade da pessoa humana, na busca do bem comum e no cuidado de nossa "casa comum" e do meio ambiente. Uma cultura da vida e da paz que promova a "imaginação da caridade" (João Paulo II), ampliando os limites das culturas para que todos possam integrar-se nelas como uma grande família humana desenvolvendo todas as suas potencialidades de comunhão e de solidariedade.

A VR deve apoiar a Igreja na formação de cristãos e sensibilizá-los em relação às grandes questões da justiça internacional. Para isso deve-se

> apoiar a participação da sociedade civil para a reorientação e consequente reabilitação ética da política [...] que tem como desafio a conquista do bem comum, a criação de oportunidades para todos, a luta contra a corrupção, a vigência dos direitos do trabalho e sindicais [...] (*DAp*, n. 406 a, b).

A Vida Religiosa e o cuidado do meio ambiente

Quando se pensa na "ecologia humana e física" (ciência da casa e dos que vivem nela) não nos ocorre pensar na VR. Em outras palavras, de maneira direta: a VR se preocupa com a ecologia? Não se trata de alguns(mas) religiosos(as) que estejam interessados nesse tema ou de oferecer cursos teóricos e científicos, mas sim devemos nos perguntar como pode a VR contribuir diante dos problemas socioambientais que têm como causa a exploração irracional dos recursos naturais e, de maneira especial, a "mudança climática", que afeta a todos nós, especialmente os pobres e excluídos. E não basta reconhecer esta grave responsabilidade histórica da degradação da vida na Terra. Por isso não estamos dispostos a cruzar os braços ou ceder diante das exigências da dinâmica economicista. Tal constatação exige da VR, a partir de seu ser e de sua condição de consagrados, oferecer uma resposta criativa e eficaz à missão da Igreja.

Sem dúvida, um dos desafios atuais para a Igreja é o cuidado da vida, da saúde e do meio ambiente.

> A riqueza natural da América Latina e do Caribe experimenta hoje uma exploração irracional que vai deixando um rastro de dilapidação, inclusive de morte por toda a nossa região. Em todo esse processo, tem enorme responsabilidade o atual modelo econômico, que privilegia o desmedido afã pela riqueza, acima da vida das pessoas e dos povos e do respeito racional pela natureza (*DAp*, n. 473).

A grave deteriorização da criação de Deus exige que nos esforcemos para exercitar uma autêntica ecologia humana e física em estreita relação e harmonia.

> O Deus da vida confiou ao ser humano sua obra criadora para que "a cultivasse e a guardasse" (Gn 2,15). Jesus conhecia bem a preocupação do Pai pelas criaturas que ele alimenta (cf. Lc 12,24) e embeleza (cf. Lc 12,27) (*DAp*, n. 470).

Deus, ao criar-nos, nos oferece a natureza como "casa comum". É o espaço onde vive a humanidade de todos os tempos.

> Essa herança muitas vezes se manifesta frágil e indefesa diante dos poderes econômicos e tecnológicos. Por isso, como profetas da vida, queremos insistir que, nas intervenções sobre os recursos naturais, não predominem os interesses de grupos econômicos que arrasam irracionalmente as fontes de vida, em prejuízo de nações inteiras e da própria humanidade. As gerações que nos sucedam têm o direito de receber um mundo habitável e não um planeta com ar contaminado (*DAp*, n. 471).

É preciso reconhecer que a VR soube discernir outros "sinais dos tempos", mas não reconheceu ainda este urgente e devastador sinal da "mudança climática", que, no dizer dos cientistas, é irreversível. Somente podemos reduzir seus efeitos se agirmos conjuntamente para baixar consideravelmente as emissões tóxicas mundiais e se realizarmos um amplo processo de reflorestamento.

A Vida Religiosa feminina, no coração do mundo

Não posso deixar de mencionar a presença ativa de religiosas que estão em muitos lugares onde não chegam os padres. Elas sustentam a fé da comunidade e tornam presente a Igreja como servidora dos pobres e afastados. Estão presentes em lugares de inserção, em áreas conflitivas, fazendo presente o rosto materno de Deus e da Igreja. Cuidam da vida em comum e do ambiente onde se encontram.

Sua importância é tão grande que numerosas Igrejas particulares perderiam sua vitalidade se não contassem com seu ser e seu fazer pastoral. Só na Arquidiocese de Huancayo são mais de 133 religiosas: dezessete delas são contemplativas; as demais, distribuídas em diversas áreas pastorais; e várias delas em lugares distantes. A presença dessas religiosas é uma bênção de Deus para o povo, que agradece a diversidade de carismas a serviço da missão evangelizadora.

A formação na Vida Religiosa

A formação na VR: "É necessário descobrir o sentido mais profundo da busca, assim como é necessário propiciar o encontro com Cristo que dá origem à iniciação cristã" (*DAp*, n. 278 a). Deve ser exigente e profunda, que capacite para o diálogo com os homens e as mulheres de hoje a partir da experiência pessoal com Cristo para ser "amigos fortes de Deus" (Santa Teresa).

Os desafios atuais e futuros exigem uma identidade religiosa clara e visível do carisma fundacional que se expresse não tanto por meios externos, mas pela autenticidade de seu testemunho pessoal inserido na vida e na missão da Igreja.

A promoção vocacional da Vida Religiosa

A VR, durante os últimos séculos, teve numerosas e santas vocações. Viveu uma época de esplendor enriquecendo a atividade missionária da Igreja em diversos campos apostólicos. No entanto, nas circunstâncias atuais a VR não deve entrar na espiral do desânimo pela escassez de vocações e por vozes discordantes que afirmam que a sua novidade já passou. É necessário afirmar que a VR não deve aspirar ser numerosa, mas viver conforme a dignidade da vocação à qual foi chamada. A VR se constitui num "resto" (como o resto do Senhor que esperava, no meio da crise e do descrédito, a manifestação de Deus) capaz de testificar com sua vida os valores profundamente humanos e, por isso mesmo, mais divinos.

Se procurarmos viver "em Cristo", assumindo a sua opção preferencial pelos pobres, e como Paulo, centrados na vontade de Deus e em seu Reino, asseguro-lhes que não faltarão vocações. Porque os(as) jovens se sentirão atraídos(as) por esses "homens e mulheres que deixam transparecer Deus", que vivem com alegria sua vocação de ser "místicos profetas", com uma espiritualidade de "olhos abertos e ouvidos atentos" como "discípulos-missionários de Cristo para que, nele, nossos povos tenham vida".

Testemunho pessoal e eclesial

Permitam-me, para concluir, oferecer-lhes dois acontecimentos da VR "místico-profética" que marcam o sentido e a originalidade sempre atual do anúncio evangélico. O primeiro faz referência à minha vocação de jesuíta; o segundo, ao meu serviço episcopal na Arquidiocese de Huancayo.

O primeiro, de alguém que viveu como um religioso fiel ao espírito de renovação eclesial do Concílio Vaticano II, muito unido a Deus, com os olhos abertos e ouvidos atentos ao mundo: refiro-me ao padre Pedro Arrupe, missionário no Japão, testemunha da bomba de Hiroshima.

Em 1965, é eleito superior-geral da Companhia de Jesus porque o consideram capaz de entender e enfrentar a difícil situação que atravessa a Igreja e a sociedade. Não se enganam. Arrupe, profundamente unido à pessoa de Jesus Cristo, empreende com decisão e entusiasmo um caminho de aproximação ao homem na sua própria situação, seja na descrença, pobreza, luta por liberdade ou busca de Deus. Vai aos "famintos de pão e de Evangelho", como ele mesmo dirá. Firme em sua convicção de renovar a Companhia de Jesus segundo as orientações do Concílio Vaticano II, numa sociedade secularizada e plural, com a irrupção dos refugiados.

Os superiores-gerais elegem-no durante vários períodos seu presidente. Nesses anos, bom número de jesuítas da América Latina e do mundo conhecerá o martírio como consequência das atitudes que Pedro Arrupe promove: servir sem distinguir raça ou classe, viver com os que sofrem até dar a vida, e defender os direitos dos pobres até o fim.

Em 1981, sofre uma trombose cerebral. Até então, viveu intensamente, buscando a maior glória de Deus e o bem das pessoas. Não se detém diante das dificuldades externas e internas em que vive.

No meio de sua enfermidade experimenta algo que desejou toda a vida: deixar-se guiar inteiramente pelo Espírito do Senhor. A única diferença, dizia padre Arrupe, é que agora "o Senhor tem toda a iniciativa".

Morre em Roma em 5 de fevereiro de 1991, profundamente querido por amigos e companheiros (cf. Pascual Cebollada, sj, Instituto Universitário de Espiritualidade Comillas, Espanha).

O outro acontecimento é mais recente. Sucedeu no território onde atualmente exerço o ministério episcopal: a Arquidiocese de Huancayo. Faz três anos, chegaram três

Irmãzinhas de Jesus, de três nacionalidades: italiana, canadense e argentina. Só me pediram que lhes indicasse um lugar distante da cidade. Foram a Iscos, localizado a uns vinte minutos de Huancayo, capital da região Junín. É um vilarejo de uns quinhentos humildes agricultores, proprietários de pequenas terras. A procura de uma casa propiciou os primeiros questionamentos: quem são estas estrangeiras? Que procuram? Por que vêm a nós?

Ao conseguirem uma pequena casa, os moradores do lugar pensaram que não iriam ficar muito tempo com eles. A vida do campo é muito dura. Surpreenderam-se ainda mais quando, no tempo da colheita, as Irmãzinhas lhes pediram para trabalhar em seus campos. Pagavam-lhes com os produtos colhidos. A surpresa e o desconcerto foram grandes entre os moradores. O tempo passava, e as Irmãzinhas continuavam ao lado deles, que não entendiam o que se passava em seu pequeno povoado. Na realidade, o Evangelho e o estilo de Nazaré não são para ser compreendidos, mas para ser vividos com a simplicidade própria dos pobres.

Um dia, um agricultor, intrigado e admirado, se aproximou da casa das Irmãzinhas – mais simples que a deles – e lhes perguntou por que viviam com eles. Elas lhe responderam: "Queremos partilhar com vocês a vida e o trabalho a exemplo de Jesus de Nazaré". A resposta espontânea do agricultor foi o melhor presente que as Irmãzinhas de Jesus receberam: "Aqui ninguém vem para nos visitar, menos ainda para ficar conosco e nunca para trabalhar para nós. Então, os pobres, somos importantes!".

A partir de então, as Irmãzinhas e nós, como Igreja particular, agradecemos a Deus por esse sinal da presença do Reino: "os pobres são evangelizados".

Conclusão

Não nos deve perturbar a difícil e pesada tarefa que nos espera ao caminhar para uma VR místico-profética a serviço da vida. Os profetas também sentiam sua fragilidade

pessoal e se sentiam perturbados diante da ingente tarefa que Deus lhes incumbia:

> Derramem lágrimas os meus olhos, noite e dia sem parar, pois a virgem filha do meu povo sofreu grande derrota, padece de ferida incurável. Se saio para o campo, aí estão os atingidos pela espada, se entro na cidade, aí, os abatidos pela fome! Pois até o profeta e o sacerdote vagueiam pela terra sem saber o rumo! (Jr 14,17-18).

Sem dúvida, a força de Deus neles impulsionava-os a comunicar, alentar, denunciar, fortalecer o povo que ele mesmo lhes tinha confiado. Diferentemente dos profetas, nós contamos com o valioso apoio da comunidade e, por fim, da Igreja.

João Paulo II dizia, como fruto do Sínodo sobre Vida Consagrada:

> O caráter profético da vida consagrada foi posto em grande relevo pelos Padres sinodais. Apresenta-se como uma forma especial de participação na função profética de Cristo, comunicada pelo Espírito a todo o Povo de Deus. De fato, o profetismo é inerente à vida consagrada enquanto tal, devido ao radicalismo do seguimento de Cristo e da consequente dedicação à missão que o caracteriza" (*Vita Consecrata*, n. 84).

Precisamos reconhecer com humildade nossa vocação de profetas não só em teoria, mas, sobretudo, em obras práticas. Aqui não se trata de olhar a nós mesmos nem de dizer o pouco que somos e o muito que fomos. Não há tempo para lamentações. Não há desculpas para estar a serviço da vida plena que Jesus Cristo nos oferece. Não se trata de perguntar-nos o que podemos fazer, mas, antes, se estamos dispostos a fazer, para que "os pobres sejam evangelizados" numa humanidade dividida e numa terra degradada pela avidez e cobiça de uns poucos.

É necessário reiterar que a VR não deve aspirar ser numerosa, mas viver conforme a dignidade e radicalidade da vocação à qual foi chamada. Se procurarmos viver "em Cristo", assumindo sua opção preferencial pelos pobres, e

"como Paulo", centrados na vontade de Deus e em seu Reino, asseguro-lhes que não faltarão vocações à VR.

> Mas a casa de Israel não vai querer escutar-te, porque não quer escutar a mim. Pois toda a casa de Israel tem face dura e coração obstinado. Pois bem! Tornarei tua face tão dura como a deles e a testa tão obstinada como a deles. Tornarei tua testa como o diamante, mais duro que a rocha. Não os temas nem te intimides diante deles, pois são uma corja de rebeldes" (Ez 3,7-9).

É a hora do anúncio comunitário de horizontes sempre alentadores do Reino de Deus, da denúncia das injustiças, a partir de uma espiritualidade místico-profética, para acompanhar "nossos irmãos mais pobres, inclusive até o martírio (*DAp*, n. 396).

Diante da densidade do futuro

Ignacio Madera Vargas, sds*

É de Deus eu poder colocar em suas mãos estas reflexões que fazem parte da celebração dos cinquenta anos de existência da Confederação Latino-Americana e Caribenha de Religiosos e Religiosas. Com a maior satisfação do mundo, a presidência da CLAR quis dar um impulso à esperança em épocas de tantas desilusões e cansaços. E nada melhor, para tal, do que recorrer à grande tradição teológica que uniu à fé em Jesus Cristo, o Senhor, a dura realidade dos pobres e marginalizados, tradição que remonta a António de Montesinos, a Bartolomeu de las Casas, a Juana Inês da Cruz, a Rosa de Lima e a tantos(as) outros(as) que mística e profeticamente viveram defendendo a vida e procurando vida.

Estas palavras são, ao mesmo tempo, certa introdução e umas propostas que brotam de pensar em voz alta, orientando a mirada para a segunda parte do tema deste Congresso: "rumo ao futuro". Não têm outra pretensão senão a de unir uma voz à dos(as) mestres(as) que colaboram com esta publicação. A teologia latino-americana e caribenha, com estas reflexões, se nutre de nova vitalidade. Esta vitalidade deve conduzir-nos a estimular com renovado vigor nossa condição de discípulos e discípulas de Jesus Cristo, o Senhor, para que nossos povos nele tenham vida e a tenham em abundância.[1]

Uma óptica

Refletir em vista do futuro não é fácil, sobretudo quando o presente apresenta interrogações duras em todas as dimensões da realidade.[2] A América Latina vive situações de singular interesse no presente, que remetem à necessidade de pensar o continente em outros termos e desenvolver a reflexão sobre o mesmo e a partir do mesmo, igualmente. Aparecida descreve como "uma mudança de época, e seu nível mais profundo é o cultural".[3]

A teologia, desde seus inícios, tem tido pretensão de universalidade. Desde as interpretações judaico-cristã e helênico-cristã das primeiras gerações até as teologias do presente, falou a partir de uma determinada articulação social, mas para todo o Cristianismo. E isso porque aquilo que é de Deus não pode particularizar-se, uma vez que se trata do sentido maior do real, do existente e do possível. O Cristianismo, uma vez que se desligou da pertença institucional ao Judaísmo e delineou sua original teologia, foi-se identificando como uma fé mais além das fronteiras da casa de Israel.

A anterior pretensão da teologia não entra em contradição com o que hoje denominamos teologias contextuais porque, de alguma maneira, elas igualmente procuram falar aos demais contextos isomorfos e a todas as realidades semelhantes que têm sido lidas a partir da revelação e da fé.

Disponho-me a refletir com o desejo de contribuir modestamente para pensar por onde podemos caminhar para adiante, ou, ao menos, quais seriam alguns assuntos que não podemos omitir na reflexão teológica latino-americana e caribenha. Pelo fato de ter assumido esta óptica, não me deterei na análise do que se fez na história do pensado, nem no bem realizado, nas conquistas, nas intuições grandes e pequenas, que se teve até o presente, mas quero orientar o olhar sempre para frente. Isso não quer dizer que pretenda desconhecer tudo o que tantos religiosos e religiosas, teólogos e teólogas produziram e o empenho teológico na América Latina e Caribe depois do Concílio, porque seria uma pretensão ilusória, mas sim esboçar a óptica a partir da qual quero pensar. Disponho-me a olhar em prospectiva. Neste contexto se compreende meu recurso, em determinados momentos do processo reflexivo, à história e seus gritos.

* **Ignacio Madera Vargas** é religioso e presbítero da Sociedade do Divino Salvador (salvatoriano). Licenciado e mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Xaveriana (Colômbia), doutor em Teologia e Ciências da Religião pela Universidade Católica de Louvain (Bélgica). Participou por seis anos da Equipe de Teólogos e Teólogas Assistentes da CLAR (ETAP) e foi seu coordenador no período anterior (2003-2006). Foi presidente da CLAR de 2006 a 2009. **Endereço do autor:** E-mail: clar@clar.org.br.

1. Fazendo referência ao tema da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe.

2. *DAp*, n. 36.

3. *DAp*, n. 44.

Reconheço que em toda a produção teológica latino-americana que se fez a partir da Vida Religiosa foi-se construindo uma tradição, a reprodução de um modo de refletir a fé que passa das angústias e esperanças dos pobres, dos excluídos e de cada marginalizado ou marginalizada à beira do caminho. Esta tradição levada a sério e em suas implicações místico-proféticas chegou até o martírio.[4] Desde o México até a Patagônia os(as) mártires americanos(as) e caribenhos(as) dos últimos tempos mostram a grandeza e o valor de confessar um Deus da vida na defesa incondicional da mesma.[5] Assim, a teologia foi capaz de provocar uma mística que, pela profecia, chegou até o martírio, maior prova da fé.

Quero igualmente advertir que dou por supostas as análises da atual situação do continente na ordem econômica, política, social, ideológica e religiosa que assinalam o aumento das injustiças e o crescimento da desigualdade e da pobreza. Igualmente, remeto às reflexões lúcidas e corretas da Conferência de Aparecida sobre isso.[6] Tendo presente esta realidade, quero referir-me ao que considero dever continuar e nada mais.

O método

Desde os começos de uma reflexão teológica mais atenta à realidade da América Latina e do Caribe, em fidelidade à chamada do Concílio Vaticano II e da Conferência Episcopal de Medellín, surgiram interrogações sobre o método teológico próprio de um discurso que parte da e na história daqueles que são empobrecidos, marginalizados, excluídos, oprimidos. O clamor silencioso que brota das gargantas de tantos irmãos e irmãs, do qual fez eco Puebla, e que agora Aparecida amplia numa gama que urge à ação,[7] continua sendo o assunto dos assuntos e o clamor de Deus para teólogos e teólogas.

Creio que esta é uma das grandes tarefas para o futuro. Dar uma maior consistência epistemológica e prática a uma maneira de fazer teologia que una a fé e a confissão da fé em

4. *DAp*, n. 220.

5. *DAp*, n. 256.

6. *DAp*, n. 2, Olhar dos discípulos-missionários à realidade.

7. *DAp*, n. 65.

Cristo, o Senhor, com a vida dramática e trágica das maiorias empobrecidas. A questão, portanto, não é esgotar em uma contenda por quem tem ou não a razão, politizando um assunto que é de fé, da essência da nossa fé cristológica,[8] mas buscar a verdade sem medo e reconhecer o que deve acontecer como correção de ópticas e os filões de aprofundamento que ratificam a bondade das intuições originais.

Neste assunto do método não podemos esquecer que nossa história de originalidade teológica está sendo construída, que suas intuições diminuíram as fronteiras do continente porque atingiram o nervo fundamental daqueles (sem)sentidos atuais da história, assinalando as rotas libertadoras que conduzam para compromissos com a transformação deste mundo ameaçador e rude em um mundo de esperança e de amor.[9]

Posso dizer, então, que nas discussões acerca do método o primeiro é o primeiro, e os dogmatismos ou as posturas totalitárias e absolutistas devem ceder lugar a uma perspectiva católica, isto é, universal e pluralista que assuma o debate com serenidade e seriedade, porque o que está em jogo é a vida de Deus na vida de nossos irmãos e irmãs, que são imagem de Deus e templos do Espírito Santo. Perde credibilidade e seriedade científica uma discussão que se nutra de acusações e se distraia na hilariedade quando os assuntos que estão em jogo são muito maiores, são os assuntos de Deus e sua presença na história.

Desde agora e no futuro, a teologia que se produz a partir deste continente deve assumir a busca de um aprofundamento do método que inclua assuntos teológicos capitais na revelação cristã, como o sentido da Encarnação e tudo o que implica que Deus se tenha feito um homem em Jesus de Nazaré. Para a reflexão, esta realidade revelada deve chegar mais no fundo, mais no limite, e deve provocar o método e ressituar a necessidade das mediações de outros saberes.

É necessário aprofundar na articulação das mediações de outras ciências, na clara autonomia da reflexão teológica que, necessariamente, vem a se constituir discurso interdisciplinar com seu próprio estatuto e gramática. Essa busca

8. BENTO XVI. *Discurso de abertura da Conferência de Aparecida*, maio 2007.

9. Bento XVI chama a fazer da América Latina o continente da esperança e do amor.

deve levar a situar o sentido da mediação das ciências sociais críticas não a partir dos purismos intelectuais, mas a partir das grandes urgências do presente e das angústias e esperanças dos(as) latino-americanos(as) e caribenhos(as) de hoje. Nesse sentido, é necessário pensar em ampliar o leque de compreensão das mediações, porque novos assuntos chegaram para ser determinantes da vida humana, sobretudo da condição dos pobres.

Mais e mais vítimas vão sendo geradas, mais e mais inocentes são injustamente condenados. Eles e elas questionam a teologia em seus fundamentos. Como não pensar nas ciências humanas todas, mesmo nas ciências chamadas naturais ou empíricas? As mudanças climáticas e suas consequências afetam primeiramente os pobres, e essas têm causas que não podem ser analisadas a partir de uma só visão das ciências, mas a partir de uma complexidade que inclui fatores econômicos, políticos, sociais, e de uma visão do sentido e da finalidade da realidade, que é, em primeira e última instância, um tema religioso.

Portanto, é necessário identificar com clareza as bases filosóficas a partir das quais se estrutura o método, as categorias utilizadas e as matrizes epistemológicas que fundamentam a reflexão de maneira que sejam claros os registros linguísticos utilizados e o sentido original das expressões, dos conceitos e das proposições. Uma releitura da grande tradição não rompe com o respeito à mesma, mas orienta de outra maneira, de maneira adequada aos tempos atuais, à compreensão e à articulação dos sentidos.

Desentranhar a maneira como a realidade em sua complexidade expressa por si e em si a transcendência, romper com as dicotomias que tanto repercutiram no pensamento cristão ao longo da história, chegar a uma compreensão que não separe, que não divida, que não exclua, mas que interprete a partir de uma hermenêutica da complexidade sem sincretismos simplistas. Este é um desafio ao pensamento latino-americano. Nossa mestiçagem é, em última análise, a verificação da possibilidade de um produto novo e original, a partir da complexa fusão do diferente, para provocar o inédito. Um pouco disso necessitamos para que se tenha uma maior lucidez na compreensão e aplicação do método teológico latino-americano.

As intuições

Nos últimos anos, a teologia latino-americana deu uma volta sugestiva ao se ocupar de aspectos particulares de singular importância para a realidade presente: o gênero, os indígenas, os afrodescendentes, a ecologia, todos esses assuntos que alguns denominaram "emergentes". Com isso se quis mostrar que algo que esteve ali, sem falar, começa a tomar a palavra e uma palavra a partir da teologia, a partir dos ditos de Deus, se me permitem esta expressão popular.

Creio que o anterior foi um acerto e deu vida a uma reflexão que por diferentes circunstâncias, que quero explicitamente respeitar em suas implicações dolorosas, parecia ter de defender-se para continuar vigentes. E essas reflexões devem continuar e ampliar, mas isso não pode considerar-se a superação de alguns assuntos capitais que estão esperando um tratamento e um ir mais ao fundo a partir da intradisciplinaridade teológica. Considero que para o futuro, além dos assuntos de método, a teologia latino-americana, sentindo-se "teologia", deve continuar incursionando em assuntos medulares das diferentes disciplinas que constituem, e gerar novas possibilidades de interpretação a partir de uma relação estrutural entre os classicamente denominados tratados teológicos.

Explico-me mais claramente: precisamos continuar avançando naquilo que se refere a uma teologia fundamental que assuma o método teológico latino-americano como a matriz interpretativa que vá perscrutando mais e mais o sentido maior da reflexão teológica e seus correlatos ao restante da teologia. Igualmente, que dialogue com os novos fenômenos mundiais, como a globalização e a agudização das dependências de poderes, que provocam grandes crises sem que eles entrem em crise. Não podemos renunciar aos discursos fundamentais subjacentes à urgência dos

contextuais ou particulares. Ambos os discursos são urgentes, necessários e complementares, na atual conjuntura latino-americana.

De Deus

O assunto Deus. O Deus da vida, o Deus dos pobres, o Deus libertador. Deus e o mal, Deus e as estruturas de pecado, Deus e a esperança, Deus e o sentido. Este assunto nos compete em tempos de pensamento fraco, líquido, de relativização de tantos valores e de idolatrias novas: do dinheiro, das tecnologias, da ciência, do prazer.

Os ídolos deste momento desafiam a fé. No futuro, precisamos refletir com muita coragem no estranhamento de Deus das culturas latino-americanas e caribenhas. É necessário sair ao encontro de uma secularização que nos vem do norte e do centro e que articulou a reflexão cristã do passado. Não é ignorando esses fenômenos, ou entrando no interior sem tomar nas mãos os desafios, que a teologia latino-americana poderá dar razão de sua esperança a partir da fé popular e não com uma intencionalidade apologética, mas com a intencionalidade de ir mais até o fundo da revelação, da lógica de nossa confissão de fé e de nossa proposta de sentido do real e do possível.

De Jesus Cristo

Nossa teologia provocou por suas intuições a partir da cristologia. É necessário continuar avançando de maneira que, na consciência da originalidade de nossa confissão de fé em Jesus de Nazaré como Cristo e Senhor, as grandes contribuições da cristologia latino-americana continuem colaborando para uma compreensão da totalidade do discurso teológico, porque, para nós, quem e como é Deus e quem e como é o homem no-lo diz Jesus de Nazaré, o pregador original que foi anunciado.

Retomar assuntos como o sentido da Encarnação e aquilo que ensina sobre o humano e de Deus, o Reino e suas implicações, a salvação dada em Jesus Cristo e sua relação com as grandes escravidões contemporâneas, a relação de Jesus com o Deus a quem chamou Pai e seu Pai, a história que provocou essa confissão de fé, isto é, a história de Jesus. Voltar a entrar na relação entre cristologia e soteriologia, em tempos que parecem condenar o humano, incursionar na estrutura maior do *kerigma* primitivo. Continuar avançando na confissão original de um crucificado que foi exaltado e por ele e nele todas as coisas foram criadas, e todos os sentidos históricos revertem a ele.

Os desafios que implica o diálogo ecumênico e inter-religioso não se resolvem com a mera consideração de mediações plurais entre Deus e os homens que cedam diante de nossa confissão da mediação única de Cristo. O que está em jogo é muito mais profundo. Não podemos, segundo minha maneira pessoal de ver as coisas, definir, concluir, apenas para nos aproximar de acordos que impeçam proximidade. É necessário entrar mais e mais no sentido maior da confissão de fé em Cristo, Senhor e mediador, para, a partir da identidade de nossa confissão, poder partilhar com outros e outras desde as diferentes margens de sua fé. Isso requer muita reflexão e muita clareza a partir de nossa história e tradição de confissão. Os lugares do diálogo podem situar-se desde outras proximidades e não necessariamente a partir da busca de acordos na ordem da confissão.

Da Igreja

Retomar assuntos eclesiológicos com uma serena consciência de querer contribuir para a construção da Igreja comunhão e participação que as conferências episcopais latino-americanas propuseram. Não é evitando a reflexão que podemos contribuir para a Igreja que amamos e da qual somos parte. Não é o confronto desnecessário que nos levará a ser testemunhas de uma Igreja imagem de Deus Trindade salvadora. É depondo armas e indicando horizontes de propostas que, não por serem fortes em suas implicações institucionais, deixam de ser intuições de consideração necessária. Ir mais ao fundo da articulação entre Cristo e ecle-

siologia, avançar, continuar avançando na reflexão. Esta é a alternativa, segundo minha maneira muito pessoal de ver.

Da espiritualidade e sacramentalidade

Continuar incursionando na sacramentalidade no sentido da liturgia como celebração da fé vivida. Do símbolo sacramental e sua relação à realidade histórica. Num continente que ainda vive uma religiosidade popular intensa, forte, muitas vezes mais forte que as interpretações sobre ela, é necessário que a teologia se interesse neste culminar da fé que pode ser ao mesmo tempo início, ao menos nas grandes maiorias de homens e mulheres que a partir dos campos e das colinas, a partir das montanhas e vales, a partir das costas e desertos, peregrinam, celebram dançando e cantando, caminham rezando e pedindo. Vão olhando para o futuro na segurança de contar com Deus porque perderam, talvez, a esperança nos homens e mulheres que dizemos crer nele.

Nossa tradição teológica indicou que a teologia deve desembocar numa espiritualidade, numa mistagogia. Que significa isso? Estamos em dívida para articular a partir do método teológico esta espiritualidade e esta dimensão contemplativa, mística, do fazer teológico. A CLAR, nos últimos anos, veio insistindo no caráter místico-profético da existência cristã e da VR no interior da mesma.[10] Esta mística a partir da história, esta contemplação da ação de Deus a partir do mais desprezível da existência, este falar de Deus a partir das medidas econômicas que estrangulam, a partir dos subúrbios e barracos, a partir das fábricas e dos hospitais, a partir dos rincões e das esquinas, os semáforos e as bibliotecas, os salões e os clubes reluzentes, os edifícios inteligentes e as torres financeiras. Uma articulação da mística e da profecia a partir dos lugares que hoje assinalam horizontes inéditos.

É necessário continuar interpretando os sentidos ocultos da religiosidade popular do continente. A relação entre a fé dos pobres e os implícitos teológicos capazes de provocar compromissos maiores e uma renovação da fé que faça a passagem entre o ritual e a prática organizativa e comunitária. A relação entre uma teologia da religião do povo e as alternativas de ação pastoral que assinalam, mesmo para métodos, as didáticas e as metodologias de ação mais adequadas para uma inserção da religiosidade popular na construção de Igrejas particulares dinâmicas e libertadoras.

10. O Mandato de Ypacaraí assinala como objetivo para a CLAR nestes três últimos anos: "Estimular o desenvolvimento de uma vida religiosa místico-profética a serviço da vida, a partir da opção preferencial pelos pobres".

Sugestão de assuntos

Selecionei alguns elementos, entre tantos outros, que a teologia latino-americana, a partir do pano de fundo daquilo anteriormente estabelecido, pode considerar.

Os lugares teológicos

Um assunto com tradição na reflexão católica que continua sendo de reflexão necessária. Aqui se toca o tema com aqueles assinalados ao me referir ao método. Urge, portanto, superar uma compreensão que interpreta que o lugar define de imediato o resultado da teologia subsequente e que os lugares que têm a ver com o histórico, com o real, com o cotidiano da vida humana significam e implicam uma negação da transcendência por uma visão de imanência e transcendência que deve encontrar, na filosofia contemporânea e na filosofia das ciências, novas matrizes de interpretação que superem as dicotomias e lancem a reflexão para novos horizontes de compreensão.

É evidente, então, que precisamos aprofundar no conteúdo e no sentido da afirmação do pobre como lugar teológico, assumindo a intuição do Santo Padre naquilo que se refere à sua essencialidade diante da fé cristológica. Uma hermenêutica em termos de uma filosofia das essências pode ir além na compreensão mesma do essencial e da essência. E isso é um caminho, por percorrer, de fascinantes meandros.

A economia

A economia está definindo o futuro. Apregoou-se, com não dissimulado entusiasmo, a superação das teorias da

dependência de origem latino-americana. E é verdade, alguns de seus pressupostos, supostos e conclusões devem ser revisados. Mas um fato vigente hoje, que pede considerações sérias, são as novas dependências, que, a partir dos organismos financeiros internacionais, as multinacionais, os trustes e os blocos econômicos, as associações de comércio e todas as modalidades globalizadas de controle e financiamento, geraram, geram e continuam gerando.

A teologia tem uma palavra para dizer diante da economia globalizada? O assunto do pão para todos tem um lugar nas tramas das macroeconomias e nos jogos financeiros mundiais? Uma teologia que privilegie o humilde, o simples, o último, que se nutra do pequeno, tem uma voz diante das forças incontroladas do econômico nacional e mundial? E se a tem, que é que caracteriza essa voz? Urge, então, que a teologia, em diálogo com a economia, continue perguntando não somente pelo sentido da última, mas pelas consequências de suas decisões e sua capacidade de controlar a política e os Estados.

Uma teologia profética, seriamente fundada no questionamento dos esteios do sistema, que vá à matriz das compreensões subjacentes da criação, do humano e das relações entre os seres humanos, pode ser a voz dos sem voz em todos os altares do sacrifício de homens e mulheres sem poder, mas com dignidade, filhos e filhas de um mesmo Deus Pai e Mãe.

Ecologia

A mudança climática é uma realidade inegável. Quando Israel se perguntou pelas origens do mal e pelo sentido do existente, fê-lo porque tinha descoberto Deus na história. Os relatos do Gênesis nos indicam uma criação não terminada que os seres humanos devemos dominar e fazer produzir, mas, pelo mistério da iniquidade, a humanidade contemporânea padece uma degradação do *habitat* sem precedentes e as previsões são aterradoras acerca do futuro que nos espera, se não mudarmos os modelos de desenvolvimento, de tecnologias e de fontes de energia.

O ecológico é interdisciplinar e, no núcleo das reflexões contemporâneas, a teologia, sempre atenta às vítimas dos desastres ecológicos, está chamada a desentranhar o sentido da relação entre os seres humanos e a natureza e o valor da natureza como dom de Deus ao criar. O grito da terra se une aos gritos dos pobres para, a partir de uma mesma sinfonia místico-profética, propugnar por novas articulações entre natureza e progresso, entre desenvolvimento e cuidado do meio ambiente.

Tecnociência

Uma séria interrogação, da qual não podemos nos esquivar no continente, se refere ao sentido e à intencionalidade das ciências e da técnica. Queiramo-lo ou não, todo desenvolvimento da ciência está incidindo na geração de pobreza ou na solução de muitos problemas humanos. A engenharia genética e as biotecnologias, aproximando o ser humano à sua condição de imagem de Deus, podem ceder à tentação de Babel e confundir o presente e o futuro da humanidade. E aqui a opção preferencial pelos pobres e excluídos tem um lugar a partir do qual pronunciar uma palavra assertiva.

Uma aproximação teológica a tais assuntos desde a perspectiva latino-americana e caribenha compromete a assumir novas mediações para a análise, a interpretação e os compromissos consequentes. A correlação entre história e ciência, entre conhecimento e interesse, entre desenvolvimento do conhecimento e construção de humanidade se oferece aqui com intensidade e premente chamado de respostas que orientem não só a reflexão e as boas intenções, mas as políticas e as decisões. Quando digo "orientem", não me refiro, em primeiro lugar, aos que se ocupam desses assuntos, mas ao Povo santo de Deus, às grandes maiorias latino-americanas e caribenhas, objeto de experimentação e sempre vítimas ou beneficiários dos produtos das novas tecnologias.

O impacto e a nova maneira de nos relacionar com o mundo e entre nós que gerou a internet e as comunicações via satélite, assim como o desenvolvimento dos meios de trans-

porte, quando fazem a aldeia cada vez mais global, colocam uma séria interrogação diante da necessária preservação das identidades culturais, condição para viver a pluralidade na unidade de um mesmo Espírito.

Meios de comunicação

Alguns analistas chamaram aparelhos ideológicos do Estado aos meios de comunicação social. Hoje eles não são tanto propriedade dos Estados, mas dos grupos econômicos ou de proprietários particulares. O impacto que provocam na juventude e nas gerações do presente não pode omitir uma reflexão teológica que queira situar e situar-se no coração das angústias e esperanças dos homens e das mulheres de nosso tempo.[11]

O papel na formação da consciência, na transmissão de valores e na preservação ou degradação das culturas nacionais que exercem os meios está atingindo valores e sentidos que a teologia não pode desconhecer. A transmissão de cultura e mentalidade está sendo manejada pelos meios e seu impacto chega até à confusão em questões de fé, da historicidade de Jesus de Nazaré, do sentido da confissão de fé, da Igreja, da vida e exercício do ministério, do valor do celibato como opção de vida e de quase todos os assuntos da vida e da realidade que se transmitem através dos meios e implicam claros objetivos a partir de uma compreensão do papel dos mesmos como negócio produtivo ou como capacidade de orientar as consciências para determinados horizontes de significação.

Ética

Desentranhar a relação estrutural entre os níveis epistemológico e ético pode conduzir a teologia do continente a explorar novas respostas e assinalar pistas proféticas para a grave crise ética que afeta nosso mundo contemporâneo e, concretamente, o continente. Retomar perguntas de sempre, como "qual é o sentido da ação humana?", "tudo é permitido ou possível?", "e a partir de quê?".

11. *Gaudim et Spes*, n. 1.

Não considero que o Cristianismo deva propugnar por uma ética de mínimos. Podemos chegar a acordos mínimos, dadas determinadas conjunturas que assim o exijam, mas nossa visão ética, nossa proposta é uma ética de máximos, isto é, da busca de realização do humano como divinizado, da incansável proposta de construir uma fraternidade universal, uma globalização da solidariedade e uma alternativa diferente para um mundo possível que chegue, mesmo, a recuperar o sentido e o valor da categoria de sacrifício para poder permitir a sobrevivência da humanidade.

Sim, uma proposta ética inusitada, que desentranhe a possibilidade de dizer que nem tudo é permitido quando se trata do seguimento de Jesus e que reoriente o sentido da ação para a construção desde agora e no concreto histórico de espaços e lugares antecipatórios do Reino pregado pelo Mestre e Senhor Jesus Cristo. Uma reflexão ética que leve em consideração o sentido da subjetividade societal e o papel dos sentimentos e das emoções em relação ao pensamento e à razão, para não ignorar a crise da racionalidade que vivemos no mundo contemporâneo.

E neste contexto assume interesse particular a reflexão bioética desde uma perspectiva libertadora. A vida, desde seu início até seu final. Todas as perguntas que vêm da degradação humana que são os hospitais públicos ou privados para pobres, toda a indiferença e a carência de sensibilidade que se veio gestando como etos nos ambulatórios e clínicas. Uma ética da vida que leve os assuntos mais além das técnicas ao diabólico ou ao sentido diante das mesmas e que integre a justiça à única solução de limites e deficiências orgânicas.

Linguagem

A teologia latino-americana e caribenha, dada a sua originalidade, está sendo chamada a realizar seus registros de linguagem. Seu rigor não pode nem deve consistir em assumir e assemelhar-se aos registros próprios de outros modos de fazer teologia, respeitáveis e válidos, mas em sua capacidade

de verter em registros compreensíveis a umas maiorias os produtos teológicos, se me permitem usar tal expressão.

O maior sentido de um discurso teológico nosso não é só que tenha sentido, mas que seja capaz de chegar com clareza ao ouvinte e produzir o efeito significado. Nisso consiste seu rigor e não somente na adequação a determinados modelos preestabelecidos que ajustam a cientificidade ou não cientificidade do mesmo. Não nos movemos por pruridos cientificistas, mas pelo rigor com que damos razão de nossa fé para nos comprometer com a busca de Deus na história e a implantação do Reino de Deus pregado por Jesus, o Cristo.

Superar uma linguagem que, segundo alguns analistas da filosofia da linguagem, pode ir de férias[12] porque o que diz não diz, carece de significado. A mediação das ciências da linguagem é também uma alternativa de futuro para uma teologia que assume a palavra do povo, os ditos do povo, a religião popular, e quer desentranhar não só os sentidos maiores dessa linguagem ordinária, mas seu potencial teológico e seu talante profético.

Aqui entra em jogo o caráter autoimplicativo da linguagem para o(a) teólogo(a) latino-americano(a) e caribenho(a). Estar implicados no conteúdo lógico daquilo que é dito, ser intérpretes do Evangelho, apaixonados(as) pela causa de Jesus, seguidores incondicionais de Jesus Cristo pelos caminhos deste continente, assumindo o risco de estar nas fronteiras, nos limites, desvendando o não dito para ir recuperando a força de quem lhes sussurra ao ouvido com amor: "Eis que estou convosco todos os dias, até o fim dos tempos" (Mt 28,20).

12. São sugestivos os trabalhos de D. Antiseri em relação à linguagem religiosa, assim como os da filosofia da linguagem de Wittgenstein, Austin, Evans e Searle, entre outros.

Uma palavra final

Urge superar os confrontos no interior da comunhão eclesial e a dureza de posicionamentos. A dor e a paixão de nossos irmãos, os pequenos, são maiores que nossas diferenças ideológicas. Não podemos continuar fazendo, de qualquer lado que seja, da opção pelos pobres e sua causa uma ideologia. O assunto é de Evangelho, de verdade de nossa fé cristológica. Da mesma forma, o diálogo no interior da comunhão de seguidores e seguidoras que somos a Igreja deve ser a constante que nos leve a ser testemunhas para que o Espírito de Jesus Cristo, o amor de Deus Pai e a ação do Espírito Santo estejam conosco para sempre.

Com meus pensamentos não estou minimizando nem deixando de lado os assuntos que estão sendo considerados com sugestiva criatividade por teólogos e teólogas do continente, como as teologias índias, afrodescendentes, de gênero, do diálogo ecumênico e inter-religioso. Mas a tudo isso quero insinuar esses assuntos que abrem um leque de reflexões que continuam pulsando o viver dos pobres e a dívida da teologia diante de toda a sua história de exclusão e dor.

Pela tarefa que temos como homens e mulheres que se ocupam daquilo que é de Deus, é necessário estimular teólogos e teólogas, leigos e leigas, religiosos e religiosas, presbíteros e irmãos no episcopado na busca de continuar com entusiasmo, serenidade e energia no desenvolvimento de uma tradição teológica que possa dar suporte à esperança de nossos povos, gestando tímida, mas corretamente, uma América Latina e um Caribe geradores, pelo desenvolvimento de sua teologia, de compromissos maiores que os infortúnios do presente.

Vida Consagrada e teologia latino-americana. Celebração da CLAR

J. B. Libanio, sj*

Quadro metodológico

A fé como ponte entre a Vida Consagrada e a teologia

Há relação profunda entre a Vida Consagrada (VC) e a teologia. Dois níveis de trabalhar a fé. A teologia, na expressão clássica de Santo Anselmo, se define como *fides quaerens intellectum* – a fé que busca inteligência. A teologia carrega o acento na compreensão, no aprofundamento da fé. E subdivide-se em diversas disciplinas que explicitam a fé desde aspectos diversos. A VC, por sua vez, entende-se como uma vida estruturada a partir da experiência fundante de Deus, apreendida à luz da fé, a ser vivida na oração, na vida comunitária e na missão apostólica segundo o carisma próprio do fundador.

Tanto a teologia como a VC vivem a fé pensada, refletida, rezada, vivida na Igreja. Daí a mútua relação entre ambas. A fé cristã faz a mediação, o lugar de encontro entre ambas ou a ponte que as interliga. Assim, a VC, como fé vivida, influencia a teologia, fé pensada, e esta, por sua vez, marca a VC.

A Vida Consagrada se alimenta da teologia

O consagrado vive da fé. A sua vida encontra sentido unicamente na Palavra de Deus. Esta o alcança no interior da grande Tradição eclesial. Como aprofundá-la, captar-lhe o sentido sempre antigo e sempre novo, relido e reinterpretado para o tempo e espaço em que o religioso vive? Ele recorre, então, à teologia, tanto no nível pessoal como congregacional. Os fundadores se banharam da teologia de seu tempo e de dentro dela formularam o próprio carisma, que os seguidores se empenham em encarnar em suas vidas.

Quando surgem dúvidas, discussões sobre a interpretação do carisma, o recurso à teologia do tempo da fundação e de hoje se faz iluminador. A teologia permanece fonte da VC. Percebe-se a fragilidade de uma fundação religiosa quando lhe falta teologia e predominam aspectos emocionais, circunstanciais e piedosos sem consistência. Com rapidez, mudam as conjunturas e os religiosos ficam desprovidos de fundamento e entregues a sopros momentâneos ou a rigidez conservadora. Alguns surtos carismáticos superficiais têm atraído consagrados sedentos de uma base espiritual que não encontram na própria Congregação. Correm o risco de, em breve tempo, continuar na mesma incerteza, ao léu de outros modismos espirituais.

Cabe-lhes a tarefa de arregaçar a manga e nutrir teologicamente de espiritualidade que os alimente, os sustente, os robusteça. Daí a importância de refletir sobre a relação entre teologia e VC.

A teologia se desenvolve no interior da Vida Consagrada

Todo aquele que pensa, reflete e explicita a fé faz teologia. Tal atividade acontece principalmente naqueles espaços humanos e religiosos que a favorecem. A pastoral, as instâncias de ensino, os centros de pesquisa, as comunidades acadêmicas e religiosas, a solidão silenciosa do quarto de estudiosos da Palavra de Deus propiciam lugar e momento para a produção teológica. E no interior de muitos desses ambientes o teólogo se alimenta de experiências religiosas e de espiritualidades que lhe iluminam o pensar teológico.

Certa vez perguntaram a K. Rahner pela estrutura fundamental de sua teologia. Respondeu que era a espiritualidade

* **João Batista Libanio** é jesuíta. Licenciado em Filosofia e doutorado em Teologia (Frankfurt/Roma). Professor de Teologia na Faculdade Jesuíta de Belo Horizonte. Primeiro presidente da Sociedade de Teologia do Brasil, assessor de Intereclesiais de CEBs. Vice-pároco em Vespasiano. Fundador e membro da equipe teológica da CRB durante onze anos. Membro da Equipe de Seminários da CLAR. **Endereço do autor:** E-mail: jblibanio@faculdadejesuita.edu.br.

inaciana. De fato, a estrutura do discernimento espiritual, o lema *in actione contemplativus* – contemplativo na ação –, a estrutura encarnatória da fé lhe marcaram profundamente a teologia. Indo mais longe, na perspectiva da libertação, L. Boff forjou a expressão *contemplativus in liberatione*.[1] Por sua vez, a teologia beneditina se alimenta especialmente da liturgia, o *opus divinissimum*, e do binômio *ora et labora* – reza e trabalha –, e os dominicanos se especializam *contemplata aliis tradere* – transmitir aos outros o que se contemplou – e assim por diante. As diferentes famílias religiosas nutrem matrizes teológicas e geram teologias específicas no quadro maior da teologia no singular.

Procede afirmar que a VC tem sido matriz teológica. E então vale a pena perguntar: a VC vivida em determinado momento do continente latino-americano não exerceu influência significativa sobre a teologia? E, por sua vez, a teologia aí produzida não marcou também a VC?

Traços fundamentais da Vida Consagrada até a ruptura de Medellín

Para responder às perguntas acima levantadas, cabe, num primeiro momento, esboçar, de maneira concisa, traços gerais da VC na América Latina naquilo que ela tem de original. Não consideraremos os aspectos da VC que refletem simplesmente modelos europeus sem originalidade. Na expressão arguta do filósofo padre Henrique Vaz, interessam-nos os pontos em que a VC da América Latina deixou de ser reflexo e se tornou fonte de inspiração.[2]

Caracterizou a VC da América Latina nos aspectos criativos e originais a dupla ruptura produzida pelo Concílio Vaticano II e por sua recepção em Medellín.[3] A primeira ruptura do Concílio Vaticano II repercutiu entre nós pela tensão entre carisma e instituição. Como até então se frisava e se repisava o lado institucional, aconteceu verdadeira explosão carismática no interior da VC ao afetar-lhe a vida de oração, a vida comunitária e a missão. O Concílio incentivou a VC à volta ao carisma inicial.[4] A VC nasceu nos

1. BOFF, L. *Contemplativus in liberation*. *Convergência* 13 (1980) 564-572.

2. VAZ, H. Igreja-reflexo *vs* Igreja-fonte. *Cadernos Brasileiros* 46 (1968) 17-22.

3. Tema que preocupou a VC na década de 1970. Veja meu livro: *As grandes rupturas socioculturais e eclesiais. Sua incidência sobre a vida religiosa*. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes/CRB, 1980.

4. Decreto *Perfectae Caritatis*, n. 2.

inícios do Cristianismo, altamente carismática, num movimento de ida para o deserto, periferia e fronteira. Com a crescente institucionalização da Igreja, especialmente no segundo milênio e mais fortemente depois do Concílio de Trento, ela reduziu o espaço do carisma e ampliou o institucional. A ruptura do Concílio Vaticano II veio retomar o movimento primeiro do carisma.

No que refere à vida espiritual, deslocou-se o acento do cumprimento escrupuloso de uma série de atos de piedade para o aprofundamento da experiência fundante de Deus. A atenção se voltou para o primado absoluto da Palavra de Deus, para as moções interiores do Espírito, para a incondicionabilidade do amor de Deus que nos interpela a liberdade. O caráter absoluto de Deus e a liberdade humana em face dele relativizaram a ladainha de práticas espirituais que enchiam a vida do(a) religioso(a). Apelou-se para a permanente presença renovadora e criadora do Espírito. A VC se definiu como vida segundo o Espírito e não como cumprimento de ritos religiosos.[5] Ruptura de consequências imprevisíveis.

No que diz respeito à vida comunitária, dois fatores a questionaram. De um lado, as pessoas tomavam consciência cada vez mais de sua autonomia, liberdade, dignidade, e não se sujeitavam facilmente a expressões comunitárias infantilizantes e humilhantes. De outro lado, respiravam-se ares de desejos de participação, de partilha, de valorização da afetividade e das relações pessoais, que se tornavam impossíveis no seio de grandes comunidades. A VC atravessou a onda das pequenas comunidades em que o ambiente de convívio afetivo se cultivou com esmero. Valorizava-se mais a qualidade comunitária da convivência que os atos comunitários.[6]

No âmbito da missão, foram trazidas ao tribunal do carisma da Congregação as obras, ao questionar-lhes seriamente a autenticidade e a coerência evangélica. Em nome do carisma, pedia-se renovação radical da missão da VC. Muitas Congregações se tinham transformado em instâncias pastorais de Igrejas particulares sem nenhum toque carismático original.

5. CLAR. Vida segundo o Espírito nas comunidades religiosas da América Latina. Rio de Janeiro: CRB, 1974. BOFF, L. *Vida segundo o Espírito*. Petrópolis: Vozes, 1981.

6. BOFF, C. Comunidades autogovernadas. Autoridade e obediência nas pequenas comunidades. *Convergência* 18 (1983) 38-45. Ver n. 159.

Para além dessa ruptura que afetou, em geral, a VC em muitos países do mundo inteiro, somou-se o impacto de Medellín. Ele afetou significativamente os elementos estruturais da VC na América Latina. Assim, a experiência de Deus, a vida comunitária e a missão se interpretaram e se concretizaram no horizonte da opção pelos pobres.[7] Pedra de toque para testar as transformações pelas quais a VC passou.[8]

O pobre entrou como decisivo na experiência de Deus.[9] Não se tratou de intromissão ideológica, mas de dado fundamental da revelação. Deus Pai por primeiro optou pelos pobres. Deus não escolheu nenhum dos grandes impérios para ser seu povo predileto, destinatário da revelação de sua gesta libertadora, mas o povo hebreu. Não o fez por seu número, força ou méritos (Dt 7,7; 8,17; 9,4), mas por amor (Dt 7,8; Os 11,1). E o amor de Deus se mostrou ao pequeno, ao frágil, ao desprezado. Ele se revelou como o grande defensor dos pobres, simbolizados pela viúva, pelo órfão e pelo estrangeiro (Ex 22,21ss; Dt 10,18). O pormenor prescrito de deixar a colheita imperfeita e não voltar para completá-la a fim de que o pobre aproveitasse do que sobrou revela o cuidado de Deus por ele (Dt 24,19).

E Jesus confirmou tal opção ao fazer-se ele mesmo pobre, vivendo com os pobres e chamando-os bem-aventurados em seu Reino (Mt 5,3). Esse dado revelado revolucionou a VC na América Latina. Não pela novidade bíblica, assaz conhecida e praticada na Igreja. A novidade veio da nova maneira de entender o pobre no interior do sistema sociopolítico. Já não se responsabiliza a natureza por fazê-lo pobre, mas o sistema dominante. Mais que de pobres, trata-se de empobrecidos.[10]

Maneira concreta da entrada do pobre na espiritualidade da VC se fez por meio da leitura militante da Escritura. Para tal contribuiu altamente o método exegético desenvolvido pelo frei Carlos Mesters.[11] E a CLAR desenvolveu, com essa metodologia, não sem incompreensões, um programa de leitura da Palavra de Deus para os religiosos: Palavra é vida.[12]

7. BOFF, C.; PIXLEY, J. *Opção pelos pobres*. Petrópolis: Vozes, 1986.

8. BOFF, C. Os pobres são nossos mestres. A reeducação do religioso pelo povo. In: VV. AA. *Formação para a vida religiosa hoje*. Rio de Janeiro: CRB, 1982. p. 11-45. LIBANIO, J. B. Os pobres nossos mestres e juízes. *Grande Sinal* 36 (1982) 547-564.

9. SOBRINO, J. La experiencia de Dios en la Iglesia de los pobres. In: *Resurrección de la verdadera Iglesia. Los pobres, lugar teológico de la eclesiología*. Santander: Sal Terrae, 1981. p. 143-176.

10. GUTIÉRREZ, G. Pobres y opción fundamental. In: ELLACURÍA, I.; SOBRINO, J. (orgs.). *Mysterium Liberationis. Conceptos fundamentales de la Teología de la Liberación*, I. Madrid: Trotta, 1990. p. 303-321. GUTIÉRREZ, G. *Onde dormirão os pobres?* São Paulo: Paulus, 1998.

Em muitas comunidades religiosas, o toque do pobre se fez presente na liturgia, orações, cânticos e outras práticas espirituais. A centralidade da opção pelos pobres cobriu, assim, amplos campos da vida espiritual dos religiosos. O pobre se transformou no critério maior e verificador da autenticidade da VC no referente à experiência de Deus. Consequentemente, também da vida comunitária e da missão. Assumiu-se com coragem a espiritualidade do e no conflito, ao descobrir o teologal presente no processo de libertação, ao celebrar-lhe a práxis em momentos de vitória ou fracasso. Realizava-se o projeto espiritual de *in liberatione contemplativus*, a bem-aventurança das perseguições.

Essa novidade afetou também a vida comunitária. O texto inspirador de Medellín diz:

> Todos os membros da Igreja são chamados a viver a pobreza evangélica. Mas nem todos da mesma maneira. Há nela diversas vocações que comportam diversos modos de vida e diversas formas de agir. Entre os religiosos, que têm a missão especial de dar testemunho da pobreza, há diferenças segundo os carismas próprios.[13]

Esse texto produziu real deslocamento de lugar social.[14] Religiosos(as) deixaram bairros burgueses e se transferiram para regiões rurais pobres e periferias urbanas. Aí se puseram a morar e a desenvolver a ação pastoral. Sentia-se, então, a dupla sensação de ruptura e continuidade. De ruptura com uma VC recente, cuja vida comunitária assumira antes um status de classe média e de continuidade com a origem de muitas Congregações que nasceram em comunidades de extrema pobreza. Exprimia autêntica conversão espiritual por obra da presença junto aos pobres.

Refletiu-se muito sobre a vida inserida dos(as) religiosos(as) nos meios populares e pobres.[15] Houve comunidades que se deixaram interpenetrar pela presença dos pobres do bairro, assumindo ritmo de vida compatível com tal proximidade. Procedeu-se real descentramento geográfico, social e espiritual da comunidade. A vivência das virtudes assumiu

11. MESTERS, C. *Por trás das palavras*. Petrópolis: Vozes, 1980. *Flor sem defesa*. Petrópolis: Vozes, 1983.

12. Esse projeto teve problemas de interpretação. Mereceu longo artigo explicativo de: MESTERS, C. O Projeto "Palavra-Vida" e a leitura fiel da Bíblia de acordo com a Tradição e o Magistério da Igreja. *REB* 49 (1989) 661-673.

13. CELAM. Conclusões de Medellín. *A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio*. Petrópolis: Vozes, 1969. *Documento* n. 14, *Pobreza da Igreja*, n. 6, p. 140.

14. BOFF, L. *Do lugar do pobre*. Petrópolis: Vozes, 1984.

15. PALÁCIO. C. *Vida religiosa inserida nos meios populares*. Rio de Janeiro: CRB, 1980.

outra configuração, ao se cultivarem a esperança, a alegria, a simplicidade de vida, a resistência no sofrimento, a confiança na Providência, a abertura à missão evangelizadora, a hospitalidade, a coragem profética.

O pobre presidiu também a renovação da VC em sua missão, que consistiu em assumir a causa dos pobres, em relação com a causa de Cristo.[16] Viu-se a articulação da VC com o projeto social libertador dos pobres como missão fundamental e central.[17] Em termos teológicos, falava-se da tensão entre a reserva escatológica própria da VC e a dimensão política. Muitos(as) religiosos(as) participaram das lutas populares até o martírio. Enorme número de consagrados faz parte do martirológio latino-americano.[18]

Não poucos(as) religiosos(as) se puseram na caminhada do povo e estiveram na gestação das comunidades eclesiais de base e aí tiveram presença significativa. Romperam, destarte, a longa aliança histórica entre o Catolicismo oficial e o poder dominante ao afastar-se das classes dominantes e de seus valores. A VC se autocompreendeu e à sua própria missão desde os pobres. O lugar social dos pobres transformou-se para ela em lugar teológico.[19] A partir da unidade da história, interpretou salvificamente toda a história humana na perspectiva libertadora.[20] Exercitou, no concreto da missão, o discernimento do que João XXIII chamou de sinais dos tempos.[21] Com isso as obras de apostolado das Congregações foram questionadas seriamente e a atenção se voltou para as CEBs, os círculos bíblicos, as pastorais sociais. Por amor à verdade, cabe dizer que a VC feminina assumiu com maior coragem e coerência tal opção à custa de muita luta e sofrimento.

Em termos de teologia da VC, elaborou-se uma releitura libertadora dos votos, ao reinterpretá-los em perspectiva profética e escatológica com forte alcance sociopolítico.[22] Insistia-se, no fundo, que se tratava de um único voto: a consagração total a Deus no sentido de reserva para a missão e de pôr-se a serviço da causa de Deus no mundo. Por mundo se entendia a totalidade coerente das experiências que fazemos com os homens, com as coisas. Estava em questão a

16. TRIGO, P. Opción preferencial por los pobres: la causa de los pobres, la causa de Cristo. *Christus* 44 (1979) 24-27. Ver n. 524.

17. LORSCHEIDER, A. A missão dos religiosos na inserção nos meios populares. *Convergência* 23 (1988) 122-127.

18. INSTITUTO Histórico Centro-Americano de Manágua. *Sangue pelo povo. Martirológio latino-americano*. Petrópolis: Vozes, 1984.

19. ELLACURÍA, I. Los pobres, lugar teológico en América Latina. *Diakonía* 6 (1982) 41-57. Ver n. 21.

20. DUQUOC, C. Une unique histoire. *Recherches de Science Religieuse* 74 (1986) 201-215.

unidade concreta em que os homens de nossa cultura pensam, organizam sua vida. Enfim, entrava em jogo a totalidade da criação: coisas, homens, história. Nele acontecem o seguimento radical de Jesus, a solidariedade e o serviço aos pobres.

O três votos traduzem essa atitude geral de entrega a Deus a serviço de todos os homens no mundo sob três formas específicas. Pela obediência, renuncia-se aos próprios projetos e assume-se o projeto de Deus, discernido na oração, no confronto com a comunidade (superiores) e com a realidade sociopolítica, máxime no interior do conflito opressão dominante e libertação dos pobres. No interior desse discernimento escolhem-se as mediações práticas de transformação da realidade como expressão do plano de Deus na perspectiva pascal: morte e ressurreição, martírio e vida.

A castidade encarreira-se na linha da realização do amor cristão, feito de desprendimento, universalidade, disponibilidade, renúncia e compromisso com o povo em face do Amor Absoluto. As realidades humanas mediatizam para o religioso esse amor maior em perspectiva samaritana. A solidão do voto de castidade não se traduz em atitude maniqueia de rejeição do sexo, mas de liberdade solidária com os seres humanos, máxime com os oprimidos.

Pela pobreza renuncia-se ao instinto de posse, ao desejo insaciável de ter e ao modo possessivo exclusivo de relacionar-se com os bens. Significa gesto profético de protesto contra a degradação da natureza pela posse, pelo uso abusivo e destrutivo dos objetos de consumo e anuncia nova relação com o mundo, visto como sacramento de Deus.

Sintonia entre teologia e Vida Consagrada

Em profunda sintonia com esse quadro da VC renovada pelo Concílio Vaticano II e pelas opções de Medellín nasceu na América Latina a Teologia da Libertação (TdL). Sem ela não se entenderia a VC nesse momento e também a VC embalou tal teologia. Relevantes teólogos da libertação pertenciam a Congregações religiosas dentro das quais

21. BOFF, C. *Sinais dos tempos. Princípios de leitura*. São Paulo: Loyola, 1979.

22. LIBANIO, J. B. *Vida religiosa e testemunho público*. Rio de Janeiro: CRB, 1971.

produziram sua teologia em profunda sintonia entre ambas: VC e teologia.

Com a simples finalidade de mostrar tal sintonia, indicaremos alguns poucos elementos fundamentais da teologia da América Latina sob aspecto original de Teologia da Libertação.[23] Toda teologia situa-se em determinado contexto. Mas nem toda teologia toma consciência e explicita tal condição situada. A TdL, bem como a VC da América Latina, expressaram, com clareza e coragem, traços, naquele momento, altamente contundentes. Voltaram-se para a teologia europeia e para a forma de VC vivida na Europa e disseram-lhes que elas não se identificavam mais com a teologia ou com a VC, mas encarnavam uma determinada forma de teologia e de VC com todas as riquezas e limites de ser europeias. Mais: a TdL e a VC latino-americana reivindicavam criar uma forma própria, original de teologia e de VC. Para tal, no caso da teologia desenvolveu-se um método peculiar e, no caso da VC, interpretou-se, como vimos acima, os três constitutivos da VC – experiência de Deus, vida comunitária e missão – em outra perspectiva, a saber: em vinculação com a opção pela libertação dos pobres.

A TdL se caracterizou por diversos pontos. Todos eles mantêm relação clara e íntima com a VC latino-americana. Ambas explicitam a experiência fundante de Deus nos pobres. Pedra angular do sistema teológico e das estruturas da VC. E a prioridade inquestionável da opção pelos pobres decorre de dupla leitura, a que converge para a metodologia da TdL e a que converge para a vivência da VC. Assumem da teoria da dependência o conceito de libertação e ampliam-no para o horizonte antropológico, histórico e teologal. À luz dele interpretam existencial e teologicamente a situação de opressão dos pobres, não só como fruto de situações de pobreza de recursos, mas também e principalmente como resultado de relações sociais de injustiça a clamar por justiça, por libertação econômica, política, social, cultural e espiritual.

Uma série de outros fatores criou o clima de libertação no continente que propiciou o surgimento da ótica libertadora.

23. Existe ampla literatura sobre ela. Cito um longo artigo que publiquei: La teologia contestuale della liberazione. In: ALBERIGO, G.; RUGGIERIL, G.; RUSCONI, R. (dir). *Atlante del Cristianesimo, Collana Grandi Atlanti Tematici. Atlante del Cristianesimo. La Teologia Contestuale della Liberazione*. Torino: Utet, 2005. Disponível em português em: <www.jblibanio.com.br>.

Podemos citar no campo político: a intensificação da dominação e opressão, com a consequente reação de movimentos revolucionários pipocando por toda a América Latina; movimentos populares; o pacto populista; a campanha pelas reformas de base; a mobilização estudantil e o consistente movimento cultural de afirmação dos valores nacionais e latino-americanos; a pedagogia libertadora de Paulo Freire.

Em termos de Igreja, a virada do Concílio Vaticano II com a constituição pastoral *Gaudium et Spes* fomentou uma presença da Igreja no mundo conflituoso de hoje. Criou-se, em várias Igrejas e episcopados da América Latina, clima geral de preocupação social. Figuras significativas do episcopado engajaram-se no processo de transformação da situação social do continente. A atuação das formas de Ação Católica – especialmente as juventudes católicas Estundantil, Operária e Universitária (JEC, JOC e JUC) –, os ensinamentos sociais de João XXIII e de Paulo VI, o Movimento de Educação de Base, as Comunidades Eclesiais de Base, a experiência paroquial de religiosas em situações conflituosas possibilitaram tanto o surgir da TdL como a VC inserida nos meios populares.

Já antes do Concílio Vaticano II a teologia passava por profunda renovação. A teologia política de J. B. Metz, a teologia da esperança de J. Moltmann e a teologia da revolução de R. Schaul contribuíram para o nascer da TdL.

O característico da TdL coincide com a perspectiva da VC inserida, embora trabalhem com instrumentos teóricos diferentes. Na TdL e na VC os pobres entram em cinco momentos:

- *Teologia dos pobres*. Eles se fazem o ponto de partida do questionamento da própria teologia. Sob certo sentido, eles se constituem o sujeito produtor da teologia, não substituindo o teólogo profissional nem entrando na academia, mas oferecendo suas reflexões, vivências, existência de pobres como elementos a ser teologizados.
- *Teologia para os pobres*. O destinatário comum de muitas teologias tem sido o próprio teólogo. Na academia

produz-se e escreve-se muito para os pares. Com eles se debate. E por isso a teologia assume enorme rigor e cientificidade para suportar o olhar crítico dos colegas do ramo e de outros do mesmo mundo acadêmico. A teologia para os pobres renuncia não ao rigor de pensar a fé, mas à moldura científica própria da academia, para dirigir-se aos que principalmente se envolvem com o mundo dos pobres e sob alguma forma ela se torna acessível a eles enquanto possível. Há toda uma produção da TdL para as bases.

- *Teologia junto aos pobres*. Supõe que o teólogo se vincule com o mundo dos pobres, quer por meio de inserção permanente em seu meio, quer por presença intermitente ou, pelo menos, pela opção por eles.
- *Teologia pelos pobres*. Ponto polêmico. A própria teologia, no que C. Boff chama de mediação hermenêutica, a saber: a maneira de entender a revelação, o projeto salvador de Deus, a pessoa de Jesus e sua práxis, a grande Tradição da fé, é afetada pela realidade dos pobres. Alguns teólogos avançam a posição de que Jesus Cristo, ao se fazer pobre, viver entre eles e como eles, ofereceu a "chave dos pobres" para entendê-lo e, por conseguinte, como critério hermenêutico teológico.[24]
- *Teologia motivada pelos pobres*. Grau maior de interioridade do pobre na vida do teólogo. Alcança-lhe a motivação. Ele não pensa no destinatário de maneira meramente funcional. Mas se apaixona pelo pobre que o move a pensar e a fazer teologia. Ultrapassa o nível meramente epistemológico para entrar na afetividade que aciona a inteligência.

Não foi isso também que a VC inserida descobriu? Ela se pensa a partir dos pobres. Ela se faz em compromisso com os pobres. Procura estar ao lado dos pobres. E se deixa reconfigurar pela influência dos pobres. Por fim, a VC se deixa motivar pelo pobre na entrega a Deus. Ousaria dizer que primeiro está o amor ao pobre, que o leva a Deus. Caminho de baixo. Bem próximo de João: "[...] quem não ama seu irmão, a quem vê, não poderá amar a Deus, a quem não vê" (1Jo 4,20). Primeiro está o pobre, que se vê, e ao amá-lo alcançamos a Deus, que não vemos. Critério de verificação e também de motivação. Existe, portanto, profunda sintonia entre esse aspecto estritamente metodológico da TdL e a intuição inovadora da VC.

24. COMBLIN, J. As estranhas acusações de Clodovis Boff. Disponível em: <http://www.adital.com.br/sitenoticia.asp?lang=PT&cod=36686>. Acesso em: 29 dez 2008.

Momento conjuntural da Vida Consagrada e da teologia

Os traços salientados da VC e da TdL não representam a totalidade da América Latina nas Congregações, nem no conjunto dos religiosos, nem na produção teológica. Talvez seja uma minoria. No entanto, apontam para o original e profético vivido pelos religiosos e teólogos, não sem tensões no interior das Congregações e com certas autoridades eclesiásticas locais e romanas.

Vários fatores sociopolíticos e eclesiásticos contribuíram para que tal modelo de VC e de teologia em sequência à dupla ruptura do Concílio Vaticano II e Medellín se arrefecesse nas últimas décadas.

Toda novidade esbarra no peso de Instituições já longevas. E esse termina por frear as novidades com ou sem razão. Não faltaram desgastes inúteis por conta de sofridas polêmicas, por avanços desmedidos seguidos de reações da Instituição.

Dois fatos caracterizam o momento conjuntural com respeito à relação entre a VC e a teologia. Um concerne diretamente à VC, outro à teologia. Que aconteceu com ambas no momento atual?

A Vida Consagrada se afasta da linha social

A VC se afasta da teologia da América Latina e do universo da libertação. Instaura-se na Igreja, lentamente, a partir do final da década de 1960, um processo neoconservador cuja característica principal consiste no reforço do institucional nos três centros: Roma, diocese e paróquia. As outras Instituições, movimentos, surtos carismáticos, no nosso

caso a VC, deviam conformar-se às orientações advindas de tais centros. Naturalmente, o polo romano detinha a hegemonia, enquanto os outros centros reproduziam em miniatura e reforçavam a linha oficial.

As orientações não se opunham ao ponto central da opção pelos pobres, cuja evangelicidade goza de enorme evidência, mas à maneira como era entendida na América Latina. As instâncias oficiais temiam pela secularização da VC, pela perda da dimensão espiritual, pela conflituosidade gerada no interior das comunidades religiosas e eclesiais. Aludiam diretamente à influência marxista na análise da realidade e na prática daí decorrente. A influência dos pobres sobre a configuração e conformação da VC parecia-lhes exagerada e indevida, não se respeitando a universalidade e originalidade da VC.

Como muitas Congregações trabalhavam grandemente em obras destinadas a público burguês, a opção radical pelos pobres as punha em cheque, provocando conflitos no interior das comunidades e Congregações. Além disso, temia-se o abandono da classe média, por parte da Igreja, em detrimento da vocação universal do Cristianismo.

Para muitos religiosos engajados na luta social, as contínuas derrotas das classes populares, o relativo fracasso da revolução sandinista, a queda do regime socialista dos países do Leste europeu, o triunfo solitário do neoliberalismo produziram forte crise da utopia libertadora, desânimo e desesperança. No momento em que deveria surgir nova geração para prosseguir o processo de VC inserida, o *tsunami* carismático inundou a Igreja e a VC. E então não vieram forças jovens para prosseguir a experiência anterior. E os(as) pioneiros(as) envelheceram ou morreram. Isso está valendo para a geração de bispos, sacerdotes, teólogos, religiosos(as). Um teólogo europeu já maduro, referindo-se a essa geração profética em comparação com a nova, fala de "descafeinização". O impulso profético cedeu lugar à acomodação generalizada. Os sinais de tal fenômeno se multiplicam. Por razão de brevidade, reduzir-me-ei a um aspecto fundamental da atual conjuntura da Igreja e da VC com algumas consequências. Trata-se da substituição crescente de uma Igreja e VC centradas na opção social pelos pobres num mundo injusto pela preocupação com o desgaste interno da Igreja e da VC por força de tal confronto. Volta-se, então, para reforçar a identidade de ambas com acento na visibilidade.

Uma VC com imensa liberdade criativa em meios populares cedeu espaço para crescente ritualização religiosa e comunitária. Antes se descuidava o exterior em benefício da inserção no meio do povo, hoje se cultiva o modo de vestir, de tratar o corpo, de se apresentar, de acontecer no mundo midiático. Reinam o marketing, o visual, a exibição de si mesmo, o mundo da beleza, da jovialidade, da dinamicidade. O filósofo francês Gabriel Marcel e muito depois Paulo VI bateram na tecla da sustituição do ser pelo ter. Hoje tal fenômeno assumiu forma diferente. Prevalecem sobre o ser o aparecer, o ostentar. O ter se põe a serviço da aparência. No que diz respeito à VC, vale talvez o que o sociólogo R. Benedetti afirmou do clero jovem:

> O que chama a atenção [...] é o gosto dos padres novos pelos sinais distintivos de sua condição – festas, vestes, poderes –, ausência de inquietação com relação ao destino da sociedade (e da Igreja), pouco amor (nenhum) aos estudos, nenhuma paixão ecumênica, pela justiça social. Presbíteros mais preocupados com seu caráter e poder sagrados do que com uma presença significativa no mundo, com o diálogo com a sociedade, com serviço competente ao homem de hoje.[25]

Diversos fatores originaram tal conduta. Sociólogos e psicólogos arriscam a interpretação de que a geração da exterioridade sofre de dilaceramento interno. De um lado, muitos, antes de abraçar a VC ou de entrar no seminário, padeciam de baixa estima de si por causa da situação de pobreza da família, de nível cultural deficiente, de descuido na infância e de outras causas. Vestem-se, ao entrar na VC, não simplesmente do hábito, mas do reconhecimento social que este lhes traz. Já que não receberam valorização pelo que são, carregam-se de exterioridades para que doravan-

25. BENEDETTI, L. R. O "Novo Clero": arcaico ou moderno? *REB* 59 (1999) 89.

te outros o façam pelo que mostram. Impressiona a volta dos símbolos religiosos no corpo das pessoas, até tatuagens aberrantes.

Já aludi à vaga espraiante da carismatização da Igreja e da VC. Ousaria ir mais longe ao ver nela um fenômeno cultural afetando todas as esferas da sociedade e não somente o universo religioso.[26] Deixemos de lado tal consideração para nos restringir ao tema restrito da VC e da teologia.

Carisma e libertação, em princípio, não se contradizem. Se a fonte última do carisma remonta ao Espírito Santo e a libertação se julga mediação histórica desse mesmo Espírito, a contradição não procede. No entanto, as formas históricas que ambas as correntes assumiram mostram, no mínimo, certa tensão. Olhos críticos julgam perceber na carismatização uma aliada da globalização neoliberal e da Pós-Modernidade fragmentada, ao desviar a mirada do campo social para o mundo privado das emoções.

Ao carismatizar-se em extremo, a VC se afasta da fonte nutriente da TdL. Intriga o fato de que o fenômeno carismático, por natureza crítico à Instituição, se tenha adaptado bem ao processo neoconservador, centralizador e reforçador do poder institucional. A dúvida surge a respeito do tipo de vinculação que se processa entre ambos: em profundidade ou de cunho estratégico? Nesse último caso, preveem-se tensões para amanhã. Além disso, a onda carismática está levando de roldão as identidades frágeis de Congregações pouco atentas ao próprio carisma, produzindo nivelação por meio de práticas, símbolos, ritos, devoções, celebrações.

Ao afastar-se da TdL, a VC fragilizou-se na motivação e o clima carismático tenta revigorá-la, ao apelar para o lado emocional, afetivo, festivo e consolador. Tal corresponde bem ao momento Pós-Moderno. Semelhantemente a tal movimento da VC, ocorrem transformações na TdL.

A Teologia da Libertação perde presença exterior

A TdL perde hegemonia no mundo eclesial. Pesaram razões sociopolíticas e culturais, tais como a queda do socialismo no Leste europeu, a vitória de Pirro do neoliberalismo, o triunfo do traço hedonista, consumista, materialista da cultura Pós-Moderna, o impacto da mídia burguesa esterilizadora de toda semente libertária. Já acenamos para tais fatos. Aqui eles funcionavam como deslegitimadores da TdL, enquanto esta levantava barricadas atrás da utopia socialista e do compromisso popular de libertação.

E, em termos de Igreja, além das reticências oficiais da Congregação para a Doutrina da Fé[27] e declarações esporádicas da hierarquia episcopal, lançou-se na América Latina amplo projeto de Nova Evangelização. Os inícios remontam a declarações de João Paulo II em reunião do Celam no Haiti, em 9 de março de 1982.[28] Em torno da proposta da Nova Evangelização travou-se conflito de interpretação. A TdL encontrou em Medellín suportes para encarreirá-la na linha libertadora. Mas predominou uma Nova Evangelização na perspectiva doutrinal, apoiada especialmente pelo enorme potencial da midiática carismática de viés conservador. A TdL cedeu espaço na grande publicidade para a tendência espiritualista carismática e de ensinamento de verdades.

O termo evangelização veio substituir o de libertação. Embora a palavra evangelização tenha belíssima origem etimológica e aluda ao mandato de Jesus de levar a Boa-Nova ao mundo todo, entrou no contexto em tensão com a libertação para espiritualizá-la, com o temor de que ela se restringisse unicamente ao campo sociopolítico.

Ao acrescentar-lhe o adjetivo "nova", quis-se afastar toda pecha contra a antiga evangelização pela via da imposição e dar-lhe cunho de atualidade. No entanto, o aspecto de atualização mais se restringiu aos meios usados, ao recorrer à grande midiática, e menos ao conteúdo adequado à situação de dominação do continente latino-americano. Pelo contrário, pensou-se numa evangelização comandada por centros europeus e americanos de alta tecnologia para difundir pela América Latina mensagens de viés doutrinal, magisterial e carismático universal. E com isso se afastava da linha libertadora.[29]

26. H. Cox, que no final da década de 1960 trabalhou a secularização como fenômeno inundante, reconheceu no final da década de 1990 que a paisagem mudou. Agora a inundação vem por parte do surto pentecostal. *Retour de Dieu: voyage en pays pentecotiste*. Paris: Desclée de Brouwer, 1995.

27. SAGRADA Congregação para Doutrina da Fé. *Instrução sobre alguns aspectos da teologia da libertação*. Petrópolis: Vozes, 1984.

28. Em discurso ao Celam em Porto Príncipe, Haiti, em 9 de março de 1983, João Paulo II usou a expressão Nova Evangelização: o V Centenário da Evangelização é visto por ele como um compromisso "não de reevangelização, mas sim de uma evangelização nova. Nova em seu ardor, em seus métodos, em sua expressão" (AAS 75 [1983] 778). Bate na mesma tecla no discurso na República Dominicana (12 out 1984: Osservatore Romano, ed. port. XV, n. 776, p. 1-2, 16, 14 out 1984), onde menciona as "múltiplas iniciativas de evangelização nova" que estão em curso na América Latina em continuidade com a primeira. Convida a celebrar o V Centenário "sem triunfalismo nem falsa modéstia". Aponta como meios da Nova Evangelização a "catequese sistemática, que complete nos fiéis a evangelização recebida". "Que ela desenvolva com mais vigor – como o das origens – um potencial de santidade, um grande impulso missionário, uma vasta criatividade catequética, uma manifestação fecunda de colegialidade e comunhão, um combate evangélico de dignificação do homem". Volta ao tema no Uruguai, retomando a tríade do "novo ardor", "novidade do método" e "nova pela

Em face desse movimento neoconservador da VC e da teologia latino-americana, vislumbram-se luzes de esperança? Ou caminharemos para noite cada vez mais escura no interior de uma Pós-Modernidade alheia à perspectiva social?

Sinais de esperança na Vida Consagrada e na teologia latino-americana

A cultura Pós-Moderna, por obra da fragmentação, permite espaços criativos. Desconfia de toda imposição de sistemas. Assim, o pensamento único neoliberal provoca profunda desconfiança e reações inovadoras. Aconteceu em Porto Alegre, em 2001, o Fórum Social Mundial (FSM), que rompeu a noite escura neoliberal ao lançar o grito "um outro mundo é possível" contra, precisamente, a tese da inexorabilidade do sistema capitalista depois da queda do socialismo. Aí se reuniram movimentos sociais de diversos continentes com a finalidade de pensar, elaborar, programar e atualizar alternativas para a transformação social global. Se nasceu, em parte, como contraposição ao Encontro dos poderosos e senhores do mundo econômico em Davos, hoje já tem autonomia e cria caminhos novos. Enquanto espaço aberto e democrático em atitude crítica ao sistema neoliberal e ao domínio do grande capital e a toda forma de imperialismo, simboliza o novo no mundo econômico, político e cultural no espírito de uma sociedade planetária.

A história nos ensina que a Igreja e a VC aprendem da sociedade e reproduzem no seu interior, de maneira original e própria, esquemas lá vigentes. Imaginemos, então, que tal espírito alcance a Igreja Católica e a VC e germine nelas. A Igreja Católica conhece concílio ecumênico composto primordialmente de bispos. Que seria um Fórum Mundial da Igreja Católica? Que seria um Fórum Mundial da VC? São perguntas cujas respostas escapam, no momento, até mesmo de nossa fantasia. Há sinais de esperança nessa direção na medida em que na Igreja e na VC estão surgindo movimentos de base articulados. No Brasil conhecemos os Encontros Intereclesiais de CEBs. Congregações religiosas promovem

expressão" (9 maio 1988: Osservatore Romano, ed. port. XIX, 15 maio 1988).

29. O jornalista Délcio Monteiro de Lima expõe a gênese do projeto da Lumen 2000, que oferece suporte midiático para a "nova evangelização". Iniciou-se em 1984. O supermilionário holandês Piet Derksen, o redentorista Tom Forrest, o milionário americano Bob Cavnar e outros organizaram audacioso plano de evangelização para cobrir o mundo inteiro por meio de uma super-rede de TV, com uso de satélites. MONTEIRO DE LIMA, D. *Enquanto o Diabo cochila*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990. p. 100ss.

simpósios, encontros continentais não só de superiores, mas também de jovens religiosos. Os jesuítas e colaboradores celebraram em Belém, dias antes do FSM, um pré-Fórum Social de vários continentes.

A Teologia da Libertação já organizou fóruns mundiais. O Fórum Mundial da TdL se define como um espaço de encontro para reflexão teológica tendo em vista contribuir para a construção de uma rede mundial de teologias contextuais marcadas por perspectivas de libertação, paz e justiça. Está aberto a delegações que representam programa, projeto, grupo, movimento ou entidade a que estejam vinculadas, ou a pessoas individuais. As perspectivas, embora amplas, refletem traços comuns: Libertação e opção pelos pobres, gênero, ecologia, ecumenismo e contextualidade, compromissos inter-religiosos, metodologia histórica e interdisciplinar. No espírito do FSM, o Fórum Mundial da TdL se afirma como espaço ecumênico, dialogal, plural e diversificado. Tradução teológica do democrático. O viés libertador herda as referências das diversas TdLs. Opõe-se a visões totalitárias, exclusivistas e reducionistas do ser humano, do fenômeno religioso, das tradições religiosas e de representações do Transcendente. Abraça público amplo, envolvido na produção da teologia, das ciências da religião, em práticas de justiça e paz. Abre-se aí um espaço de liberdade de expressão, de troca de experiências e de reflexões em espírito de diálogo.

A TdL tem recebido, a partir de tais fóruns – o terceiro foi realizado em Belém em 2009 –, novo alento e enriquecimento com a abertura do diálogo. Por mais um lado, fica para a VC uma provocação a fim de que se pense tais fóruns também para a VC e não simples reunião de superiores maiores na UISG e USG e que vão além das iniciativas já existentes, como já mencionamos.

Desde o início, como vimos, tanto a TdL como a VC inserida puseram no centro a opção pelos pobres. Seguimos um pouco as vicissitudes dessa opção. Eis-nos, agora, metidos, no mundo neoliberal, em gigantesca crise financeira, cujo alcance ainda nos escapa. Se na ruptura de Medellín, na década de 1960, nos assustou a terrível opressão sobre as classes

populares, hoje, no coração do neoliberalismo, a percepção se modificou. Maquiou-se a pobreza, escondeu-se o pobre, ao confiná-lo cada vez mais nas periferias das cidades, enquanto as classes ricas estão construíndo condomínios de luxo fechados e protegidos. A pobreza tornou-se invisível pela distância física e dos olhos. Até na aparência física, nas grandes cidades, a pobreza se esconde atrás de celulares em mãos de pobres, de roupas manufaturadas de aparência melhor, de usos impostos pela mídia globalizante. Não se veem, porém, na aparência das pessoas, os estômagos vazios ou mal alimentados, nem a precariedade das moradias.

Ao mergulhar fundo na sociedade, percebemos que a exclusão aumenta a opressão com maior crueldade. Numa sociedade cada vez mais regida pelo conhecimento, a discriminação e a distância entre o saber e o não saber crescem.

Que caminhos encontrar para encurtar as distâncias e refugar toda discriminação social, racial, de moradia, de *status*? Já não bastam atos solidários esporádicos. Impõe-se criar a cultura da solidariedade. A VC dispõe de manancial espiritual para tal. Pertence praticamente a todos os carismas da VC o espírito solidário com os segregados da sociedade na lídima tradição jesuana. A TdL trabalha, à luz da ação de Deus na história, da prática de Jesus e da longa tradição da Igreja, o caráter imprescindível da solidariedade na fé cristã. E quando a VC e a TdL querem dialogar com os parceiros seculares, alheios à fé cristã, cabe-lhes mostrar a afinidade entre a ética da solidariedade e o espírito cristão evangélico.

A VC e a teologia se encontram igualmente em face do enorme desafio da inculturação. Podem ajudar-se mutuamente. O continente asiático significa o cadinho privilegiado para tal processo. Teologia, espiritualidade, liturgia alimentam em profundidade a VC. Quando elas se inculturam, a VC recebe estímulo para fazê-lo desde a profundidade espiritual até sinais externos. Quando se enceta tal caminho de inculturação, conhece-se o começo, mas não se sabe aonde ele nos conduz. Supõe coragem e ousadia por parte de religiosos aventurarem no caminho da inculturação em contacto com a teologia da inculturação e do diálogo inter-religioso.[30] A TdL tem abraçado com destemor tal caminho na América Latina com o olhar voltado para a cultura indígena e negra em contato com a África e a Ásia, que se envolvem semelhantemente com tais questões vitais. Tanto mais difícil quanto a teologia e a VC, vivem sob a hegemonia ocidental e, sob alguns aspectos, romana. Se pensamos em desafios, aí se encontra um dos maiores.

A solução fácil até hoje dominante tem consistido em ocidentalizar e romanizar os religiosos de culturas não ocidentais ou marcados por influências religiosas não cristãs, como muitos que vivem na Ásia, ou são afrodescendentes, ou de origem indígena. O jesuíta M. Amaladoss não temeu afirmar: "Cheguei a reconhecer-me como um cristão hindu".[31] E ele o conseguiu através de longo itinerário, já que a formação religiosa clássica não lho propiciou. Fica para a VC tal desafio, sobretudo quando em muitas Congregações a maioria das vocações vem de mundo cultural diferente do ocidental romano.

Sinal de esperança e provocação à TdL e à VC vem da questão de gênero. Inegáveis progressos se fizeram em ambas com relação à presença pensante e atuante da mulher. No entanto, como disse o anjo a Elias, "ainda tens um caminho longo a percorrer" (1Rs 19,7). Parafraseando a cena para as mulheres, a ordem dada pelo anjo soa assim: "Levantai-vos e comei o pão assado da liberdade, da autonomia, da consciência da singularidade e dignidade femininas". A TdL feminista o tem feito com galhardia e coragem, não sem problemas. Cabe às religiosas em diálogo com essa teologia reinterpretar criativamente a VC, que, em não poucos casos, foi fundada por homens ou sobre regras e carismas masculinos.

Emerge o gravíssimo problema da ecologia a desafiar duplamente a VC e a teologia. Deixarei os aspectos da ecologia enquanto simples preservação do ambiente para ir mais fundo em cada um de nós, a fim de atingirmos a atitude fundamental diante da natureza, da vida e das pessoas. A ecologia se resolve, em última análise, nesse nível.

30. TEIXEIRA, F. (org.). *Diálogo de pássaros; nos caminhos do diálogo inter-religioso*. São Paulo: Paulinas, 1993. A interpelação do diálogo inter-religioso para a teologia. In: SUSIN, L. C. (org.). *Sarça ardente; teologia na América Latina – prospectivas*. São Paulo: Paulinas/Soter, 2000. p. 415-434. Inculturação da fé e pluralismo religioso. In: TAVARES, S. (org.). *Inculturação da fé*. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 82-94.

31. Disponível em: <http://eapi.admu.edu.ph/eapr007/amaladoss2.htm>.

Mais: partamos da concepção antropológica de que tanto o homem quanto a mulher possuem uma dimensão masculina e feminina, naturalmente não na mesma proporção. A ecologia pede a todos cuidado em relação a tudo com que nos relacionamos. O cuidado pertence, sobretudo, à dimensão feminina. Por isso as mulheres se mostram mais dotadas de tal qualidade, embora caiba também ao homem cultivá-la.

Mais uma vez a VC e a teologia se encontram. Desafia a VC, sobretudo feminina, assumir corajosamente a causa ecológica, transferindo para as relações com a natureza em sua amplitude a sua característica própria do cuidado e, assim, interpelar a teologia para que desenvolva com os recursos da revelação tal dimensão. Tanto mais importante quanto numa leitura superficial do relato da criação e do depois do dilúvio aparece a ideia do absoluto e despótico domínio do homem sobre a natureza (Gn 1,28-30; 9,2s). E a interpretação literal dessas passagens gerou a mentalidade exploradora e depredadora do homem. Uma leitura feminina da criação com atenção especial à dimensão de cuidado, que se cultiva na VC, desperta-nos para a outra face dos relatos bíblicos. O repouso do sábado do relato da criação e o arco-íris da aliança depois do dilúvio apontam para o lado da contemplação, da gratuidade, do cuidado com o mundo criado. A mulher sintoniza melhor com a festa e com a aliança de vida. Essa dupla dimensão da VC e da teologia vem ao encontro da atual exigência de mentalidade e espiritualidade ecológicas.

Cresce a presença laical na teologia. Vários fatores conspiram para tal fenômeno. A constituição pastoral *Gaudium et Spes* criou uma mentalidade geral de que a teologia, enquanto reflexão sobre a fé, não se encerra unicamente no recinto do sagrado, da Igreja, da religião, mas se espraia para as realidades terrestres. E o mundo se apresenta como lugar privilegiado do agir do leigo. Portanto, a teologia em relação ao mundo casa bem com a posição do leigo. Além disso, a escassez vocacional tem ocupado o clero e os religiosos em muitos afazeres urgentes que os impedem de aprofundar a teologia. A cultura profana tem radicalizado as críticas à fé de tal modo que o cristão médio sem formação mais apurada não resiste. Daí ele sentir necessidade de aprofundar as próprias posições de fé. E ultimamente a entrada da teologia para o consórcio das disciplinas regidas pelas Instituições seculares do Estado tem atraído leigos para seu estudo.

A VC participa bastante da vida laical enquanto as religiosas e muitos religiosos não fazem parte do ministério ordenado da Igreja. O fato de serem consagrados, em vez de afastá-los do mundo laical, aproxima-os à medida que a santidade deixa de ser monopólio deles e sim dimensão de todo o Povo de Deus, como a *Lumen Gentium* afirmou no capítulo V.

A VC, além de ser leiga no sentido de não estar vinculada ao ministério ordenado, cresce na consciência da importância e necessidade de trabalhar com leigos não consagrados na vivência do carisma, em certo grau de partilha da vida comunitária e especialmente na missão. Espaço enorme de criatividade para a VC. Há temores e dificuldades a ser superados. Nada se fará se não houver tentativas, experiências avaliadas para descobrir o novo caminho da presença de não consagrados na VC. Pululam movimentos religiosos no seio da Igreja, em que vivem, em diferentes níveis de pertença, sacerdotes, leigos consagrados, casais, jovens com desejo de vida celibatária ou de vida conjugal. Há algo novo nessas fundações que a VC necessita pensar e com que confrontar-se.

Já aludimos em vários momentos à Pós-Modernidade. Na sua ambiguidade congênita, ela provoca crise na TdL e na VC no duplo sentido de dúvida e de crescimento. Em termos teóricos, a relativização de tudo tem conduzido ao relativismo de toda verdade. E a teologia, com a pretensão de tocar a fímbria do Absoluto na acolhida da revelação, se vê altamente posta em questão. A VC sofre também a perda da gravidade e solenidade dos votos perpétuos, já que os compromissos são percebidos cada vez mais na provisoriedade. Há o outro lado. E aí estão as chances. Ao relativizar muitos absolutos, a Pós-Modernidade livrou a teologia de

carcaças pesadas e, com a leveza da liberdade, tem condições de apontar de maneira dialética a presença do Absoluto nas realidades relativas da história. Rompe com as fórmulas absolutas. Ao relativizá-las, libera o verdadeiro absoluto de Deus, que se encarna em nova forma transitória. No caso da VC, a crescente provisoriedade dos compromissos livrou muita gente de pesos insuportáveis para que a VC seja, então, levada na liberdade gratuita e autêntica. E mesmo os compromissos provisórios se experimentam como momentos de graça num arco maior de vida e não como ruptura e infidelidade. Cabe, portanto, leitura esperançosa da fragilidade dos laços definitivos e não simplesmente negativa. Está pedindo, ainda, uma reordenação mais profunda da VC.[32]

A exterioridade na Pós-Modernidade ameaça afogar as interioridades. O exterior entra pelos cinco sentidos. Assaltam-nos sons por todos os lados. Cultura do barulho. Especialmente os jovens se colam em Ipods, em auriculares que os segregam com música o tempo todo, em telefones celulares, em contínuas conversas em voz alta, derramando em praça pública intimidades do afeto. Os olhos se perdem na rapidez das imagens, das notícias, das propagandas, das manchetes, das revistas escandalosas, dos apelos eróticos. Exterioridade vazia. O tato se farta de toques, desde os movimentos ritmados das academias até os agarramentos da paixão. O gosto se empanturra de sanduíches mcdonaldianos ou de provocações da Coca-Cola ou de voos etílicos. O olfato se requinta pela indústria de perfumarias. Enfim, os sentidos nadam durante o dia em mar de solicitações. Que é que isso tem a ver com a teologia e a VC?

Oh, sim. Tem muito a ver. De tais provocações emergem desejos de contemplação, de silêncio, de lugares ermos e calmos, de reflexões profundas, de literatura poética e carregada de humanidade. Nesse reverso, a VC e a teologia frutificam, não na tentativa de acomodação ao mundo da exterioridade. Ambas arriscam confundir a necessidade de falar ao próprio tempo e a conivência com ele sem juízo crítico. A VC e a teologia existem para as pessoas de hoje. A linguagem usada carece ser entendida; a realidade, percebida e analisada. Depois vem o juízo, que ora acata o valor existente, ora critica o desvalor. Aí age a dimensão profética de ambas.

32. O Documento de Trabalho do I Congresso Internacional da Vida Consagrada, organizado pela UISG e pela USG, reunido em Roma, de 23 a 27 de novembro de 2004, ao tratar dos aspectos da mentalidade Pós-Moderna, reconhece que "o sentido do provisório e a dificuldade cultural da estabilidade poderiam levar-nos também a estudar a possibilidade de formas de Vida Consagrada *ad tempus*, sem que isso implique deserção ou abandono". CONGRESSO Internacional da Vida Consagrada. *Paixão por Cristo, paixão pela humanidade*. Rio de Janeiro/São Paulo: CRB/Paulinas, 2005. p. 44s.

A VC e a teologia têm condição de conduzir o cristão para aprofundar a experiência espiritual de Deus, que subjaz e dá sentido a todo rito exterior em vez de prender-se em sua pura exterioridade. Experimentar a Deus significa prestar atenção no Deus presente em todas as realidades. O axioma inaciano soa: "Buscar a Deus em todas as coisas". E ao encontrá-lo, imergir na sua presença pela fé, esperança e caridade. No fundo, encontramos a nossa própria profundidade. E nela, Deus. Santo Agostinho já o formulara genialmente ao falar de Deus como interior *intimo meo*, superior *summo meo* –"superior ao que há em mim de mais elevado e mais íntimo do que a minha própria intimidade". Aí se convive com o mistério. A liturgia constitui o lugar privilegiado da síntese entre exterior e interior. Ela se carrega de símbolos. Eles existem para os sentidos. Mas apontam para uma realidade que os ultrapassa. Vemos pão e vinho, acolhemos a entrega de Cristo; vemos água e alegramo-nos com a nova criatura que entra na comunidade; vemos óleo e cremos na força do Senhor junto ao enfermo.

A teologia e a VC se movem no mundo do símbolo. Perdem-se quando se fixam no sinal e não chegam ao símbolo, que sempre aponta para mistério maior do que o indicado por ele. Fica-nos o alerta de liberdade diante dos sinais e de acatamento dos símbolos. Os sinais indicam algo rígido. O semáforo disciplina o tráfego. Os símbolos remetem-nos ao mistério. A VC confunde, não raro, os símbolos religiosos com sinais obrigatórios em vez de encará-los como símbolos de realidades maiores. E valem, portanto, só e na medida em que nos despertam para o mistério.

A teologia e a VC sofreram de endogamia ao pensar demasiadamente sobre a própria vida. Teólogos escrevendo para teólogos. Religiosos criando jargões acessíveis somente aos próprios membros. A Pós-Modernidade trouxe novo desafio. A midiática moderna oferece chances positivas e maravilhosas para a teologia e a VC alcançarem pessoas e

rincões que não atingem pela presença física. Vale aqui o grito de Aparecida de que todo católico, depois do encontro pessoal com Cristo, convertido e posto no seguimento, desperta para a missão. O zelo missionário animou a VC ativa em todos os tempos. No entanto tem sofrido, ultimamente, por influência intimista e carismática, de certo refluxo para dentro. A teologia também se vestiu de academicismo hermético. A Pós-Modernidade as provoca para lançarem-se no grande público a fim de anunciar aí a Boa-Nova por meio do discurso escrito, da palavra falada, do testemunho de vida e de práticas de alcance social.

O lado fluido da Pós-Modernidade estimula a VC e a teologia. Carrega o tom no prazer, na experiência subjetiva e emocional. A VC e a teologia respondem, a seu modo, a esse traço de subjetividade, ao valorizar a experiência gozosa do Espírito e ao mostrar o lado fascinante do pensar a fé. O estímulo ao "renascer pelo batismo no Espírito" concentra a atenção em experiências carismáticas. Propicia retomar a dimensão mística da fé, que exerce a função de resgatar o lado positivo das vivências carismáticas e também de instaurar-lhes crítica criativa, ao exigir-lhes profundidade espiritual além de simples enleios emocionais.

A beleza ocupa lugar de realce nesses tempos Pós-Modernos. Eles abrem chances para a VC e a teologia, desde que estas valorizem a beleza e a testemunhem na vida.[33] Ambas carecem saborear as belezas da vida, sentir-se tocadas por elas. Os seus aspectos espinhentos necessitam de poda para que fiquem somente os ramos lisos e floridos. Simultaneamente, há um lado de disciplina, de seriedade, de peso interior da VC e da teologia, que cumprem papel crítico-profético em relação à Pós-Modernidade.

Conclusão

O caminho da reflexão sobre a relação VC-TdL pode prolongar-se indefinidamente. À guisa de provocação, fica esta percepção da íntima relação entre ambas. Assim, o destino da VC depois do Concílio Vaticano II e de Medellín se traçou bem próximo do que afetou a TdL tanto no momento de viço como nas vicissitudes que ambas sofreram nas últimas décadas.

A Pós-Modernidade, na sua ambiguidade, está não apenas pondo-lhes empecilhos para o futuro, mas também abrindo-lhes novas chances. A esperança soa como última palavra. Não há situação em que o Espírito de Deus se ausente. Cabe-nos, sim, perceber-lhe os toques que nos estimulam a avançar malgrado toda adversidade. O novo do Espírito desponta a cada momento aos olhos argutos da fé.

33. FORTE, B. *A porta da beleza. Por uma estética teológica*. Aparecida: Ideias & Letras, 2006. Santo Agostinho trabalhou teologicamente a beleza. Noutra vertente, Santo Tomás também o fez. Entre os teólogos mais recentes, Hans Urs Von Balthasar, ele mesmo um artista, desenvolveu uma estética teológica. O livro de Bruno Forte situa-nos nessa trajetória com recurso a poetas e a outros cultores da beleza.

Uma dracma perdida foi reencontrada. Celebramos a festa do reencontro com a Palavra de Deus

Lucia Weiler, idp*

Para introduzir

Esta partilha-reflexão passou por minhas entranhas, mas com certeza não é só minha. Tem a marca de uma multidão de religiosas e religiosos atuando na visibilidade, ou no anonimato. Celebrar cinquenta anos de caminhada da CLAR é colocar-se na esteira dessas pessoas, fazendo memória dos acontecimentos marcantes do passado, acolhendo-os no presente, para assumir com alegria e responsabilidade o nosso futuro, religiosas e religiosos na América Latina e no Caribe. Aliás, muito para além de nosso continente temos irmãs e irmãos inseridos neste vasto mundo, nossa casa comum como missionárias e missionários do Reino de Deus. Em comunhão com cada uma e cada um, formamos a sinfonia universal e em coro podemos entoar o *Magnificat* deste Jubileu. Porque: "Feliz aquela que acreditou, pois o que lhe foi dito da parte do Senhor será cumprido! [...] O seu nome é santo, e sua misericórdia se estende de geração em geração [...]" (Lc 1,45.49-50).

Confesso que não foi fácil encontrar uma estrutura e um gênero literário para este pequeno escrito-comunicação. Em meio às muitas exigências do cotidiano fui dando forma ao que vivi e vivo existencialmente como religiosa Irmã da Divina Providência e como foi e está minha relação com a CLAR, que é o centro desta festa-celebração.

Assim, dedico esta primeira parte a uma partilha mais existencial sobre minha própria vocação e opção pelo estilo de Vida Religiosa, relacionada, principalmente, com meu engajamento com a CLAR. Trata-se de uma simples memória afetiva e crítica que considero, em primeiro lugar, valiosa para mim mesma. Talvez possa motivar alguém a fazer algo parecido, perguntando sobre si mesma(o) e sobre a relevância da CLAR na animação de projetos formativos para a Vida Religiosa na América Latina e no Caribe. Metáfora oportuna e significativa, para este momento, é a do trem. Passa por estações diferentes, passageiras e passageiros entram e saem, paisagens mudam, mas o caminho permanece e o horizonte chama para seguir e não parar nunca.

Após a primeira parte, vivi um intervalo reflexivo. Por um momento tive a tentação de elaborar algo mais sistematizado sobre o tema. E foi nessa procura que encontrei o belíssimo texto, de nossa saudosa Irmã Maria Carmelita de Freitas, "Esbozo de una Teologia de la CLAR". Datada de 3 de fevereiro de 2000, na forma de apostila, recebemos este legado como memória-herança, por ocasião dos quarenta anos da CLAR e 25 anos da primeira equipe permanente de teólogos e teólogas assessores da CLAR. Após um recorrido histórico, reflete, com muita propriedade, sobre a natureza e os objetivos da reflexão teológica da CLAR, bem como de sua contribuição para a teologia latino-americana e caribenha. Então menciona as duas grandes linhas de reflexão teológica, com seus desmembramentos: 1. Replateamiento de la Teología de la Vida Religiosa e 2. Redescobrimiento de la Lectio Divina. Decidi, pois, apoiar minha reflexão nesse registro reflexivo, dando ênfase à segunda grande linha de reflexão da CLAR lembrada por Maria Carmelita: o "redescobrimento da Leitura Orante da Palavra de Deus".[1] Caiu também em minhas mãos a partilha existencial-histórica de Padre Carlos Palmés, sj, ex-presidente da CLAR (1973-1979), com o título "Nossa experiência dos 44 anos da CLAR". Essa partilha consta como Anexo 16 da XV Assembleia Geral da CLAR, cujo tema foi: "Algo novo está nascendo... uma vida religiosa mística e profética". Muito importante essa síntese recebida desse grande amigo que dedicou e continua dedicando sua vida e partilhando de sua sábia experiência[2] conosco. Soma-se, ainda, a entranhada e

* **Irmã Lucia Weiler** pertence à Congregação das Irmãs da Divina Providência. É doutora em Teologia Bíblica, professora de Sagrada Escritura e vice-diretora na Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana em Porto Alegre-RS, Brasil. Desde 2003 integra a ETAP e atualmente coordena o Projeto de Leitura Orante do Novo Testamento. Em 2009, começou a integrar também a ERT da CRB do Brasil. Participa ativamente do Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos (Cebi), no serviço de intercâmbio com países de idioma alemão e com círculos bíblicos populares. **E-mail:** lucia_weiler@yahoo.com.br.

1. "Na sexta-feira, dia 8 de fevereiro de 2008, partiu para a Casa do Pai nossa querida Irmã Maria Carmelita de Freitas." Assim lemos na Convergência 410 (abr. 2008) 204. O editorial desta mesma Convergência, com o sugestivo título "Páscoa: a festa da esperança" reproduz as últimas palavras escritas por ela. E a Vida Religiosa complementa: "Irmã Carmelita deixou-nos ao morrer. Ressuscitada com Cristo, sua presença entre nós será, doravante, marcada pelo testemunho que nos deixa. Sua vida sinalizou-nos amor, dedicação, fidelidade. Obrigado(a), Irmã Carmelita! Interceda por nós!" (p. 203).

2. Carlos Palmés tem escrito, ultimamente, uma série de reflexões a partir do tema questionamento: "Ser ou não Ser do Religioso".

oportuna partilha sobre "Projeto 'Palabra-Vida', vinte anos depois" de Padre Edênio Valle, publicada na revista Convergência.[3]

A partir deste intervalo, após uma leitura atenta das partilhas feitas por Maria Carmelita de Freitas, Carlos Palmés e Edênio Valle, me senti mais apoiada com a base histórica do processo.[4] Nasceu, então, a ideia de fazer, na segunda parte, um salmo celebrativo com dez estrofes como um convite para tomarmos consciência das razões mais profundas que temos para essa celebração jubilar.

A pergunta e a resposta se encontram nas letras da palavra CELEBRAMOS, entrelaçadas com a parábola da dracma perdida e reencontrada, narrada no Evangelho de Lucas (Lc 15,8-10). O único e grande motivo que faz a mulher da parábola reunir as amigas e vizinhas para a alegre festa da CELEBRAÇÃO é o reencontro com aquilo ou daquilo que tinha perdido. Portanto, nada de triunfalismo, mas a humilde atitude do reencontro promove a convocação, a reunião, a festa, a celebração com um simples motivo: "Alegrai-vos comigo! Encontrei a moeda que tinha perdido".

Esse jeito simples e bíblico de celebrar, expressando-se com a exuberância de "todas as letras", como encontramos em vários salmos, lamentações e cânticos,[5] é um gênero literário nascido da sabedoria popular. Pode nos ajudar a vasculhar a casa e contemplar nossa caminhada de passado, presente e futuro com realismo sadio e lúcido, sem perder de vista a utopia. Daí, com certeza, brotará uma alegria jubilar que ninguém pode tirar (cf. Lc 15,9; Jo 16,21-22).

O que vimos, ouvimos e experimentamos: uma partilha existencial

Ao iniciar esta partilha fiquei pensando, primeiramente, em minhas convicções pessoais. Por que mesmo optei por este estilo de vida? Se fosse optar hoje, o faria ainda? Perguntas óbvias que todo mundo se faz, ou deveria fazer, de vez em quando. Se não conseguisse responder "sim", me desautorizaria de continuar. Mas porque creio na força irradiadora do carisma, da mística e da profecia de nosso estilo de vida, mesmo com suas fragilidades, ouso continuar.

Antes de introduzir o tema propriamente dito, gostaria de partilhar um pouco da minha experiência, do meu contato com a CLAR, já que o objetivo principal deste Congresso é a celebração dos cinquenta anos de sua caminhada na América Latina e no Caribe.

A origem, a graça e o vínculo de ser irmã com Irmãs da Divina Providência

Nasci numa família de tradição alemã, católica pelo lado paterno e protestante – luterana – pelo lado materno. Numa família de dez filhos – cinco homens, cinco mulheres – sou a sétima. E por graça e opção decidi assumir o estilo de Vida Religiosa, entrando na Congregação das Irmãs da Divina Providência.

As Irmãs da Divina Providência marcaram de modo decisivo minha infância e sem sombra de dúvidas foi nesse contato diário na escola, na pastoral, na cruzada eucarística, enfim, nos vários serviços comunitários, que se confirmou, pouco a pouco, essa escolha. Além do mistério da vocação à Vida Religiosa – que na época era considerada um privilégio e uma graça muito maior que a vocação ao casamento –, tratava-se de entrar numa Congregação de origem alemã, fundada num tempo de pós-guerra, com sua tradição e costumes. Como tantas Congregações religiosas apostólicas emergentes no século XIX, a nossa foi fundada "a 3 de novembro de 1842, para ser uma resposta de fé a uma necessidade concreta daquela época".[6] A experiência do fundador e da geração fundadora foi marcada por uma espiritualidade exodal que confirma aquilo que mantém vivas as Congregações até hoje, atravessando épocas:

> O sacerdote Eduardo Michelis, impressionado pela miséria social, pelo desamparo físico e intelectual, e pelas necessidades morais e espirituais das crianças e dos órfãos (jovens) das camadas populares mais pobres da cidade de Münster (Alemanha), reconheceu, à luz de sua profunda fé na Divina Providência, um

3. Edênio Valle, svd, coordenador do Projeto "Palavra-Vida" e providencialmente eleito presidente da CRB, partilha de forma muito existencial de todo o sofrimento vivido no artigo: "O Projeto 'Palabra-Vida', da CLAR, vinte anos depois", em *Convergência* 416 (nov. 2008) 709-728.

4. Outra fonte de leitura muito significativa é a antologia feita por Ricardo Antoncich, reunindo os melhores textos publicados nos folhetos da CLAR até a celebração do Jubileu de 25 anos, em 1984. CLAR; CRB. *Para uma vida religiosa latino-americana; seleção de textos teológicos*. São Paulo: CRB/Loyola, 1986.

5. Por exemplo, o Sl 119(118), que proclama felizes com todas as letras do alfabeto, desde Álef até Tau, os que caminham segundo a Palavra de Deus. E este me aparece o único programa-projeto da Vida Religiosa. Com esse mesmo estilo literário estão construídas as quatro Lamentações.

6. Cf. Constituições da Congregação das Irmãs da Divina Providência, aprovadas em 3 de novembro de 1984.

> apelo de Deus neste desafio da época; e acolhendo este apelo, respondeu com uma atitude de amor cristão.[7]

Conhecendo esse carisma, decidi entrar na Congregação e fui admitida em 1967. O que me atraia, no vigor da juventude, era simplesmente o desejo de dedicar minha vida ao cuidado de crianças órfãs e abandonadas. Era época pós-Concílio Vaticano II, que exigia muita criatividade e em que, ao mesmo tempo, havia um apelo à fidelidade. As necessidades concretas, às quais somos chamadas a dar uma resposta de fé, eram discernidas em conjunto e acabei fazendo outra trajetória. Embrenhei-me no mundo dos estudos teológicos a partir de 1969, quando ainda estava no noviciado. O motivo óbvio: "empoderar teologicamente a Vida Religiosa Feminina". Na época tivemos uma provincial de mentalidade aberta ao futuro, Irmã Nísia Oppermann, e já se falava em "cidadania teológica de mulheres". E cá estou, com outras mulheres religiosas, abrindo brechas, enfrentando e rompendo barreiras e preconceitos, com um objetivo diante de nós: buscar caminhos conjuntos de libertação. A motivação inicial jamais morreu dentro de mim e me sustenta até hoje, embora com outros rostos de orfandade.

Em 1988, num processo de reflexão e discernimento na fé reafirmamos comunitariamente, em capítulo geral, nossa opção como releitura do carisma hoje: "Interpeladas pelo grito de nossas irmãs e irmãos oprimidos em sua dignidade humana e impulsionadas pelo Deus Vivo, queremos, como Irmãs da Divina Providência, comprometer-nos profética e solidariamente com elas e eles, em busca de Libertação".

E, nos últimos capítulos gerais, buscamos caminhar, com realismo, sem minimizar os conflitos, mas também sem perder a meta e o horizonte comum: "Nós, mulheres Irmãs da Divina Providência, queremos viver o discipulado de iguais, no seguimento de Jesus, em comunhão com toda a criação, no caminho da realização do Reino de Deus, aqui e agora entre nós".[8]

Depois de partilhar e recriar dentro de mim a convicção de que faz muito sentido nosso estilo de vida, com o carisma e a espiritualidade que temos, sinto arder meu coração.

7. Ibid., p. 9.

8. Documento Capitular Irmãs da Divina Providência, 2005, p. 5.

E no decorrer dos anos da abertura à partilha de Carismas na experiência de intercongregacionalidade foram-se abrindo novas perspectivas do Carisma e da Profecia comum da Vida Religiosa. Lembro de uma consideração muito pertinente de nosso colega da ETAP, Padre José María Arnaiz: "Somos demais para sermos todos originais". Assim, cresceu o desafio de não perder o único Carisma, a Mística e a Profecia que é a Vida Religiosa através de uma fragmentação de carismas particulares. Se consideramos a vocação como resposta concreta de Deus a um clamor do povo, podemos dizer que, enquanto houver clamores e gritos por mais vida, ele suscitará pessoas vocacionadas para defender, proteger, cuidar e recriar a vida, que muitas vezes se eleva em clamor.

Creio na profecia da Vida Religiosa, mas também na força dos carismas vivos, alimentando nossa mística e fazendo arder nossos corações. O resto vem por acréscimo. E aí, sim, bastará a graça de Deus. Vejo hoje que tanto a vocação pessoal quanto o carisma comunitário e da Vida Religiosa são graça e compromisso. E nossa vocação jamais pode ser pretendida como privilégio sobre outras vocações e carismas. Temos, sim, uma identidade própria, como diz Paulo, lembrado neste ano paulino: Somos chamados a ser a carta de Cristo que pode ser lida por todos, escrita não por nós mesmos, porque "a nossa capacidade vem de Deus" (2Cor 3,5).

Desculpem se demorei um pouco, mas era importante para seguir. Certamente, cada uma e cada um, na medida em que foi ouvindo ou lendo esta partilha tão simples e cotidiana, foi fazendo a memória de sua própria trajetória de vida. E continuando esta partilha-reflexão, contemplamos agora, mais diretamente, a CLAR, que é a razão e o centro desta festa jubilar. Perguntamo-nos sobre a identidade, o lugar e a missão da CLAR e sua significação para a Vida Religiosa na América Latina e no Caribe, a partir de nossa própria experiência.

CLAR

A CLAR, fundada em 1959, já somava oito anos de caminhada quando "entrei", ou melhor, quando "assumi" o

estilo de Vida Religiosa como Irmã da Divina Providência. Mas eu não sabia dela nem lhe imaginava a existência. Conhecia a CRB (Conferência dos Religiosos do Brasil) porque participava de várias programações da mesma. Foi bem mais tarde que tive o primeiro contato direto e, consequentemente, houve um despertar de interesse pela sua identidade e missão. A CLAR foi e é para mim – e creio que para cada religiosa e religioso que já participou de algum encontro continental – a chance de abertura para o rosto latino-americano e caribenho da Vida Religiosa. Através desses momentos de encontro, em vários níveis, marcados pelo enriquecimento e aprendizagem intercultural e pela partilha dos clamores e sofrimentos, bem como das alegrias e esperanças do povo, é que a CLAR foi assumindo uma postura profética, articulando projetos de libertação.

Seminários da CLAR

Em 1978, participei pela primeira vez de um encontro promovido pela CLAR, na Casa Betânia, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Tratava-se de um Seminário de Formação e Planejamento da Vida Religiosa. Foi isso que ficou na minha memória.

Na época emergiram várias pessoas e equipes de vida. Pessoas como Cecílio de Lora, Ricardo Antoncich, Carlos Palmés, João Batista Libanio, Wilma Moreira, Luis Patiño ficaram na minha lembrança. A convivência, o método, a experiência de inserção nos finais de semana, o conteúdo, a assessoria, enfim, tudo foi muito bom. Foi um seminário que gerou encontros que permaneceram e continuaram fazendo história. Não lembro de todos os detalhes, mas da experiência e do impulso para o processo formativo. E mais que isso: o que ficou foi um acordar para um rosto latino-americano (na época ainda não se falava em caribenho) de Vida Religiosa. Sempre que fazemos uma experiência de alargamento de horizontes, a volta ao estreitamento dói mais. Por isso ficou, em mim, aquela inquietude de ultrapassar fronteiras, de uma maior inserção na realidade do povo latino-americano e caribenho. Inquietação e sonho que nunca se aquietaram dentro de mim.

O recorrido histórico dos 44 anos da CLAR feito por Carlos Palmés veio em auxílio de minha memória e assim consigo situar esse seminário como um tempo de graça da CLAR. Eram Seminários de Renovação. O primeiro, dirigido por Cecílio de Lora e um grupo de assessores, teve lugar em Lima, no Peru. Segundo o balanço histórico, foram realizados 138 seminários de renovação entre 1973 e 1994.

Passando o olhar mais profundamente sobre a mesma crônica histórica, feita com muita precisão, releio que esses seminários

> estavam baseados num método ativo de busca em comum. Iniciávamos por um estudo da realidade latino-americana em diversos aspectos. Logo em seguida vinha a reflexão psicológica e antropológica, sobretudo teológica, com a ajuda de especialistas. E por último eram dadas orientações para um planejamento realista. Eram encontros de tipo vivencial e de conteúdo substancioso, conseguiam despertar o interesse e a coragem para enfrentar o desafio de uma formação atualizada. Tudo isso se realizou sempre num clima de simplicidade e fraternidade e em ambiente de oração.[9]

É interessante perceber a sintonia de perspectivas entre quem foi idealizador desse seminário e quem o planejou e realizou, como participante da assessoria. De qualquer maneira essa foi minha primeira porta de entrada para o mundo da CLAR. Possivelmente, cada qual pode encontrar tal porta de entrada na sua própria caminhada.

Seguimos enfocando os projetos bíblicos animados e articulados pela CLAR, na mútua colaboração com as Conferências de Religiosas e Religiosas.

Do Projeto "Palavra-Vida" à Coleção "Tua Palavra é Vida"

Em 1990, estudava no Rio de Janeiro quando fui convidada a integrar a Equipe Bíblica da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB). Tive, então, pela primeira vez, a graça de integrar uma equipe com a presença inspiradora,

9. PALMÉS, Carlos. Nuestra experiencia de los 44 años de la CLAR. XV Asamblea General de la CLAR: "Algo nuevo está naciendo... una vida religiosa mística y profética", Anexo 6, Apostila, p. 18.

sábia e de um profetismo simples, de Carlos Mesters, juntamente com Francisco Orofino, Rosana Pulga e Edênio Valle, então presidente da CRB. Ao citar esses quatro nomes, lembro que eram os brasileiros que integravam a equipe de elaboração do Projeto "Palavra-Vida" da CLAR.

Não imaginava que estava entrando numa situação de conflito institucional tão agudo, dentro e fora da CLAR. Era a crise do Projeto "Palavra-Vida", que já se havia iniciado com o famoso livrinho verde A PALAVRA CONVOCA 1988-1989, que em alguns espaços foi proibido e queimado. A gestação desse projeto, previsto para 1988 a 1993, com cinco pilares bíblicos, já sonhado pela Vida Religiosa, sedenta de algo novo que fizesse arder seu coração, foi interrompida e nem sequer chegou a nascer. Quanto sofrimento![10] Em Petrópolis, Rio de Janeiro, conheci novos rostos da equipe da CLAR, entre eles a Irmã Hermengarda Alves Martins, rscj, secretária-geral da CLAR, que, segundo Edênio Valle, foi, desde o início, o grande ponto de apoio do trabalho.[11] Fomos acompanhados pelo então presidente da CLAR (1988-1991) Luis Cóscia, ofmcap. Firmados alguns diálogos com o Celam, a CNBB, presidida pelo saudoso Dom Luciano Mendes de Almeida, assumia dar apoio ao projeto da CLAR, agora assumido pela CRB. Algumas mudanças foram necessárias. Em vez de "projeto", "coleção". A estrada, ou o caminho, é o mesmo "Palavra-Vida", apenas mudou o nome, "Tua Palavra é Vida", como dizia Carlos Mesters na ocasião.[12]

Caminhos institucionais necessários e, em parte, resolvidos não significa ausência de sofrimento humano, pessoal e, em parte, cultural. A crise externa foi aumentada por conflitos internos. Nesse momento Luis Cóscia disse a palavra profética, cheia de lucidez, que precisávamos escutar: "Não podemos afogar na margem depois que já atravessamos o mar". De fato, Luis Cóscia mereceu a apreciação que Carlos Palmés faz na sua crônica de 44 anos da CLAR: "Ele teve que conduzir a CLAR nos momentos mais tormentosos e tumultuados, e o fez com muita humildade, coragem e fortaleza".[13]

10. Cf. VALLE, Edênio, svd. O Projeto "Palabra-Vida" da CLAR, vinte anos depois. *Convergência* 416 (nov. 2008) 709-728.

11. Ibid., p. 714.

12. Vários dossiês sobre essa Crise do Projeto Palavra--Vida foram coletados e publicados, mesmo na Europa, sobretudo na Alemanha e na França.

13. PALMÉS, Anexo 6, Apostila, p. 7.

14. Os nomes da Equipe Brasileira constam no sétimo volume da Coleção "Tua Palavra é Vida", e da Equipe Ampliada participavam; Javier Saravia, sj; Lavínia Ortiz, cach; Neftalí Velez, sj; José Luis Caravias, sj; Margot Bremen e Virginia Uranga Betancourt.

O caminho que iniciávamos foi intenso e árduo, mas abençoado. A equipe bíblica da CRB foi enriquecida com a presença de irmãs e irmãos dos países vizinhos da América Latina e do Caribe.[14] Em vez de cinco pilares construímos oito para sustentar a ponte de passagem da Palavra de Deus do Livro para o Coração, a alma (*anima*) da Vida Religiosa.[15] A estratégia usada foi não reagir, mas agir a partir do Espírito e em favor dos pobres, os prediletos de Deus. Enquanto o projeto "Palavra-Vida" foi considerado "reducionista", a equipe de elaboração o considerava "aumentista", segundo expressão de Carlos Mesters.

Dom Aloísio Lorscheider, na época presidente da Comissão Episcopal de Doutrina da CNBB, foi um dos grandes apoiadores da coleção "Tua Palavra é Vida". Acolhendo o primeiro volume, intitulado Leitura Orante da Bíblia, ficou encantado com o texto. Ofereceu-se para escrever o prefácio da coleção. Eis o que escreveu:

> Dentro da perspectiva de Nova Evangelização pedida pelo Papa, coloca-se a coleção "Tua Palavra é Vida", que, a partir deste primeiro volume, é lançada pela Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB). É um projeto muito bem pensado. Talvez o que de melhor e mais acertado se tenha cogitado até agora no caminho para Santo Domingo.[16]

E os frutos vieram: Carlos Mesters elaborou um texto muito precioso sobre os critérios para uma leitura fiel da Palavra de Deus segundo a *Dei Verbum*. A mesma foi refletida nos grupos e encontros de religiosas e religiosos no Brasil. Foi publicada como apêndice do volume síntese da coleção "Tua Palavra é Vida", dedicada à Bíblia na Formação com o título A leitura fiel da Bíblia, de acordo com a Tradição da Igreja.[17] Outro fruto foi que o Cebi (Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos), com sede em São Leopoldo, Rio Grande do Sul, através de seu setor de Formação e Publicações, assumiu a coleção "Tua Palavra é Vida", adaptando-a para todo o Povo de Deus e fazendo uma nova publicação.[18] Da mesma forma, a Espanha assumiu a coleção "Tua Palavra

15. Projeto "Palavra-Vida", volume 1 e único: conhecido por livrinho verde, que foi relido e reescrito no volume único após a edição da Coleção "Tua Palavra é Vida". Recebeu o nome "Bíblia na Formação – Tua Palavra é Vida".

16. Cf. VALLE, O Projeto 'Palabra-Vida' da CLAR, vinte anos depois, p. 726-727.

17. EQUIPE BÍBLICA DA CRB. *A Bíblia na formação; Tua Palavra é Vida*. São Paulo: Loyola, 2000.

18. A Coleção "Roteiros para Reflexão" foi editada e lançada pelo Cebi, em parceria com a Paulus. Alguns volumes já estão na décima edição.

é Vida" e, através da Casa da Bíblia, reeditou os textos, adaptando-os à realidade espanhola.[19]

Projeto "Pelo Caminho de Emaús para uma Vida Religiosa Mística e Profética"

Em 2002, a convite da então presidente Margarida Fagot, participei de um Seminário sobre Violência, em Bogotá, e em seguida (2003), por sua indicação, passei a integrar a ETAP, até o presente momento.

Mergulhei, aos poucos, no projeto da CLAR "Pelo Caminho de Emaús para uma Vida Religiosa Mística e Profética". Grande e contagiante proposta de Refundação da Vida Religiosa. Situa-se na esteira do tema da XV Assembleia da CLAR: "Algo novo está nascendo: uma Vida Religiosa mística e profética!". De fato, após um período de muitos conflitos e uma Vida Religiosa em estado de exílio, algo novo e germinal estava nascendo.[20] Era preciso ver, reconhecer, nutrir e alimentar esse brotinho tenro e novo, germinando em lugares muito escondidos e periféricos, com a grande força da mística e da profecia. Isaías veio ao nosso encontro, com sua experiência de exílio, e emprestou-nos suas palavras proféticas: "Não deveis ficar lembrando as coisas de outrora, nem é preciso ter saudades das coisas do passado. Eis que estou fazendo coisas novas, estão surgindo agora e vós não percebeis?" (Is 43,18-19a).

E a Palavra Viva de Deus, mais uma vez, se tornou o fio condutor do novo projeto: "Pelos Caminhos de Emaús para uma Vida Religiosa Mística e Profética". Desencadeou-se um processo em três etapas interligadas: I Etapa – A memória desde o presente; II Etapa – Os desafios do contexto latino-americano e caribenho – Sinais dos tempos; III Etapa – Projeções e prospectivas de Refundação.[21]

Muita vida, visitas, mútuo acompanhamento, criatividade celebrativa, aconteceu a partir desse projeto. Lembro dos Seminários Regionais para um aprofundamento dos subsídios da III Etapa. Participei, na Região Bolivariana, juntamente com Irmão Arcádio Bolívar, fsc, da presidência. Foram dias intensos de releitura, de exercícios práticos e adequação

19. Para o lançamento da coleção, Carlos Mesters, Edênio Valle e Lucia Weiler foram convidados para dinamizar e fazer conhecido o projeto em vários grupos de comunidades eclesiais e de Vida Religiosa. Algumas dioceses assumiram o projeto como programa formativo de suas lideranças e comunidades. A edição foi assumida pela editora Verbo Divino, de Estella (Navarra).

20. Cf. GONZÁLEZ BUELTA, Benjamín. *La utopía ya está en lo germinal; sólo Dios basta, pero no basta un Dios solo*. Santander: Sal Terrae, 1998.

21. "Refundar consiste em ir à raiz do nosso projeto histórico, para recriar, desde lá, uma nova figura histórica" (Padre Edênio Valle).

de cada um dos encontros de acordo com as necessidades culturais e a característica de cada uma das Conferências representadas. Dias de verdadeiros "Exercícios Espirituais" que ficaram na memória.

O Projeto "Emaús" era orientado por uma pedagogia própria, com duas metáforas: o caminho e a casa. O caminho associava-se à Profecia e a casa, à Mística. Ignacio Madera, então coordenador da ETAP, assim expressa a sadia tensão presente nessas duas metáforas:

> Da casa aos caminhos e dos caminhos à casa. Esta metáfora quer assinalar a necessidade de manter a dialética sadia entre a intimidade e o descampado, a entrada na interioridade, a profundidade de si e a atenção à história, ao tempo presente, com suas contradições e novas injustiças. Mística desde o profano, mística desde o coração das angústias e medos dos homens e mulheres do presente, para ser profetas de uma nova humanidade, artífices da esperança no futuro, sonhadores e sonhadoras de uma América vivendo em justiça, solidariedade e paz.

A ex-presidente da CLAR Vilma Esperanza Quintanilla Morán (2003-2006) muito incentivou para que houvesse um assumir conjunto de homens e mulheres na certeza de que só um processo profundo de conversão, recuperando uma autêntica espiritualidade, tornaria possível uma Vida Religiosa Mística e Profética:

> Para que juntos [...] mulheres e homens consagrados possamos incidir não só numa transformação da sociedade, mas também numa transformação pessoal, recuperando a autêntica espiritualidade, recordemos que os discípulos de Emaús acreditaram só depois de um laborioso itinerário do Espírito (cf. Lc 24,13-35). Urge-nos a insubstituível "conversão permanente" para que outra Vida Religiosa Mística e Profética seja possível![22]

E o Projeto "Caminho de Emaús para uma Vida Religiosa Mística e Profética" provocou novo conflito institucional, por causa do alcance, ou da abrangência, da expressão

22. CLAR. Plano Global Triênio 2003-2006. p. 7.

Re-fundação. Infelizmente, mais uma vez se levantou uma suspeita sobre o conteúdo ou a intenção da palavra *Re*-fundação. E perguntamos: por quê? Mais uma vez trocamos a palavra "REFUNDAR" para "RENASCER", ainda que o conteúdo continuasse o mesmo.[23]

A XVI Assembleia deu continuidade ao processo iniciado. Seu tema tornou-se fio condutor e horizonte comum para a caminhada da Vida Religiosa deste triênio: "Vida Religiosa Místico-Profética, a serviço da Vida". Padre Ignacio Madera, eleito presidente, diz na introdução ao plano global da CLAR para o triênio 2006-2009:

> Impulsionar a configuração de uma "Vida Religiosa Místico-Profética, a Serviço da Vida" foi o mandato que temos recebido por parte da XVI Assembleia Geral da CLAR. Fiéis a essa intencionalidade, ao sentido maior de nossa consagração e ao nosso sentir comum, como Povo de Deus a caminho, somos chamados(as) a permanecer lúcidos e lúcidas, firmes na esperança contra toda desesperança. Agora mais que nunca!

O projeto Emaús, no novo triênio, também teve continuidade através de um novo projeto bíblico: "Leitura Orante do Novo Testamento". Este tem como horizonte maior um processo de renovação da Vida Religiosa a caminho da celebração dos cinquenta anos da CLAR.

Projeto "Leitura Orante do Novo Testamento" (Projeto LONT)

A Divina Providência, que nos acompanha nestes caminhos sinuosos, não falha e a Palavra de Deus vai fazendo seu caminho livre e transformador. O projeto traz um título muito simples e fundamental: "Seguir Jesus". Tem como eixos os enfoques da Mística (primeira etapa), do Discipulado Missionário (segunda etapa), e da Profecia (terceira etapa). Como espaço comunitário, queremos exercitar essa leitura orante do Novo Testamento na Vida Religiosa da América Latina e do Caribe, mas com o desafio da irradiação profética missionária para toda a humanidade e o cosmo todo.

23. Palavras do Cardeal Franc Rode, prefeito da Congregação para Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica, e da presidente da Confederação Latino-Americana dos Religiosos e das Religiosas, Irmã Esperanza Quintanilla Morán, por ocasião da Junta Diretiva da CLAR em Ypacaraí, 2004.

Diante da tarefa desafiadora e ao mesmo tempo prazerosa de coordenar tal projeto, posso testemunhar que, como equipe, fizemos uma belíssima experiência de busca conjunta fraterno-sororal e sobretudo orante. E, com a graça de Deus, estamos vivenciando esta celebração dos cinquenta anos da CLAR com o exercício prático da leitura orante, a partir dos encontros da terceira etapa. Muito sugestivo é o desafio de e o convite para entrarmos num processo de abertura para "a vida no Espírito de Jesus Ressuscitado – fonte de profecia para a Vida Religiosa na América Latina e no Caribe".

Uma pergunta e uma convicção

Desta memória histórica nasce uma pergunta e uma convicção. A pergunta: quantos processos – projetos – animados pela CLAR foram interrompidos? Por quê? A convicção: a Palavra de Deus não se deixa acorrentar. Conflitos e crises provocam criatividade e mudanças que permitem um renascer profético e místico na originalidade dos carismas, com fidelidade criativa e com criatividade fiel. Se acreditamos que a CLAR, a Vida Religiosa precisam manter uma postura profética, não podemos fugir desta tensão sadia e dialética própria da Profecia. Mas precisamos, também, de uma boa dose de realismo e lucidez para discernir entre as dores de parto e as dores de aborto. Para que não aconteça como o que lemos em Is 26,18: "Engravidamos e chegamos ao trabalho de parto, mas parimos vento". Se a Vida Religiosa Místico-Profética quer estar a serviço da vida, certamente continuará enfrentando conflitos e sofrerá as dores de parto necessárias para gerar o novo.

Segundo o Evangelho de João, este é o momento decisivo da passagem para a hora do Espírito:

> Em verdade, em verdade, vos digo: chorareis e lamentareis, mas o mundo se alegrará. Ficareis tristes, mas a vossa tristeza se transformará em alegria. A mulher, quando vai dar à luz, fica angustiada, porque chegou a sua hora. Mas depois que a criança nasceu, já não se lembra mais das dores, na alegria de um ser humano ter vindo ao mundo. Também vós agora sentis tristeza.

> Mas eu vos verei novamente, e o vosso coração se alegrará, e ninguém poderá tirar a vossa alegria (Jo 16,20-22).

Entramos, assim, na segunda parte da partilha-reflexão sobre o tema sugerido para este Congresso celebrativo. E continuamos dando ênfase à centralidade da Palavra de Deus. A força geradora de vida da Palavra de Deus[24] é como a espinha dorsal da Vida Religiosa discípula e missionária, mística e profética. Comungo e partilho da mesma convicção de Edênio Valle quando diz: "Estou convencido que sem a Palavra de Deus não existem nem o discipulado, nem o seguimento, nem a missão que cabe à Vida Religiosa na Igreja e no mundo".[25] Por isso somos convidadas(os) a celebrar o redescobrimento da Palavra de Deus.

O reencontro com a Palavra de Deus nos convida a celebrar

Inspirada no próprio evento que nos reúne, Jubileu de 50 anos da CLAR, desenvolvo dez estrofes com as letras da palavra CELEBRAMOS, primeira pessoa do plural do presente do indicativo do verbo CELEBRAR. Assim, convido a entrarmos neste movimento celebrativo, da dança da libertação e transformação, como diria Elisabeth Schussler Fiorenza.[26] Nem a marcha nem a procissão podem nos ajudar neste momento da Vida Religiosa. Marcha tem os passos prontos e procissão tem um ponto de chegada determinado. Nosso momento pede muito mais o ensaio de uma nova dança, através de um processo de desconstrução e reconstrução com criatividade fiel e fidelidade criativa.

Lembro novamente que o eixo articulador será a parábola da mulher que tinha dez moedas (cf. Lc 15,8-10), perdeu uma e, depois de uma procura cuidadosa, reencontrou a moeda perdida. Esse reencontro é motivo de júbilo, de assembleia, de festa, de reunião de amigas e vizinhas com um simples objetivo: "Alegrai-vos comigo! Encontrei a moeda que tinha perdido!".

Em cada letra era preciso escolher uma ou mais palavras-chave. E pela memória histórica sabemos a força e o poder que cada palavra escolhida tem. Por exemplo, "Projeto" ou "Re-fundação", entre outras. No momento que começamos a escolher as palavras-chave para cada letra entra nossa experiência subjetiva e a realidade na qual estamos inseridas(os). Lembrei de uma poesia de Eduardo Galeano que fala sobre a escolha que os poetas e escritores fazem das palavras. Quero trazê-la para nosso meio, pois pode ajudar-nos a entrar, como sujeito, na escolha das palavras, no processo que segue.

Na casa das palavras

> Na casa das palavras, sonhou Helena Villagra, chegavam os poetas. As palavras, guardadas em velhos frascos de cristal, esperavam pelos poetas e se ofereciam, loucas de vontade de ser escolhidas: elas rogavam aos poetas que as olhassem, as cheirassem, as tocassem, as provassem. Os poetas abriam os frascos, provavam palavras com o dedo e então lambiam os lábios ou fechavam a cara. Os poetas andavam em busca de palavras que não conheciam, e também buscavam palavras que conheciam e tinham perdido.
>
> Na casa das palavras havia uma mesa das cores. Em grandes travessas as cores eram oferecidas e cada poeta se servia da cor que estava precisando: amarelo-limão ou amarelo-sol, azul do mar ou de fumaça, vermelho-lacre, vermelho-sangue, vermelho-vinho...[27]

Sinto-me e sentimo-nos um pouco como os poetas e as poetisas de Galeano: "[...] andavam em busca de palavras que não conheciam, e também buscavam palavras que conheciam e tinham perdido".

24. WEILER, L. Palavra de Deus: força geradora de uma Nova Evangelização. *Convergência* 215 (set. 1988) 387-401. Cf. COMBLIN, J. *A força da palavra*. Petrópolis: Vozes, 1986.

25. VALLE, Edênio, O Projeto 'Palabra-Vida' da CLAR, vinte anos depois, p. 727.

26. SCHUSSLER FIORENZA, Elisabeth. *Los caminos de la sabiduría*. Salamanca: Sal Terrae, 2004.

27. GALEANO, Eduardo. *Mulheres*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 1998. p. 175.

Começamos, então:

C-E-L-E-B-R-A-M-O-S

C

CLAR (Confederação [e não Conferência] dos Religiosos e das Religiosas da América Latina. Sua história está intimamente ligada à história da Vida Religiosa pós-conciliar na América Latina. O nascimento da CLAR se deu nesse ambiente de eclesialidade aberta aos clamores e sofrimentos, alegrias e esperanças do povo. Em 1955, celebra-se a I Assembleia Geral do Episcopado Latino-Americano, no Rio de Janeiro, e dela nasceu o Celam (Conselho Episcopal Latino-Americano). O Celam foi considerado "um organismo não apenas providencial, mas necessário".

Para minha surpresa, e talvez para surpresa de mais religiosas(os), foi o Celam que teve a inspiração para criar a CLAR. Na introdução aos primeiros estatutos do Celam (2 de março de 1959) lemos:

> A comunhão de sentimentos religiosos e a profunda semelhança de interesses e necessidades espirituais na América Latina deu felizmente origem ao Celam, organismo propulsor da comunidade eclesiástica latino-americana. [...] A constatação de uma semelhante comunhão e unidade no setor dos Estados de Perfeição, parte vital da Santa Igreja nos países latino-americanos, sugeriu à Sagrada Congregação dos Religiosos, acreditando fazer uma coisa grata ao Celam e útil não só aos Institutos Religiosos, mas a toda a Igreja, a criação de uma confederação das Conferências da América Latina, com os fins preciosos de ajudar-se entre si em tudo aquilo que têm de comum, além de oferecer ao Celam, segundo seus desejos e indicações, uma colaboração organizada e completa.[28]

Em 1988, o convite feito a toda a Vida Religiosa era de celebrar o V Centenário da Evangelização na América Latina através do Projeto "Palavra-Vida". E o primeiro livro, *A PALAVRA CONVOCA*, imediatamente provoca uma crise. Mas cada crise tem seus profetas e suas profetisas e cada profeta e profetisa tem suas crises.

28. PALMÉS, Anexo 6, Apostila, p. 2-3.

Os conflitos vivenciados provocaram muitos diálogos e uma nova consciência da Espiritualidade do Conflito. Iniciamos um novo caminho no desejo ardente de comunhão. E hoje recordamos que CELEBRAÇÃO é a festa do coração. Coração, lugar da opção fundamental. Porque onde está nosso tesouro aí está também o nosso coração.

Aqui vem ao nosso encontro a parábola de Lc 15,8-10. No primeiro passo lembra que uma mulher tinha dez moedas. Esse era seu tesouro e aí estava seu coração. Ela sabia o que tinha e valorizava o que lhe pertencia. Dez dracmas eram seu dote e sua herança. Entre as dez dracmas do dote original da CLAR estava, com certeza, o espírito e o horizonte de Esperança que apontava ao Concílio Vaticano II e ao Celam, que naquele momento favorável suscitava uma mútua colaboração.

A Vida Religiosa carrega em si um dom particular do Espírito para a vida da Igreja e da humanidade. Só assim temos razão de existir. Sempre de novo somos convocadas(os) para não apenas tomar consciência, mas acolher este dom, este dote que garante sermos herdeiras(os) de um carisma próprio e da profecia comum da Vida Religiosa, gerada no Espírito Santo, como dom para a Igreja.

E

ECLESIOLOGIA de comunhão e participação, na corresponsabilidade, é a grande herança do Concílio Vaticano II. Nela a Vida Religiosa respira um novo ar, e vai encontrando seu lugar-sujeito-agente em meio ao Povo de Deus a caminho. Porém a vivência eclesiológica só se torna prática se houver uma hermenêutica libertadora e libertária, como descreve, com muita sabedoria, Carlos Palmés:

> Todos tratamos de viver uma eclesiologia de comunhão, participação e corresponsabilidade, mas depois, na prática, alguns entendem a comunhão predominantemente como submissão e a participação como simples delegação (ou execução) de tarefas;

> ainda outros acentuam a importância que têm os diferentes carismas e ministérios como fontes de corresponsabilidade e veem a participação como um direito e um dever que nasce do simples fato de ser membro do Povo de Deus.[29]

Nesta hora é preciso exercitar a capacidade da escuta de cada pessoa e discernir sobre as várias eclesiologias que marcaram a caminhada da Vida Religiosa da América Latina e do Caribe. Caminhar com o Povo de Deus é, em primeiro lugar, escutar os clamores do povo. Razão e condição *sine qua non* da Vida Religiosa. Se vocação é resposta de Deus ao clamor do povo, sem uma escuta comprometida não haverá resposta de fé e engajamento comprometido, no seguimento radical de Jesus Cristo.

Enquanto houver clamores, a experiência de Deus passa pela sarça ardente. Nosso Deus não é indiferente, mas escuta o clamor do povo, vê seus sofrimentos e sua opressão (cf. Ex 3,7). E Deus, que quer continuar descendo para libertar seu povo, precisa de pessoas generosas para enviar: "Ouvi, então, a voz do SENHOR que dizia: 'A quem enviarei? Quem irá por nós'. Respondi: 'Aqui estou! Envia-me'" (Is 6,8).

O profeta respondeu "Aqui estou! Envia-me". E hoje nós somos chamadas(os) a responder, com a mesma generosidade e coragem profética, como Vida Religiosa da América Latina e do Caribe. Nossa resposta, diante dos inúmeros clamores, sofrimentos e opressões em nosso continente, será uma bênção de Deus. E seguindo um fio condutor bíblico que passa de geração em geração e está resumido no *Magnificat* de Maria, escutamos a voz de Deus a nos dizer:

> Eu te envio para erguer os rostos caídos.
> Eu te envio para exaltar os rostos humilhados.
> Eu te envio para elevar os pequenos e os pobres.

Acolhemos o segundo movimento da mulher da parábola ao dar-se conta que "perdeu uma" de suas dez dracmas (Lc 15,8). Perder algo é sempre uma sensação que provoca sofrimento. Mas, quando se trata de perder algo essencial para a sobrevivência, como era o caso dessa mulher pobre, viúva, aumenta ainda mais o sofrimento.

29. Ibid., p. 30.

O pior sofrimento para a Vida Religiosa é perder o contato com o povo, com os pobres. Perder a missão de estar do lado deles na escuta e no diálogo comprometido com o clamor dos oprimidos, dos excluídos. Mais triste ainda é perder a fonte onde se alimenta esta mística: a Palavra de Deus lida na perspectiva dos pobres, os prediletos de Deus.[30]

Ter coragem de olhar para o que "perdemos", tomar consciência coletiva desta perda da dracma é um passo importante no processo de ir em busca de seu resgate. Exige acordar a memória do passado e voltar, com liberdade, para lembrar onde podemos reencontrar o que perdemos.

L

LIBERDADE para voltar ao fundamental. Lembrar do dom original das raízes mais profundas de onde nasce o vigor da Vida Religiosa é condição para ir em busca do que vamos perdendo em nosso cotidiano, através da rotina, da pressa, do cansaço.

Celebrar é também lamentar o que perdemos e renovar a firme resolução de nos colocar a caminho. Se olharmos para a origem de nossas Congregações, podemos dizer que quase todas nasceram para responder profeticamente a um clamor do povo. Será que continuamos com o mesmo vigor profético, colocando nossa vida em risco por essa causa? Lamentar é a oração de maior confiança que podemos fazer em tempo de escuridão e de perdas (cf. Livro das Lamentações). Que lamentos apresentamos com toda confiança ao Deus da Vida, que nos é próximo, e nos chama e envia hoje?

Mas não podemos ficar só no Lamento. Se vamos para alguns espaços de fronteira, encontraremos comunidades religiosas inseridas que são verdadeiras células proféticas defendendo a vida e colocando, para isso, a própria vida em

30. Este foi o objetivo principal do projeto Palavra-Vida.

risco. Lembramos, principalmente, de mulheres religiosas, inseridas em áreas de risco, com a vida ameaçada, solidárias com o povo que sofre a mesma ameaça contínua. Dorothy Stang, por exemplo, foi morta por uma arma de guerra e a única arma que apresentou em contrapartida foi a Bíblia, que carregava em sua sacolinha de tecido com a logomarca do Cebi.

A Palavra de Deus se tornou a luz para seus e nossos passos, suas e nossas buscas. Ela tem a força da LIBERTAÇÃO e a lâmpada da lucidez, que a VR hoje necessita. "Não ter lucidez significa caminhar na escuridão", como diz João Batista Libanio, na sua recente reflexão intitulada "Lucidez na Vida Consagrada".[31] E o Evangelho de João completa dizendo: "Deus é luz e nele não há trevas" (1Jo 1,5). "[...] Quem pratica a verdade se aproxima da luz [e anda na luz], para que suas ações sejam manifestadas, já que são praticadas em Deus" (Jo 3,21).

É preciso acender a LÂMPADA e, depois que ela está acesa, não podemos nem devemos escondê-la, mas é preciso colocá-la em espaços onde possa iluminar a escuridão.

A mulher da parábola de Lucas acende uma lâmpada. Só acende uma lâmpada quem tem a disposição de lutar por aquilo que perdeu. É preciso "procurar" e não somente lamentar a perda de algo precioso e vital para a sobrevivência. Quem se dá conta e aceita a escuridão precisa dar um passo a mais, deslocando-se para os espaços onde imagina poder encontrar o que perdeu. Foi o que aconteceu com Moisés na Sarça Ardente, e com as mulheres na madrugada da Páscoa, quando ainda era escuro. Espaços de escuridão assumidos e iluminados podem tornar-se espaços abertos de libertação e transformação. Quando assim buscamos, em conjunto, renasce a esperança.

E

ESPERANÇA ativa é o que sempre animou a caminhada do Povo de Deus, em tempos de crise, de conflitos e de perdas. As palavras de um canto popular litúrgico muito

31. *Convergência* 419 (mar. 2009) 131-146.

sugestivo convidam a renovar a esperança: "Desamarrem as sandálias e descansem! Este chão é terra santa, irmãs e irmãos meus! Venham, orem, comam, cantem, venham todos e todas, e renovem a esperança no Senhor".

Esperar não significa cruzar os braços e deixar os fatos acontecerem. De lamparina acesa e vassoura na mão, a mulher da parábola nos ensina que a esperança ativa deve nos levar a uma prática organizada. É preciso varrer a casa... (cf. Lc 15,8).

Que casa? Certamente, em primeiro lugar, a varredura começa na própria casa, para tirar as teias e o pó que fomos acumulando. Para tirar o mau cheiro, o mofo, e sentir o perfume que enche toda casa (cf. Jo 12,3). Casa é uma metáfora que muitas vezes aparece nos relatos bíblicos: casa construída sobre a areia ou sobre a rocha de acordo com a prática da Palavra de Deus (cf. Mt 7,24), casas fechadas ou casas acolhedoras, como a de Betânia (Jo 12,1-11) ou a de Emaús (Lc 24,13-35). Antes dos serviços eclesiásticos organizados, as comunidades cristãs, conhecidas como caminho e movimento de Jesus, reuniam-se nas casas para celebrar a sua memória pascal: vida, paixão, morte, ressurreição.

O Projeto "Palavra-Vida" tinha como grande referência a EVANGELIZAÇÃO e o espaço a ser varrido era a própria casa da Vida Religiosa, inserida na história dos quinhentos anos de América Latina. A contribuição que a CLAR queria dar, segundo as palavras de Edênio Valle, está assim descrita:

> [...] Foi dessa troca de sugestões e reflexões que nasceu a ideia de fazer a leitura da Palavra de Deus, o grande eixo de nossa resposta ao apelo do Santo Padre e do Celam. Lembro-me bem de que, no último dia, alguém falou de uma "cuidadosa escuta da Palavra de Deus, lida desde os pequenos da história". Escrevi isso em minha agenda daquele dia como sendo o resumo de tudo o que havíamos conversado e como a grande meta em direção à qual queríamos orientar nossos esforços.[32]

32. VALLE, Edênio, O Projeto 'Palabra-Vida' da CLAR, vinte anos depois, p. 713-714.

Belo testemunho sobre uma pessoa anônima cuja palavra forte e sábia foi registrada na agenda do Edênio como síntese de tudo o que se falou.

O convite se repete para nós, hoje, celebrando uma festa de jubileu: varrer a casa é colocar-se novamente na atitude prática de uma "cuidadosa escuta da Palavra de Deus, lida desde os pequenos da história".

E volta novamente a pergunta: que casa? Talvez a metáfora mais adequada para nossa contemplação neste momento seria casa da sabedoria. Casa sem fronteiras de exclusão. Portas abertas para a celebração de todas e todos que quiserem chegar. Ministras servem pão e vinho em abundância, imagem do Reino de Deus, onde todos são convidados e só quem responde ao convite participa afetiva e efetivamente (cf. Pr 9,1-6). A casa aberta ecumênica e ecológica da sabedoria nos convida a abandonar trilhos fixos e buscar novos atalhos. Lembra-nos que é tempo de deserto e de travessia. Mas, para não nos perdermos no descampado, é preciso balizar alguns referenciais indicadores da caminhada.

B

BALIZAR passos e trajetórias, itinerários e caminhos percorridos, em vista de novos horizontes futuros, é um momento indispensável para a celebração de um jubileu. Inspira-nos a releitura da mensagem profética de Jeremias (31,21): "Põe marcos de estrada, finca estacas para te orientar, presta atenção em tua estrada, no caminho por onde passas".

A procura do perdido não pode ser feita de qualquer modo, mas de maneira planejada, organizada. Porque o Carisma que carregamos em vasos de barro não nos pertence. Somos herdeiras de um patrimônio que é fonte de vida para a humanidade. Por isso precisamos contemplar marcos e estacas deixadas como memória no caminho percorrido pelas gerações passadas desde as raízes bíblicas até as origens fundacionais da Vida Religiosa. De olho no retrovisor, contemplamos o passado e recolhemos sementes que podem ser replantadas hoje, na gratuidade e na esperança de que deem frutos em abundância no futuro.

A partir da experiência de uma Vida Religiosa em dinâmica permanente de Êxodo, de busca de caminhos de Liberdade e Libertação, discernimos e decidimos passos futuros, porque acreditamos que DEUS CAMINHA CONOSCO: ontem, hoje e sempre!

Essa experiência da presença de Deus e de sua misericórdia que passa de geração em geração é que faz Isabel exclamar para Maria: "Feliz aquela que acreditou, [...]" (Lc 1,45). Assim, na beleza e na ternura, na firmeza e no encorajamento daquele abraço, grávido da esperança inabalável dos pobres de Yahweh, se dá o encontro entre o velho e o novo. A fidelidade se torna criativa e a criatividade se torna fiel.

A mulher da parábola mais uma vez nos ensina que não basta procurar desesperadamente, é preciso buscar, procurar "cuidadosamente".

Bem-aventurada, feliz és tu, Vida Religiosa, que te colocas nesta dinâmica cuidadosa, porém corajosa, a caminho, buscando com fidelidade criativa e criatividade fiel. Na coragem da refundação serás uma fonte de bênçãos para as gerações presentes e futuras.

R

RECRIAR, reinventar e refundar tornam-se, aqui, sinônimos de "encontrar a moeda perdida", ligando com nossa parábola. Não basta fazer todo o processo de reconhecer o dom que carregamos, dar-nos conta do essencial que perdemos, acender lâmpadas, varrer a casa, procurar cuidadosamente, se desistimos da procura ou desanimamos num certo momento da caminhada.

A refundação exige continuidade e ruptura! E isso pode ser um momento carregado de dor, mas indispensável para que o novo possa irromper. É a imagem da semente, do grão de trigo que deve morrer para produzir muitos frutos (cf. Jo 12,24).

A Vida Religiosa na América Latina e no Caribe convida a uma vida nova no Espírito como ressuscitada e anunciadora fiel do Reinado de Deus, presente já aqui e agora entre nós. Insiste e persiste até o fim. Assim como as mulheres que testemunharam a passagem da morte para a Vida na aurora pascal está aí a mulher da parábola, que procura "até encontrar a moeda" (Lc 15,8). Mas se há o perdido que precisamos reencontrar, devemos também ter a coragem de "perder para ganhar".

Entrar no jogo pascal, ou na dinâmica exodal de passagem da escravidão para a libertação, da morte para a vida, segundo Dolores Aleixandre, é dispor-se a assumir a dinâmica do "perder para ganhar".[33]

Por fim, não podemos esquecer que toda celebração implica uma atitude de RECONCILIAÇÃO. Palavra-chave para uma Celebração Jubilar. As parábolas e gestos de perdão na Bíblia terminam sempre com uma festa onde volta a alegria, porque, em meio às fragilidades e vulnerabilidades, foram recriadas novas relações.

A

ALEGRIA, não poderia ser outro o sentimento e a experiência profunda de quem assim se coloca em busca, na procura, numa atitude reconciliadora consigo mesma, com os outros, com Deus, com todo o Cosmo, nossa casa comum. Não poderia ser outro o sentimento de quem se encontra aqui para celebrar o jubileu de cinquenta anos da CLAR.

A metáfora das dores de parto que transformam a vida presente em vida eterna no Espírito nos ajuda a ilustrar a passagem muitas vezes marcada de dor, mas necessária para que a alegria venha suceder as angústias e incertezas do tempo presente (cf. Jo 16,21-22).

Quando um encontro é de fato afetivo e efetivo, gera uma ALEGRIA, dom e fruto do Espírito, que, para ser saboreada, precisa ser compartilhada e celebrada. Anunciar esta mesma alegria é a consequência natural de que experimentou a vida e se deixou tocar e transformar e recriar pela alegria do encontro.

33. Muito rica a reflexão de Dolores Aleixandre, rscj: Memoria viva del "juego pascual", mística y tareas de la Vida Religiosa hoy. UISG 108 (1998) 36-55.

Mais uma vez a mulher da parábola vem ao nosso encontro e nos alerta quando "reúne as amigas e vizinhas, e diz: 'Alegrai-vos comigo!'".

Assumir as consequências da celebração na prática da vida cotidiana é o segredo que anima a caminhada e a impulsiona em meio à complexidade e às contradições do cotidiano. Esta certamente é a mística e o mistério que nos carrega e que carregamos em nossos corações.

M

MÍSTICA, palavra forte, deriva de MISTÉRIO, cuja dinâmica vai nos possuindo por dentro e encorajando para a profecia. Jesus, a quem queremos seguir, na radicalidade de seu projeto, em favor da vida digna em todas as suas dimensões, alimentou sua mística sendo discípulo fiel do Pai e do povo (cf. Jo 10,1-18). Tornou-se, assim, fonte de Mística para a Vida Religiosa na América Latina e no Caribe.[34]

Muitos caminhos andados e processos iniciados nos convidam a seguir avante, lamparina em punho, ajudando-nos a enxergar por onde se deve vasculhar para procurar não só a moeda perdida. Talvez tenhamos de aprender de Jesus que, muito mais que lamentar as coisas perdidas, precisamos ir em busca de pessoas, de espaços e lugares perdidos.

E assim vamos, sinais na multidão e procurando em mutirão, sem esquecer o óleo para realimentar nossas lâmpadas e lamparinas. Com as luzes acesas e colocadas corajosamente nos lugares visíveis e adequados, reencontremos também a força de nossa missionariedade. Voltemos à nossa fonte mística e animadora de nosso vigor profético, no discipulado missionário.

O motivo da convocação de uma assembleia celebrativa cheia de alegria é muito simples: "Encontrei a moeda que tinha perdido!" (Lc 15,9). O itinerário de busca para reencontrar o perdido não para aí, mas serve de orientação para o futuro. "Para que nada se perca!" (cf. relato da multiplicação dos pães em Jo 6,12) e ninguém se perca (cf. Jo 10,28-29).

34. Projeto "Leitura Orante do Novo Testamento da CLAR: Seguir Jesus – Uma Vida Religiosa Místico-Profética a Serviço da Vida". A primeira etapa foi inspirada a partir do tema "Jesus, Discípulo do Pai e do Povo – Fonte de Mística para a Vida Religiosa na América Latina e no Caribe".

O

ORIENTADORA, a Palavra de Deus segue inspirando e alimentando a Vida Cristã, a vida do Povo, a vida da Igreja, a Vida Religiosa. E nós reafirmamos nossa vontade de continuar acolhendo-a por meio da Leitura Orante, que parte da Realidade dos pobres, na qual a Palavra se fez Carne e veio morar entre nós. A Vida Religiosa inserida nesta realidade é chamada a participar do processo *kenótico*, vivendo a espiritualidade da encarnação no seguimento radical de Jesus.

Orientada pela Divina Sabedoria e pela sabedoria de nossos anciãos e anciãs, somos motivados a fazer sempre novas releituras bíblicas. Com o sugestivo título "Levitas e levitinhos", Carlos Mesters nos oferece uma chave de releitura bíblica para a Vida Religiosa que é uma verdadeira pérola a ser celebrada. "Levi significa aderir à missão de irradiar a presença libertadora de Javé. Levi não recebe terra porque sua herança é Javé. Levi está presente em todas as tribos como fermento".[35]

Acolhemos a Palavra de Deus, que desce como orvalho para fecundar o chão de nossos povos latinos e caribenhos e todos os povos com os quais partilhamos nossa missão comum de defender, cuidar e recriar a vida, todas as suas expressões. Abrimo-nos à divina Ruah, à Sabedoria de Deus e do povo para que nos ajudem.

S

A SABEDORIA está presente em todos os momentos da caminhada do povo, como diz a conclusão do Livro da Sabedoria (19,22), último escrito do Antigo [Primeiro] Testamento. A Sabedoria convida a Vida Religiosa a entrar na sua casa aberta, com sete colunas. Os espaços abertos entre suas sete colunas convidam o Espírito a soprar onde quer. Se permitirmos o vento novo do Espírito, ele nos conduzirá com sua agilidade, transparência e leveza.

35. Por enquanto o texto "Levitas e levitinhos" está circulando em formato de apostila. Inspirou a visão bíblica da Vida Religiosa no Brasil no Seminário Nacional da Vida Religiosa Inserida e Solidária. Este Seminário foi vivenciado como um Pentecostes da VRI e Solidária. Cf. Carta-mensagem final, Carpina-PE, 20 de abril de 2009.

A Sabedoria é reconhecida como a artífice de todas as coisas. Podemos unir nossas vozes em coro, entoando o belíssimo poema da Sabedoria:

> Há nela um espírito inteligente, santo, único, múltiplo, sutil, móvel, perspicaz, imaculado, lúcido, invulnerável, amante do bem, penetrante, incoercível, benfazejo, amigo dos homens, benigno, constante, certeiro, seguro, que tudo pode, que tudo supervisiona, que penetra todos os espíritos, os inteligentes, os puros, os mais sutis. Pois a Sabedoria é mais ágil que qualquer movimento, e atravessa e penetra tudo por causa da sua pureza. Ela é o sopro do poder de Deus, uma emanação pura da glória do Todo-Poderoso. Por isso, nada de impuro pode introduzir-se nela: ela é reflexo da luz eterna, espelho sem mancha do poder de Deus e imagem da sua bondade. Embora sendo uma só, tudo pode; permanecendo imutável, renova tudo; e comunicando-se às almas santas através das gerações, forma os amigos de Deus e os profetas (Sb 7,22-27).

E as ministras da sabedoria nos convidam a entrar na sua casa e participar do Banquete preparado. O pão do sustento dos famintos e o vinho da celebração dos convidados e convidadas já estão preparados. Todos e todas são convidados a participar da festa da Palavra de Deus reencontrada e relida no paradigma da Sabedoria Divina, geradora do Reino de Deus, que oferece a liberdade e vida em abundância (cf. Jo 10,1-18).

E a confirmação da celebração "já e ainda não" se completa através de uma declaração jubilosa: os Anjos de Deus sentem a mesma alegria quando uma só pessoa vive esse processo de Conversão (cf. Lc 15,10).

Celebramos este momento como tempo de graça: *kairós*. Os Anjos de Deus alegram-se com o menor sinal de conversão, por isso já podemos celebrar aqui e agora. De fato, a alegria de Deus é semelhante a uma mulher que, ao perder uma dracma, acende a lâmpada, varre a casa e procura com cuidado até encontrá-la. E, quando a encontra, chama todas as amigas e vizinhas para celebrar a alegria de tê-la encontrado (cf. Lc 15,8-10).

Refazendo os caminhos e buscando perspectivas

Faz muito sentido, neste tempo jubilar, refazermos o caminho da parábola para nos inteirarmos do momento do processo em que nos encontramos:

1. "Uma mulher tinha dez moedas": quais são as dez moedas, o dom, o dote, a herança da Vida Religiosa hoje?
2. "Perdeu uma": qual é a moeda que não poderíamos ter perdido de jeito nenhum e perdemos? Não perdemos somente coisas, mas também pessoas. Por que, geralmente, vamos mais em busca das coisas do que das pessoas que perdemos? E aqui queremos lembrar uma moeda, que não sei se está perdida ou escondida. Trata-se de uma pesquisa sobre Vida Religiosa Feminina, encaminhada pela CLAR, quando Elza Ribeiro foi a primeira mulher a assumir a presidência. Ajudemos a procurá-la, em mutirão?
3. "Será que não acende uma lâmpada?": que lâmpadas, lamparinas precisamos acender hoje para iluminar os espaços escuros onde pode estar perdido algo fundamental para nossa Vitalidade humano-religiosa? Que luzes acendemos, pessoal e comunitariamente, para voltar à lucidez dos discernimentos, decisões e consensos em meio a situações de escuridão e fragilidade?
4. "Varre a casa": que casa precisamos varrer? Que móveis e empecilhos remover? Serão nossas relações truncadas ou nossas estruturas inflexíveis que atrapalham nossa profecia?
5. "Procura cuidadosamente": com que métodos e estratégias procuramos aquilo que perdemos ao longo dos cinquenta anos de caminhada da CLAR? Em que processos de busca persistimos e perseveramos numa procura cuidadosa?
6. "Até encontrar a moeda!": onde interrompemos e desanimamos, não levando até o fim nossa procura, impedindo ou abortando o encontro ou reencontro do que perdemos?
7. "Quando a encontra": que é que podemos afirmar e proclamar hoje, neste momento de celebração jubilar, que de fato já encontramos?
8. "Reúne as amigas e vizinhas e diz...": quem são os convidados e as convidadas? Que rosto têm e que vestes usam? Há novos cenários e novos sujeitos na Vida Religiosa hoje?
9. "Alegrai-vos comigo!": alegria não existe nem cria uma dinâmica de vida se não for partilhada na relacionalidade. É pura gratuidade! Com quem partilhamos nossa alegria mais profunda?
10. "Encontrei a moeda que tinha perdido!": o legado que queremos deixar para as gerações futuras passa por esse momento do encontro afetivo e efetivo. Que é que encontramos ou reencontramos após cinquenta anos de caminhada como CLAR e queremos deixar como marco no presente e herança para as gerações futuras?

Para ilustrar, antes de concluir, retomo, mais uma vez, o fio articulador da parábola. Peço licença a Sebastião Armando Gameleira Soares, colega do Cebi, para emprestar o ritmo cantante de sua poesia:[36]

A mulher pobre e viúva
Com sua lamparina, trêmula
Com sua mão cansada,
A vasculhar encurvada (Lc 15,8)
Os cantos da casa,
Vai-se tornando multidão
E o espaço vai se alargando
Até as fronteiras do mundo.
A caravana em marcha,
Na escalada das subidas,
"Espadas virando arados"(Is 2,1-5),
Até que o trigo amadureça (cf. Jo 4,35-38)
Enquanto se chegue
À grande, imensa sala do banquete das bodas
(cf. Mt 22,1-10; Ap 19,6-9.17-21).

36. MESTERS, Carlos; PEREIRA, Nancy Cardoso. *A leitura popular da Bíblia; a procura da moeda perdida*. 4. ed. São Leopoldo: Cebi, 2003. p. 6. (Coleção A palavra da vida, n. 73.)

A mesa bíblica do banquete do Reino está numa casa aberta, sem portas nem janelas. Hoje não podemos imaginar a Vida Religiosa varrendo uma casa fechada, um convento cercado de muros.

A divina Ruah convida a entrar na
casa cósmica aberta da Sabedoria,
que não precisa de muros ou divisas excludentes,
de fortificações e barricadas
para separar quem está dentro de quem está fora.[37]

A imaginação criativa da Sabedoria gera uma compreensão nova e convida para uma avaliação sistêmica crítica e uma reconstrução criativa da Vida Religiosa Inserida na América Latina e no Caribe. E neste momento vem em nosso auxílio a Palavra de Deus, nascida e vivida no meio do povo e dos provérbios populares, sussurrando aos nossos ouvidos e corações:

A Dama Sabedoria construiu sua casa, [...]
E preparou a mesa.
Enviou as empregadas
para proclamarem, na fortaleza e nos pontos mais altos
da cidade: [...]
"Vinde comer do meu pão
e beber do vinho que preparei para vós!
Deixai a ingenuidade e vivereis!
Segui os caminhos da prudência!"
(Pr 9,1-3.5-6).

In-com-clusão

Se usamos as letras do verbo CELEBRAR, conjugado na primeira pessoa do plural do presente do indicativo, para interligar e entretecer, numa única rede, tantos fios de ternura e resistência na trama histórica dos cinquenta anos de caminhada da CLAR, é porque queremos, simbolicamente, dizer que, sempre de novo, iniciamos um processo de alfabetização neste projeto-sonho de vida e profecia. A rede

37. Cf. SCHUSSLER FIORENZA, Elisabeth. Apostila O poder da palavra: a Escritura e a retórica do império, palestra proferida na PUC-SP em junho de 2008.

não está pronta. As letras e as palavras convidam Religiosos e Religiosas, na diversidade de gênero, etnia, idade e raça, a fazer uma releitura em vista de uma nova criação, uma refundação.

Muitas palavras saíam dos frascos de cristal de Galeano. Algumas novas, outras conhecidas mas esquecidas. Todas estavam "loucas de vontade de ser escolhidas". Escolhi uma, mas convido cada qual a escolher a sua. Palavras têm força evocadora do passado, fecundam o presente e têm o incrível poder gerador de vida e de novos horizontes para a caminhada rumo ao futuro. Como Vida Religiosa na América Latina e no Caribe, cremos na força das palavras geradoras. Paulo Freire lembra que as palavras geradoras devem sempre fazer o círculo hermenêutico com a realidade, melhor ainda, devem ser buscadas na realidade. E assim se tornam fonte transformadora de vida e libertação.

É por isso que concluímos, aqui, o que na verdade está in-*com*-cluído. Vai o convite para que cada uma(um) releia essas palavras, substituindo-as de acordo com a experiência e a realidade na qual estão inseridas(os). Com todas as letras do alfabeto, proclamamos que queremos continuar buscando o:

A – do Amor
B – da Bênção
C – da Comunhão
D – do Discernimento
E – da Esperança
F – da Fé
G – da Gratidão
H – da Humanização
I – da Identidade
J – da Justiça
K – do *Kairós*
L – da Liberdade
M – da Missão

N – da Novidade
O – da Oração
P – da Profecia
Q – do Questionamento
R – do Reino
S – da Simplicidade
T – da Ternura
U – da Utopia
V – da Vida
W – do www.[...]
X – do Xristos
Y – de Yahweh
Z – do Zelo pela casa
e pelas coisas de Deus!

Com Maria e Isabel, no encontro fecundo do velho com o novo, entoamos o cântico profético do *Magnificat*. Cremos que uma Vida Religiosa Mística e Profética, caminhando na contramão da história, como Jesus, é possível! E unimos nossas vozes às Marias e Isabéis de ontem e de hoje proclamando a eterna Misericórdia de Deus, que:

> [...] sua misericórdia se estende de geração em geração [...] derrubou os poderosos de seus tronos e exaltou os humildes. Encheu de bens os famintos, e mandou embora os ricos de mãos vazias (cf. Lc 1,46-55).[38]

Parabéns, CLAR! És feliz porque acreditaste!

38. Agradecimento especial a três pessoas muito próximas e amigas que têm parte neste texto porque leram, confrontaram, criticaram, sugeriram e opinaram sobre ele: Frei Adelino Pilonetto, ofmcap; Frei Carlos Mesters, oc; e Irmã Márian Ambrosio, dp.

As contribuições da Vida Religiosa à Teologia da Libertação para o futuro

Bárbara P. Bucker, mc*

O tema que vou propor consta de três partes, claramente enunciadas no título: as contribuições da Vida Religiosa à Teologia da Libertação orientando o futuro.

Quando se fala da contribuição que uma pessoa ou Instituição pode oferecer a outra, pensa-se em algo próprio, característico. O "contribuir" acontece dentro do "partilhar", do receber e dar em reciprocidade.

A celebração dos cinquenta anos da CLAR é um bom momento para refletir sobre quais são nossas contribuições à Igreja, à própria VR e à teologia, tanto da VR como da Libertação, e ao mesmo tempo refletir sobre o recebido da Igreja e do mundo nesse diálogo.

A CLAR nasce no clima do Concílio Vaticano II e manifesta a eclesiologia da constituição *Lumen Gentium*. A Igreja é representada como o Povo de Deus, dentro do qual é preciso situar as relações de hierarquia e laicato. Mas ao lado do "primado de Pedro", que enquadra essas relações, há outro primado, "o mariano", que se refere à vocação de toda a Igreja à santidade.

A VR se realiza dentro da vida laical, mas tem, por sua vez, como identidade definida, a vocação à santidade, que é comum a todo o Povo de Deus, porém confere à VR seu sinal característico.[1]

* **Irmã Bárbara P. Bucker** é religiosa das Irmãs Mercedárias da Caridade. Vive na periferia da cidade do Rio de Janeiro, Brasil. Professora integral na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, com o curso de Ética Cristã. Participa da Equipe de Reflexão Teológica da Conferência dos Religiosos do Brasil. Dá cursos de teologia no SEPI (South East Pastoral Institute) de Miami. Acompanha Congregações e grupos de leigos com cursos de teologia e discernimento e dirigindo exercícios espirituais. **E-mail:** bbucker@openlink.com.br.

1. O Papa João Paulo II desenvolve os dois "primados" em *Mulieris Dignitatem*, n. 27, b, e esclarece: "Este perfil mariano é tão – se não mais – fundamental e caracterizante para a Igreja quanto o perfil apostólico e petrino, ao qual está profundamente unido…", nota 55.

A contribuição da vida em comunidade

A VR é um "carisma", dom do Espírito para o bem de toda a Igreja, carisma de seguimento de Jesus em comunidade de vida.

Carisma do Espírito à Igreja...

Como carisma, nasce da gratuidade e espontaneidade com que Deus responde a sinais dos tempos. O carisma se compreende pelo contexto em que nasce. O nascimento de uma Congregação se explica por determinadas circunstâncias históricas. São João de Deus se sente ungido pelo Espírito para servir aos enfermos. Marcelino Champagnat, João Batista de La Salle, João Bosco, Beato Padre João Nepomuceno Zegrí e tantos outros fundadores de comunidades educativas foram resposta, sobretudo à juventude pobre e abandonada. A expansão missionária da Igreja se apoiou em grande parte em obras e instituições de Congregações religiosas. O Espírito mostrou como pode ser vivido um carisma missionário não só na atividade itinerante de um Francisco Xavier, mas também na vida oculta contemplativa de uma Teresinha do Menino Jesus. Vocações religiosas contemplativas recordam permanentemente a toda a Igreja a necessidade de viver pela oração, a intimidade do amor de Cristo, seja retirando-se do mundo, seja inserindo-se nele, sobretudo entre os pobres.

... para o seguimento de Jesus Cristo...

A essência da fé cristã pode ser expressa com esta breve ideia de Jo 3,16: "De fato, Deus amou tanto o mundo, que lhe deu o seu Filho único, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna". O mistério da Trindade nos diz que por detrás do envio do Filho pelo Pai se esconde um profundo amor, como João destaca. Mas implicitamente se pode dizer também que "tanto o Filho amou ao Pai que aceitou o envio ao mundo".

Por detrás do presente do Pai ao mundo está a obediência amorosa e livre do Filho ao dar-se ele mesmo ao mundo para revelar o Pai. E essas duas pessoas mostram em seu amor o Espírito pela comunhão. O Pai envia não só o Filho, mas com ele e por ele o Espírito, e este Espírito nos une, em amorosa obediência, pelo Filho ao Pai. O Espírito atua convocando-nos pela fé para formar a Igreja. Esta, como Esposa, está unida por amor a Cristo, o Esposo. Os carismas que o Espírito dá à Igreja manifestam a plenitude da graça de Cristo. A toda a Igreja é dado o Espírito, mesmo que os carismas sejam distintos.

Nas origens da Vida Religiosa cristã se situa a vocação ao testemunho radical do seguimento de Jesus Cristo. Os monges do deserto se dedicam à oração, mas vão descobrindo o valor da comunidade, da vida em comum. Na realidade este modelo já existe nos Evangelhos: a mesma comunidade de discípulos que Jesus chama para viver juntos a dedicação ao Reino.

... em uma forma de vida comunitária...

A diversidade de formas de VR se deve às características de cada momento histórico, mas há algo que é comum: a vida em comunidade. Trata-se de comunidades que nascem da fé e que têm seu modelo na comunidade de discípulos que Jesus convocou para "estar com ele" e "enviá-los a anunciar o Reino de Deus". O discipulado é a base para a missão, e toda missão tem seu modelo fundamental no envio do Filho pelo Pai ao mundo para salvá-lo.

A contribuição da vida comunitária é significativa no contexto da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe em Aparecida. Somos convidados a voltar "aos começos", e assim se recupera uma etapa que às vezes desaparece por completo quando se passa de Cristo a uma Igreja estruturada hierarquicamente.

Não está de acordo com a verdade histórica pensar que entre Cristo e a Igreja há uma direta e imediata transferência de autoridade e poder de modo que a pessoa de Cristo deixa de ter importância para dá-la às estruturas eclesiais.

Estar unidos a Cristo é a única maneira de entender o sentido e a missão da Igreja.

Entre Jesus de Nazaré e a Igreja, tal como a conhecemos hoje hierarquicamente estruturada, há uma etapa intermediária, na qual, todavia, não há autoridades entre os discípulos, mas uma intensa vida comunitária. Os Evangelhos nos falam de dois tipos de decisão de Jesus: chamar para o discipulado e escolher dentre os chamados os "Doze" com uma especial vocação de serviço.

Os escolhidos para o ministério não deixaram de ser escolhidos para o discipulado. Essa chamada inclui os Doze e todos os que, sem ser apóstolos, o foram no sentido pleno, discípulos e missionários, isto é, simplesmente o "Povo de Deus". Santo Tomás de Aquino chega, mesmo, a chamar Maria Madalena de "apóstola dos apóstolos" por levar-lhes a mensagem da Ressurreição.[2]

... na qual a autoridade é o poder de servir...

Se a fé da Igreja nasce da Palavra de Deus e esta Palavra tem seu centro nos Evangelhos, o que ali está narrado tem uma força constitutiva do ser da Igreja. A vivência comunitária é a que dá seu sentido próprio à autoridade hierárquica. Pedro, antes de ser o primeiro entre todos, foi igual aos demais, porque Pedro e os demais apóstolos sabem que há um só Mestre, que é o Cristo. Ele é o centro de referência, por isso Aparecida insiste uma e outra vez em voltar ao discipulado que marcou o nascimento da Igreja.

A Igreja se renovará se voltarmos ao processo inicial, se vivermos intensamente o comunitário onde tem sentido a autoridade, porque a autoridade que Cristo nos deixa é a da "lei do amor". "Autoridade sem comunidade" é como "lei sem amor". A lei do Evangelho difere de qualquer outra lei humana que pode unir um grupo humano pela legalidade de suas normas. É uma lei que nasce do amor e faz crescer o amor.

Os frutos das leis na Igreja devem ser medidos pelo crescimento da comunhão fraterna. Os frutos da obra do Espírito

2. Citado em *Mulieris Dignitatem*, n. 16, nota 38.

sempre unem, nunca dividem. Unem na fé, na esperança e no amor. Não dividem em categorias, classes, funções, raças, culturas etc.

O carisma que convoca a VR *em comunidade* é um precioso presente para a Igreja. Nossa grande contribuição é viver nossa fé em comunidade de discípulos-missionários. Nosso estilo de vida é aquele que está mais próximo da comunidade apostólica, sempre na presença do Mestre, vivendo nossas vidas em sua presença, tendo o sacrário como centro da vida comunitária, tanto naquilo que se refere à vida humana de parceiros(as) de projeto como do sacramento.

... para crescer no amor

Contudo sempre é preciso aprender a viver e a amar em comunidade. Sobre este tema não há ninguém que possa afirmar que chegou ao ideal proposto. No entanto, o amor humano é o presente de Deus que mais nos assemelha a ele. "Deus é amor", recorda-nos o Papa Bento XVI em sua primeira encíclica, tomando como caminho a afirmação de Jo 3,16.

O curso natural da vida humana é que possa nascer do amor do homem e da mulher que se amam. Mas o dom divino do amor facilmente se desvia e perde seu sentido porque, em vez do amor, existe a busca do prazer egoísta. O amor humano precisa ser educado para chegar à maturidade. Acontece na família e em todos os tipos de convivência humana onde se pede a profundidade do afeto para preservar a unidade.

Aprender a amar é muito difícil e requer um contínuo crescimento na maturidade, e isto também sucede na VR. A comunidade nos apresenta características semelhantes e também muito diferentes, pessoas com as quais é agradável conviver e outras com as quais é difícil.

A VR tem uma imensa tarefa a oferecer à Igreja: sua vida comunitária bem vivida. Ela é, nas circunstâncias atuais, uma "verdadeira comunidade de discípulas(os)". Se meditarmos os Evangelhos a partir desta perspectiva, compreen-

deremos o que foi para Jesus a convivência com os discípulos, divididos tantas vezes por ambições de poder, tensões e manias, diferenças de caráter e até de projetos de futuro.

Dar-nos-emos conta do processo constante de crescimento que Jesus pede a seus discípulos para conviver uns com os outros, progresso que se dá no crescente restituir "bem por mal" no processo da reconciliação. Não devemos nos assustar se em nossas comunidades há conflitos e desentendimentos. O que nos deve preocupar muito é que tais conflitos não se acabem senão pela reconciliação, que perdurem meses, até anos, e que dividam casas e províncias inteiras de uma mesma Congregação.

A primeira comunidade de discípulos foi testemunho da negação de Pedro e da traição de Judas. O Mestre pôde refazer a missão de "rocha" dada a Pedro porque houve arrependimento, mas nada pôde fazer quando não houve humildade para pedir perdão. O que sucedeu com a primeira comunidade de discípulos voltará a suceder com todas as outras comunidades ao longo dos séculos. Para esclarecer essa relação, falaremos de dois tipos de comunidade: pré-pascal e pós-pascal.

A presença do Mestre foi para os discípulos "pré-pascais" aquela que descrevem os Evangelhos. Nós somos discípulas(os) "pós-pascais" que buscam essa presença pela fé nos lugares onde Jesus disse que o encontraríamos: a Palavra, a Igreja, a Eucaristia e os Pobres.

Para nós, a comunidade religiosa é exatamente a experiência da Igreja mais imediata e cotidiana, precisamos viver com coerência a certeza de que Jesus, Mestre, está no meio de nossa comunidade, se quisermos que ela seja "comunidade de discípulos". "Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estou ali, no meio deles" (Mt 18,20).

O encontro com cada um de nossos irmãos e irmãs na VR *é um encontro com o Senhor.* Em cada um(a) está a obra do Espírito, que vai aperfeiçoando a consagração dos votos, a vida de fé, esperança e caridade. Se Deus amou tanto o mundo a ponto de enviar a ele o seu Filho, isto é também verdade para nosso círculo de vida comunitária: o Pai nos envia ali para que pela fé o encontremos, e o Filho acolhe essa vontade, ele aceita ser enviado, "se envia a si mesmo", dispondo totalmente de si para fazer a vontade de Deus.

A maior contribuição da VR à teologia, à própria Igreja, é o testemunho de nossas comunidades religiosas como *espaço de discipulado-missionário.*

A contribuição da Vida Religiosa à Teologia da Libertação

Esta contribuição se dá no campo comum da teologia, tanto da VR como da Libertação.

A contribuição da vida em comum se tematiza pela reflexão teológica...

Uma maneira de explicar o sentido da vida em comum é o recurso ao *logos* da razão, vinculado a tudo o que faz referência ao divino. A *teo*-logia, etimologicamente, é a unidade entre Deus, como objeto, e *logos*, como razão e palavra humana. Neste sentido a teologia é a capacidade humana de dizer algo sensato sobre Deus, mas nem toda teologia nos aproxima do específico cristão. Devemos superar o espaço de uma teologia natural e aderir a uma "revelada", na qual primeiro "escutamos o Deus que nos fala" antes de dizer nossa palavra sobre ele.

... especificamente cristã...

Nosso acesso a uma teologia especificamente cristã precisa distinguir os mensageiros que nos falam sobre Deus: Moisés e os profetas no Antigo Testamento e Jesus, Filho do Pai, no Novo Testamento (Hb 1,2).

Consequências muito importantes derivam do fato de acolher as palavras do Filho que revelam o Pai. Em primeiro lugar, a necessidade de trocar o nome de "Deus" para "Pai", portanto "Patrologia", se não estivesse já esta palavra restrita à patrística. Paulo muda sua oração do "Bendito seja Yavé" para "Bendito seja o Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo". Em

segundo lugar, a necessidade de ampliar o "conhecimento lógico-conceptual" com o "afetivo-experiencial".

Não se conhece bem a um pai sem ter uma "perspectiva" própria de quem é "filho". As relações entre duas pessoas exigem o conhecimento de ambas para ser compreendidas. Para conhecer o Pai de Jesus precisamos ser conduzidos(as) do Filho ao Pai e "conviver" o afeto filial.

Em terceiro lugar, se o Pai a quem o Filho revela é também o Pai de cada ser humano, não o podemos afirmar com profundidade sem viver seriamente a fraternidade e a sororidade, porque o vínculo da paternidade não se esgota entre Deus e um só ser humano, excluindo os demais, mas inclui a todos, homens e mulheres.

... sobre as experiências filiais e fraternas...

Uma teologia cristã da libertação não somente tematiza a libertação como relação Deus-ser humano, mas o fato de aderir ao Pai através do Filho e ser testemunho da filiação diante de um mundo de irmãos e irmãs.

A libertação pode receber contribuições da teologia quando o indivíduo se sente oprimido pelos mal-estares individuais de caráter psicológico, e esta ciência também contribui para viver saudavelmente as relações com o divino. Mas as relações entre teologia e ciências sociais são muito mais complexas, porque envolvem também os papéis históricos das Igrejas nos processos sociais de libertação.

Entramos no delicado campo das relações de poder e das tentações de exercício de forma humana de poder, opostos aos critérios evangélicos que Jesus apresentou ao lavar os pés de seus discípulos.

... ante o desafio dos pobres da América Latina...

A contribuição da VR à Teologia da Libertação, vivida já por cada comunidade de discípulos-missionários em torno do Mestre, que é Cristo, nos contextualiza com o processo de ao menos quatro décadas de vida eclesial e social latino-americana pensando o tema da libertação. Indubitavelmente, ao *logos* humano da libertação de opressões psicológicas e sociológicas dever-se-ia acrescentar o *logos* especificamente teológico da libertação do pecado, harmonia de saberes que nem sempre foi fácil.

O *logos* do conhecimento científico se deforma quando os interesses predominam sobre a razão. O racional como caminho de acesso à verdade se disfarça de razão quando se quer defender posições de poder. Temos o fenômeno da "*ideo*-logia", onde a "utilidade" de uma ideia substitui a verdade da mesma.

Paulo VI chamou a atenção para o discernimento das ideologias e o correto uso de utopia e ciência,[3] e os documentos da Congregação da Doutrina da Fé[4] abordam o tema dos riscos ideológicos para a Teologia da Libertação. Não faltaram alguns bispos que quiseram omitir em Puebla o texto dos rostos de Cristo[5] porque eram "ideológicos". Dizia-se que o tema dos "pobres" era ideologia marxista, e que era preciso evitá-lo de qualquer forma para evitar a contaminação ideológica.

... para anunciar-lhes hoje a Boa-Nova do Reino dos Céus

Hoje este debate parece definitivamente superado quando lemos o magnífico texto de *Novo Millennio Ineunte*.[6] A partir desses ensinamentos do Magistério, entendemos que o centro dessa teologia é a presença dos pobres no mundo, que nos convida ao compromisso com eles como expressão de nosso amor a Jesus Cristo.

Na Igreja há contribuições à Teologia da Libertação que vêm das ciências sociais, dos trabalhos de promoção e de desenvolvimento, das vocações políticas dos leigos, mas a contribuição da VR vem de algo que é central tanto para a Teologia da Libertação como para a VR, que é a teologia como caminho de uma compreensão de Deus.

Trata-se de um Deus "que se fez pobre por nós para enriquecer-nos com sua pobreza" e que se manifesta, portanto, numa "fé cristológica", que encerra dentro de si, de forma

3. PAULO VI. *Octogesima Adveniens*, nn. 31-34.

4. Puebla, nn. 31-39.

5. JOÃO PAULO II. *Novo Millennio Ineunte*, n. 49.

6. BENTO XVI. *Discurso inaugural em Aparecida*, n. 3.

implícita, a opção preferencial pelos pobres. "Fazer-se pobre", tal como nos revelam os Evangelhos, é partilhar uma situação humana que afeta as grandes maiorias da humanidade, mas que tem um objetivo: "enriquecer-nos com sua pobreza".

É o paradoxo da pobreza evangélica que enriquece, porque abre a outro tipo de riquezas que o mundo ignora e não pode valorizar. O *logos* desta teologia *cristológica* não tem nada a ver com o *logos* filosófico sobre o Deus da filosofia grega. Só se compreende a partir da revelação que o Filho faz do Pai, portanto, se "entramos" na relação mútua entre o Pai e o Filho, onde Cristo não é somente o mensageiro do Pai que nos interpela, mas seu Filho. Assim, rompe o *logos* grego.

Um Deus que "se faz pobre" rompe todos os esquemas teológicos tradicionais tanto pelo "fazer-se", incompatível com a eterna imutabilidade do divino, como pela pobreza, que significa degradação da mesma condição humana. Mas isso é precisamente o Deus que se nos revela em Jesus Cristo e que dá sentido à opção preferencial pelos pobres.

Entendida assim, a Teologia da Libertação não é ideologia política, mas exigência do Evangelho. A Teologia da Libertação se torna ideologia quando a defendemos ou atacamos, rompendo o vínculo essencial que a teologia tem com a vida de Jesus narrada pelos Evangelhos.

Assim como a vida em comunidade é um processo de discipulado crescente, também a compreensão dessa pobreza que enriquece supõe um processo de conversão, de busca dos bens do Reino, que nos levam a encontrar a dignidade de cada ser humano, em particular dos pobres, por aquilo que têm em si, de ter sido amados gratuitamente por Deus.

A VR é uma maneira de viver na história que se justifica pela fé em Deus, que ama de tal modo o mundo que lhe entrega seu Filho, Jesus Cristo. Portanto, é preciso ver a contribuição na linha de algo que pertence à VR e, ao mesmo tempo, é o núcleo da Teologia da Libertação.

Este ponto de unidade é a presença dos pobres. Os pobres concretos interpelam o nosso modo de pensar e de viver a pobreza. Por sua vez, a Teologia da Libertação nasce, cresce, se desenvolve e aponta para servir a causa dos pobres.

Se a experiência da comunidade de discípulos-missionários, que deve ser cada comunidade religiosa, é a primeira contribuição para toda a Igreja, surge outra contribuição específica da VR pela consagração dos votos e, de maneira especial, pela da pobreza.

A consagração como doação a Deus não é um movimento só para cima, mas também para baixo. Oferecemo-nos a Deus... para fazer sua vontade (= bondade), isto é, para ser enviados.

Consagração e missão não se separam, se requerem mutuamente. O Cristo que está presente na comunidade de seus discípulos-missionários é o mesmo que vamos encontrar num setor privilegiado da humanidade: os pobres.

Passamos de uma vivência de Cristo a outra vivência, mas é a mesma pessoa a que está na comunidade de discípulos e nos pobres.

A teologia da VR, sobretudo no tema da pobreza, deveria ser o caminho de nossa contribuição à Teologia da Libertação. A práxis de vida de uma comunidade religiosa que vive na pobreza e que serve aos pobres deveria alimentar-se da reflexão teológica centrada no serviço aos pobres.

Essa pobreza assumida por Cristo é, por sua vez, uma riqueza, porque nos abre à dignidade e ao valor de cada ser humano por ser filho ou filha de Deus. As falsas riquezas, que o mundo tanto valoriza e que levam ao desprezo dos pobres, não têm valor para o espírito evangélico.

Os pobres são a riqueza que Deus confia à Igreja. Neles se encontram dinamismo e forças para compreender um mundo justo e para construí-lo. Os pobres entendem o Reino e o anunciam (cf. Mt 11,25-26).

A contribuição da VR à Teologia da Libertação é manifestar o encontro dos discípulos e das discípulas na presença

dos pobres. Encontrar Jesus nos pobres deve sempre ser uma evidência para a Igreja, porque ela se entende melhor do que nunca como Esposa de Cristo, e quando Cristo é encontrado nos pobres a Esposa reconhece o Esposo.

Aqueles que vivem a vida como comunidade de discípulos(as)-missionários(as), sempre em torno do Mestre, são aqueles que por própria vocação deveriam descobri-lo nos pobres. Esta é a melhor contribuição da VR à Teologia da Libertação: mostrar na vida e em gestos concretos o que refletiu em nível de razão e coração.

João Paulo II, em *Novo Millenio Ineunte*, aprofunda a belíssima ideia do encontro Esposa-Esposo nos pobres. Uma autêntica contemplação de Cristo nos leva ao reconhecimento de sua presença. Se verdadeiramente partimos da contemplação de Cristo, precisamos saber descobri-lo, sobretudo, no rosto daqueles com os quais ele mesmo quis se identificar.

Mt 25,35-36 não é um simples convite à caridade: é uma página de cristologia que ilumina o mistério de Cristo. Sobre esta página a Igreja comprova sua fidelidade como Esposa de Cristo não menos do que sobre o âmbito da ortodoxia (cf. *NMI*, n. 49).

A VR, como vida de comunidade de fé referida a Jesus Cristo, deve crescer em sua percepção da presença do Mestre nos pobres.

A contribuição da Vida Religiosa para orientar o futuro

Em uma cultura que olha para o futuro...

Este terceiro elemento da nossa reflexão nos convida a olhar mais adiante. Hoje temos maior sensibilidade sobre o tempo futuro do que sobre o tempo passado. As gerações que nos antecederam buscaram a confiança e segurança em manter tradições passadas, às vezes bloqueando verdadeiras iniciativas e projetos que poderiam ter transformado a vida.

Dizia-se, não sem certo pessimismo, que "mais vale mal conhecido que bem por conhecer".

Esta segurança do passado foi também muito frequente precisamente na VR, apesar de que cada novo carisma é convite à novidade e, ao mesmo tempo, lembrete de que os carismas, se não dão resposta aos sinais dos tempos, enfraquecem e morrem.

Nos séculos XII e XIII foram proibidas novas fundações religiosas. As que nasciam deviam "enquadrar-se" nas antigas. Os modelos de VR monástica não eram apropriados para as ordens apostólicas. Congregações femininas dedicadas à educação, como a Companhia de Maria, deviam guardar clausura e manter, portanto, as alunas encerradas ("dentro") dos conventos. O Espírito atuou de tal maneira que as mudanças se realizaram porque os olhos e os corações se abriram às novidades dos tempos.

O tempo tem duas formas de medida: a cronológica, na qual o tempo se divide em partes iguais que se sucedem umas às outras; e a *kairológica*, na qual Deus irrompe de forma criadora revelando seus projetos.

A segurança para o futuro cronológico está no poder da técnica que é controlada e dirigida pelos seres humanos. A segurança do futuro *kairológico* repousa sobre a promessa e a fidelidade de Deus e sua Palavra.

Nosso tema tem um terceiro eixo, que se articula com os dois primeiros, ou seja, a contribuição da VR, a Teologia da Libertação e a orientação para o futuro. Os rápidos progressos tecnológicos abrem cada vez mais a imaginação para o futuro, que quase sempre se reduz a pensar novos avanços na tecnologia. Daí o paradoxo de estar superadiantados no que se refere à técnica e cada vez mais atrasados no que se refere à ética.

Não temos valores nem normas que nos ajudem a nos orientar como seres humanos em meio a tantas maravilhas tecnológicas. Por isso a contribuição da VR para o futuro da humanidade não vai pela tecnologia, mas, melhor, pelo

sentido da vida: encontrar o sentido do porquê e do modo como vivemos.

Este "viver com sentido" descansa sobre a experiência de "viver em comunhão" saindo ao encontro do outro. Outro que é a diária e surpreendente descoberta do encontro com o outro da comunidade e o Outro divino que garante, com sua palavra, o cumprimento de sua promessa.

A origem e o fim da história têm dois termos científicos na teologia: a *protologia*, ou razão das coisas primeiras, e a *escatologia*, ou razão das coisas últimas. Entre esses dois pontos se desenvolve toda a existência humana e, dentro dela, a Igreja e a VR.

... a Vida Religiosa comprometida com "o penúltimo"...

Podemos afirmar que a vida humana se situa no campo das "coisas penúltimas". Se olharmos a história, desde seus começos todos os acontecimentos se concatenam uns com os outros, são "efeitos" de "causas eficientes".

Mas o mais específico do ser humano é ter "fins", isto é, razões e motivos para viver. As "causas finais" funcionam ao contrário das "causas eficientes". Estas últimas são lembradas a partir de efeitos, as finais são pensadas antes que os efeitos ocorram, fazem-nas existir mesmo quando como causa final só existam na mente. Atuam a partir do fim último para trás, nos fins intermediários que se tornam "penúltimos". O futuro se pensa a partir do último e, a partir daí, se realizam os compromissos.

... dá o sentido do "último"...

A VR tem sentido a partir do último, mas deve existir o firme compromisso com o penúltimo para que o último ocorra. Existimos e atuamos no espaço do penúltimo, mas é o último que orienta e justifica nosso atuar. O último é o momento em que Cristo oferece ao Pai os frutos e resultados de toda a história.

... com a reflexão escatológica dos votos

Na teologia da VR se recorre com frequência ao tema escatológico para explicar a vocação ao celibato: a VR prefigura de alguma maneira as relações humanas definitivas onde a finalidade da procriação já não tem sentido, e onde a experiência do amor se estende do conjugal para toda a fraternidade e sororidade humanas.

O mesmo se pode dizer da pobreza e da obediência. Nosso ensaio da luz a partir do último sobre as tarefas do penúltimo é, pois, uma contribuição da VR para o futuro da teologia e da própria fé, da própria Igreja.

Mas há uma consideração prévia. Na teologia dos votos se tem destacado o aspecto da "renúncia", por exemplo, do matrimônio pelo celibato, do dispor de bens próprios pela pobreza, ou de projetos pessoais pela obediência.

Em toda hierarquia de valores é preciso preferir os superiores aos inferiores. Expressamo-lo ao dizer "vale a pena". Há "pena" quando há "valor". Não é suficiente compreender os votos a partir das "penas das renúncias" sem dizer os "valores que anunciam".

A castidade e o valor universal da fraternidade e sororidade

Deus criou o homem e a mulher à sua imagem e semelhança, mas o corpo humano tem um sentido limitado pelo tempo. A vida que se propaga em nossa espécie é semelhante à dos seres vivos. A tarefa de propagá-la existe há tanto tempo quanto existe a criação, e o instinto dessas vidas é protegê-las por um núcleo vital que chamamos "família". Mas o humano se joga na tensão entre os círculos protetores do "nosso" e a realidade universal de toda a espécie humana, mais além de qualquer limite.

O "último" da afetividade humana ilumina o penúltimo dos afetos restritos a famílias, raças, povos. As restrições conduzem à morte, às guerras, à destruição dos outros. Pelo penúltimo buscamos o equilíbrio entre o universal do

humano e o particular dos grupos que existem dentro da universalidade.

O símbolo do universal humano, que, no caso, é um ser humano singular e único, é o "próximo", a que cada um deve amar "como a si mesmo". Amamos a humanidade inteira com um coração aberto, mas em circunstâncias bem limitadas e concretas, "penúltimas".

Viver em comunidades de pessoas consagradas nos permite dedicar-nos por inteiro a servir a todos os filhos e filhas de Deus que formam a grande família humana. A globalidade desse amor sem limites tem, sem dúvida, prioridades e preferências determinadas pelas características das pessoas às quais devemos amar.

O amor que nasce do nosso coração se sente atraído de forma particular pelos que mais carecem de amor. A VR é a disponibilidade para poder preferir os que mais necessitam de um amor verdadeiro.

Também na VR há muito de egoísmo, de interesses pessoais, de inveja, de lutas pelo poder. Insistentemente devemos pedir a graça da comunhão, do amor transparente, do ajudar a quem mais necessita da nossa palavra ou gesto amigo e fraterno. O encontro entre pessoas tem suas exigências em todos os estados de vida – confirma-o a crise relacional dentro do casamento.

A pobreza e o uso de bens para servir ao próximo

A pobreza vivida na VR não pode ser confundida com a simples boa administração dos bens. Não faz falta estar motivado pelo Reino de Deus para ser um bom administrador. Também os reinos deste mundo se orientam por tal critério. Se na castidade o amor universal de irmãos e irmãs orienta a segurança dos grupos particulares que se opõem uns aos outros, e nos abre a todos, também na pobreza a referência ao que se possui deve estar em equilíbrio com as necessidades próprias e as do próximo.

O sábio "ter" de um crente em Jesus deve guiar-se por dois critérios: primeiro, o serviço dos próximos necessitados, porque eles e nós formamos a unidade humana, e o destino dos bens não é seu acúmulo, mas servir à vida; segundo, pela razão histórica de que Jesus "foi o amigo dos pobres", isto é, buscou a amizade dos que eram excluídos na sociedade do seu tempo.

A teologia da VR tem recorrido à escatologia para fundamentar o sentido profético da castidade, mas foi muito fraco o recurso à escatologia para o tema da pobreza, sendo precisamente este ponto o que com mais clareza aparece nos Evangelhos.

A escatologia cristã deve ser continuamente reinventada a partir da cena do juízo final de Mt 25. Os famintos, sedentos, nus, sem teto, encarcerados, doentes, são os primeiros a pedir nossa atenção. Essa "prioridade" não é de tipo sociológico ou humanitário, para as comunidades de fé que constituem os núcleos de VR a prioridade é cristológica, cristocêntrica. Escatologia e pobreza formam um conjunto temático de alto conteúdo teológico.

Se a VR oferece à teologia algo novo, é porque a partir do seu modo de viver suscitou-se uma reflexão (*logos*) que alimentou uma práxis de serviço preferencial aos pobres. A opção preferencial pelos pobres, da qual a Teologia da Libertação fala com insistência, necessita de testemunhos claros e evidentes.

Viver a pobreza como um voto não é só comprometer-se com um melhor uso racional do que se tem graças a uma administração centralizada que controla os bens, mas abrir o coração à amizade daqueles que Cristo privilegiou ao anunciar o Reino.

A pobreza religiosa não mede relação com coisas, mas com pessoas, e estabelece prioridades não para os que mais têm, mas aos que têm menos ou nada.

Voltando a uma eclesiologia que busca na comunidade de discípulos-missionários o germe da vida institucional da Igreja, reafirmamos nossa grande contribuição como religiosas(os): a de viver em autênticas comunidades discipulares que se fazem missionárias.

Nós, religiosas(os), assumimos como estilo de vida e de forma permanente aquela comunidade de discípulos-missionários ao redor de Cristo. Oferecemos a toda a Igreja o viver essa comunidade de fé "em tempo integral", experimentando os momentos de fidelidade, e também os de infidelidade, quando não sabemos sair dos egoísmos pessoais para buscar o bem de todos.

A vida em comunidade como contribuição oferece, ademais, o testemunho da preferência pelos pobres, a quem nos vinculamos de modo especial pela pobreza. Religiosos e religiosas, deveríamos ser os "especialistas" na descoberta da presença de Cristo nos pobres. Temo-lo recordado ao falar da contribuição à Teologia da Libertação.

O juízo sobre a realização definitiva da história

O voto de obediência vincula nossa vontade e liberdade com a de Deus. O "último" da obediência ao sentido da criação julgará nossa obediência "penúltima" em circunstâncias e mediadores da vontade divina.

Mt 25,31-46 é o clássico texto para destacar a atitude em direção aos pobres como critério de juízo de salvação e de condenação. Mas foi dada pouca importância ao vínculo que existe entre a Protologia e a Escatologia, apesar de estar claramente enunciado: "Vinde, benditos de meu Pai! Recebei em herança o Reino que meu Pai vos preparou desde a criação do mundo".

O "fim do mundo" tem dois sentidos: o de fim (o mundo que começou se acaba) e o de finalidade (o mundo que foi criado é coroado pela "herança do Reino"). Este segundo sentido é o que une o mundo criado como projeto e aberto à nossa liberdade e o mundo como resultado final de ações humanas e da graça de Deus.

A criação realizada por Deus põe no cenário cósmico pessoas e coisas: às primeiras é pedido perpetuar a espécie humana pelo amor que une os seres "em uma só carne", as segundas são dadas como objetos sobre os quais se deve exercer o domínio, as coisas devem estar a serviço da vida satisfazendo as necessidades humanas desde as elementares, como bebida, comida e vestuário, até as mais sofisticadas, como teto e solidariedade na solidão da doença ou da prisão.

A narrativa do juízo final destaca a necessidade de ser ajudados de forma gratuita, os serviços não são cobrados. Os objetos que se compartilham são oferta de pessoa para pessoa. O maior uso e domínio das coisas é aproximar as pessoas pelo reconhecimento de que as necessidades de todo ser humano são desafios para o dom e a generosidade, e *o maior dom que um ser humano pode oferecer a outro é "estar presente" ali onde outro ser humano não tem ninguém a seu lado.*

A vontade do Criador foi obedecida, coisas e pessoas entraram em modos de relação que agradaram ao Criador: para isso foram criadas. Mas há, além disso, um aspecto fundamental: ter agido assim é ter alcançado o próprio Filho, feito carne nos carentes e nos doadores.

A Encarnação do Filho é a linha divisória de aprovação ou condenação. Sem dúvida, o dom gratuito da fé, por ele se reconhece paternidade e filiação, parece não ter sido motivo consciente do agir que a alguns salvou e a outros condenou. "Quando te demos de comer...?"

Os motivos que o Filho dá indicam que ele estava presente de forma inexplicável em cada próximo a que cada um devia amar como a si mesmo, isto é, reconhecer-se como humano ao reconhecer outro ser humano carente e compartilhar com ele ou ela os próprios bens.

Mas agora, ao voltar nossa atenção para o escatológico, somos convidadas(os) a viver com coerência o encontro de Cristo nos pobres como futuro da humanidade.

Todos seremos julgados por esta medida, os crentes e os não crentes. Os dos grandes grupos que serão separados no juízo final não serão os que sabem que Cristo está nos pobres e os que não o sabem, mas os que amaram os pobres e os que não os amaram. Haverá crentes que não amaram e não crentes que, sim, amaram. O juízo não é decidido pelo

que sabemos ou confessamos, mas sobre o que fazemos ou deixamos de fazer.

Este é o futuro da humanidade a que a VR deve dedicar seu empenho para anunciar e viver. Este é o futuro "ético" que exige a conversão dos corações, não o futuro "técnico" que tanto fascina o mundo e nos aprisiona a todas e todos na vertigem do consumismo egoísta.

A comunidade de discípulos-missionários se articula ao redor do Mestre. Isso vale para todos os discípulos em todos os tempos, mas têm de estar conscientes da diferença inevitável entre os discípulos pré-pascais, que conviveram pessoalmente com Cristo, e os pós-pascais, que formamos o restante através de todos os séculos.

Nossa experiência de encontro com o Mestre será diferente da deles, será busca e encontro em "lugares" nos quais sabemos que está, mas pela fé: a Palavra, a Igreja, a Eucaristia e o Pobre. As três primeiras presenças nascem já da fé. Na quarta há uma realidade palpável a nossos sentidos: a existência do pobre e uma realidade de fé: nessa existência se encontra Cristo.

Nossa missão nos envia a um mundo onde há pobres, e nosso modo de falar deles, de tratá-los e de preferi-los anuncia melhor do que nossas palavras a certeza de que neles está Cristo.

O futuro da humanidade será julgado a partir dos pobres, a partir de nossa atitude gratuita de servi-los. A humanidade será dividida em dois grupos, mas não dos que têm fé e dos que não a têm e sim daqueles que deram de comer ao pobre faminto ou não o fizeram, de tal modo que haverá crentes que não serão aceitos e não crentes que, sim, serão aceitos; haverá crentes e não crentes que não deram de comer e crentes e não crentes que, sim, deram de comer.

O futuro da humanidade será um juízo sobre nossas obras e não sobre nossos saberes ou nossas palavras. Este futuro é o que interessa, e a Igreja como comunidade de discípulos-missionários existe para conduzir-nos ao serviço dos pobres.

Em nosso modo de aproximar-nos deles, explicitando nosso profundo respeito e amor ao Cristo reconhecido neles, se anuncia do modo mais claro possível nossa mensagem missionária. Deve haver uma diferença visível em nosso modo de amar e servir ao pobre que chame a atenção do não crente. Para ser testemunhos desta fé em uma comunidade fomos escolhidos, e esta é nossa vocação no mundo.

Nosso carisma não é o único nem o mais importante. Como se mede a "importância" dos carismas? Pelo que são "em si", de forma abstrata, ou pelo modo de ser vividos, de forma concreta? Pode haver carismas simples e humildes, mas que iluminam mais os outros em seu encontro com Cristo. A viúva que depositou centavos como esmola no templo significou mais luz que os que depositaram, talvez, milhões.

Jesus nos convida a este modo de reconhecer os carismas, a fugir de toda a ostentação, a viver na autenticidade e no amor da simplicidade e da verdade. Nosso trabalho missionário exige que, com todo nosso coração e razão, saibamos fazer que a comunidade seja o ambiente onde a autoridade seja exercida de forma evangélica. Que a fraternidade dos que se sentam à mesa seja ensinada pela humildade das autoridades que interpretam sua tarefa como serviço, assim como Jesus lavou os pés dos discípulos.

O futuro nos espera, somos chamados a construir uma Igreja com raízes em Aparecida, pelo tema do discipulado. Trata-se de compreender nossa missão como sentido de uma comunidade de VR, e como encontro de discípulas(os) com o Mestre encontrado nos pobres e nos outros três lugares de presença pela fé: Palavra, Igreja, Eucaristia. Aqui se define nossa missão. O futuro de toda humanidade julgado a partir de Mt 25 deve orientar todos os futuros, próximos e remotos, para o encontro de Cristo nos pobres.

Se na narração do juízo se recorda o "início da criação" e se estabelece o juízo da história pelas obras de serviço ao próximo, a partir desta escatologia têm sentido nossos votos, porque a castidade de "viver como anjos" é voltar à unidade humana do amor interpessoal na universalidade dos

"próximos", aos quais verdadeiramente amaremos como a nós mesmos, e a pobreza nos terá conduzido ao mistério de quem se fez, pela Encarnação, nosso próximo em todo lugar e tempo. Desse modo teremos obedecido à vontade do Pai de irmãos e irmãs que usaram o mundo criado para a glória do Criador.

Índice anual/2009

Editorial

N./MÊS	PÁG.	TÍTULO	AUTOR(A)
418/Jan-Fev	1	No limiar do novo ano, um renovar de esperanças	Maria Juçara dos Santos, fdz
419/Março	113	Na contramão da história a ousadia profética faz a diferença	Maria Juçara dos Santos, fdz
420/Abril	185	A experiência da Ressurreição de Jesus	Vera Ivanise Bombonatto, fsp
421/Maio	265	Vida nova: consequência da Ressurreição de Jesus	Maria Juçara dos Santos, fdz
422/Junho	345	Alargando horizontes	Maria Juçara dos Santos, fdz
423/Jul-Ago	433	Rompendo as sombras na trajetória da vida	Maria Juçara dos Santos, fdz
424/Setembro	513	Partir de Cristo para assumir os desafios do caminho	Maria Juçara dos Santos, fdz
425/Outubro	577	Ousadia profética	Maria Juçara dos Santos, fdz
426/Novembro	657	Por ora, deixa, é assim que devemos cumprir toda a justiça (Mt 3,15)	Maria Juçara dos Santos, fdz
427/Dezembro	721	Vem, Senhor Jesus! (Ap 22,20b)	Maria Juçara dos Santos, fdz

Mensagens

N./MÊS	PÁG.	TÍTULO	AUTOR(A)
418/Jan-Fev	5	Combater a pobreza, construir a paz	Bento XVI
419/Março	116	A visão teológica da Carta aos Efésios	Bento XVI
420/Abril	188	Mensagem para o 43º Dia Mundial das Comunicações Sociais	Bento XVI
421/Maio	269	A confiança na iniciativa de Deus e a resposta humana	Bento XVI
422/Junho	349	Seminário Latino-Americano e Caribenho de Religiosos Leigos	Irmãos Religiosos Leigos – CLAR
423/Jul-Ago	436	Homilia do Papa Bento XVI por ocasião da abertura do Ano Sacerdotal	Bento XVI
	442	Carta da Vida Religiosa do Brasil presente no Seminário da Vida Religiosa Inserida e Solidária	Vida Religiosa Inserida e Solidária
424/Setembro	517	Mensagem da VRC no encerramento da XXVII Assembleia geral da CLAR	Ivete Soto, mpb, e Carmelo Hernández, ocd
425/Outubro	580	Carta final do XII Intereclesial às Comunidades Eclesiais de Base	Equipe de Redação do XII Intereclesial
426/Novembro	652	Carta encíclica *Caritas in Veritate* do Sumo Pontífice	Bento XVI
427/Dezembro	724	Declaração de Manaus – III Encontro Regional sobre a Amazônia	Participantes do Encontro

Informes CRB

N./MÊS	PÁG.	TÍTULO	AUTOR(A)
418/Jan-Fev	–	–	–
419/Março	123	A ética na formação afetivo-sexual – IV Congresso de Psicologia	Equipe de Redação Convergência
420/Abril	194	I Encontro Internacional de Revistas de Vida Religiosa	Maria Juçara dos Santos, fdz
	195	Tráfico de pessoas: uma grave violação dos Direitos Humanos	Eurides Alves de Oliveira, icm
421/Maio	274	Seminário da CLAR	Célia Aparecida Bahú, cp
422/Junho	352	Seminário da Vida Religiosa Inserida e Novos Espaços de Presença Solidária	CRB-Regional São Paulo
423/Jul-Ago	444	Uma reflexão sobre o Fórum Social Mundial e a nossa Vida Religiosa Consagrada	João Maria Van Doren
424/Setembro	520	III Seminário de Espiritualidade Bíblica: "Caminho para a Vida em Abundância"	Equipe de Redação Convergência
	522	I Reunião Ampliada de Psicologia	Equipe de Redação Convergência
425/Outubro	589	Missão Continental	José Altevir da Silva, cssp/CNBB

Informes CRB

N./MÊS	PÁG.	TÍTULO	AUTOR(A)
426/Novembro	660	Regionais da Conferência dos Religiosos do Brasil elegem novas Diretorias	Equipe de Redação Convergência
427/Dezembro	731	CERNE: Oceano Luminoso no universo da Vida Religiosa do Brasil	Clessi Maria Pauletto, icm

Artigos

N./MÊS	PÁG.	TÍTULO	AUTOR(A)
418/Jan-Fev	17	O Sínodo da Palavra de Deus	Johan Konnings, sj
	34	Segurança Pública: direito do cidadão	Robson Sávio Reis Souza
	53	Encruzilhadas da vida em comunidade. Espiritualidade e comunitariedade	Helena Teresinha Rech, sst
	70	Formar para a fidelidade numa cultura *light*	Afonso Tadeu Murad, fms
	86	Interinstitucionalidade: o nosso tão importante quanto o meu	Equipe Itinerante em Missão na Amazônia

Artigos

N./MÊS	PÁG.	TÍTULO	AUTOR(A)
419/Março	131	A lucidez na Vida Consagrada	João Batista Libanio, sj
	147	Acompanhamento na Vida Religiosa	Paulo Lari Dullius, fsc
	158	"Haja entre vós o mesmo sentir e pensar que no Cristo Jesus" (Fl 2,5)	Thomaz Hughes, cvd
	171	"Tudo tem jeito. Só não tem jeito para a morte"	Francisco de Aquino Júnior
420/Abril	198	Espiritualidade que gera militância	Carlos Josaphat, op
	215	O herdeiro e a vinha. Reflexões à luz de *Nostra Aetate*	Aíla L. Pinheiro de Andrade
	226	Vocação à santidade: dom, compromisso e profecia	Vinícius Augusto R. Teixeira, cm
	245	Re-encantar-se no princípio... (1ª parte)	Tea Frigério, mmx
421/Maio	278	A dimensão litúrgico-pascal da Vida Religiosa Consagrada	Moacir Casagrande, ofmcap
	302	Fórum Social Mundial: outro mundo é possível	Inês Pretto, idp
	308	Re-encantar-se no princípio... (2ª parte)	Tea Frigério, mmx
	328	Evangelho da não violência	Lúcia Weiler, idp

Artigos

N./MÊS	PÁG.	TÍTULO	AUTOR(A)
422/Junho	364	50 Anos da Confederação Latino-Americana e Caribenha de Religiosos e Religiosas	Victor Codina, sj
	374	Atualidade da Teologia da Libertação	Francisco de Aquino Júnior
	398	Bioética e valores cristãos: em busca de alguns discernimentos fundamentais	Léo Pessini, camiliano
	416	Maria e a Mística da mesa: uma mulher profundamente eucarística	Eugênio Martins Barbosa, sss, e Marcelo Silva, sss
423/Jul-Ago	447	A refundação dos Religiosos: uma exigência do Espírito	Jaldemir Vitório, sj
	479	Marcas geracionais. Impasses e dilemas religiosos	Brenda Carranza
	501	Dom Helder e a Vida Religiosa	José Comblin
424/Setembro	523	Vida Religiosa e Teologia – CLAR, 50 anos	Israel José Nery, fsc
	539	Provocações de Aparecida à Vida Religiosa	Agenor Brighenti
	558	Juventudes e Vida Religiosa: possibilidades de aproximação	Rubens Numes da Mota, ofmcap

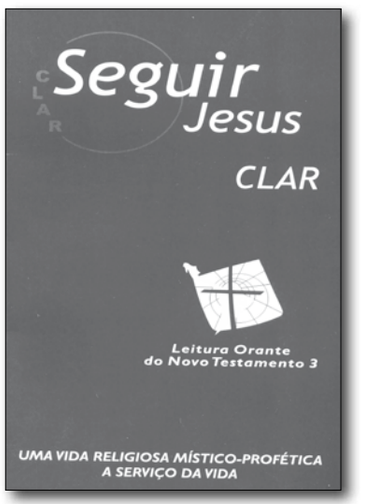
Artigos

N./MÊS	PÁG.	TÍTULO	AUTOR(A)
	567	A Vida Religiosa Contemplativa no mundo da ciência e da tecnologia	Martha Lúcia Ribeiro Teixeira, osb
425/Outubro	592	Apelos missionários da Amazônia para a Vida Religiosa Consagrada	Ricardo Castro, mc
	607	Foram e viram! (Jo 1,39). Experiências que fazem diferença	Delir Brunelli, cf
	626	A dinamicidade da identidade na Vida Consagrada	Carmem Lussi
	642	Dar fundo no poço. Breve reflexão sobre o Religioso Irmão	Denilson Mariano da Silva, sns
426/Novembro	665	Religiosos ordenados: tentativa de solução a partir do "princípio da economia"	Francisco Taborda, sj
	676	"Tende em vós os mesmos sentimentos de Cristo" (Fl 2,5)	Aíla L. Pinheiro e Igor da Silva Miguel
	693	A oração dos salmistas. Algumas formas de falar com Deus	Ângela Cabrera, op
	706	Pastoral Afro-Brasileira: um olhar sobre a caminhada da Pastoral Afro-Brasileira da CNBB	Jurandyr Azevedo Araujo, sdb
427/Dezembro	738	Superiores, não exaspereis vossos religiosos (Cf. Ef 6,4)	Giovanni Cipriani, op, e Eliana S. Fagundes

Artigos

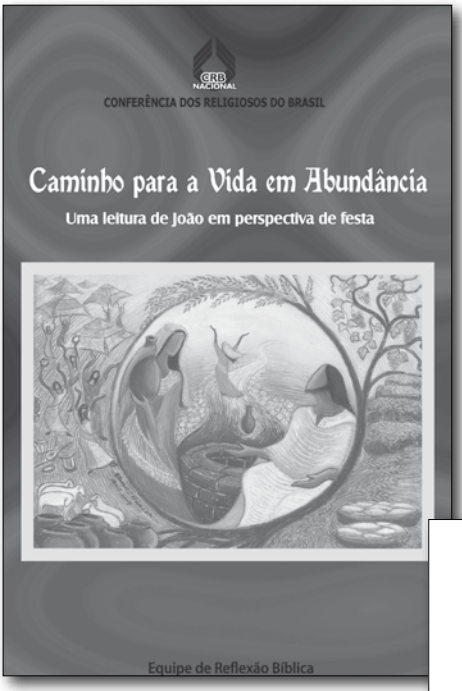
N./MÊS	PÁG.	TÍTULO	AUTOR(A)
	749	Deus migrante. Para uma experiência cristã do êxodo e miscigenação	Carlos Mendoza Alvarez e Juana Angeles Zarate Zeledón
	769	Natal: o nascimento do Messias. O presépio: memória e reconhecimento do Messias	Paulo Lari Dullius, fsc
	776	Vida Religiosa Consagrada: um sinal de Deus na Modernidade líquida	César Thiago do Carmo Alves, cfmi

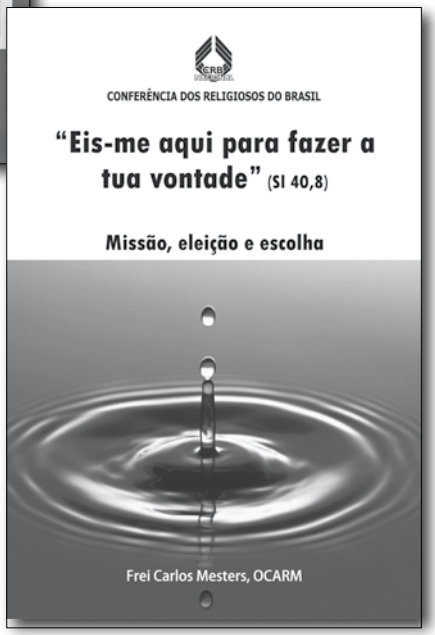
Publicações da CRB



Faça seu pedido:
SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II
70393-900 – Brasília – DF
E-mail: crb@nacional.org.br

Publicações da CRB





Faça seu pedido:
SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II
70393-900 – Brasília – DF
E-mail: crb@nacional.org.br